

SANTO IRENEU DE LIÃO



CONTRA AS HERESIAS

IV LIVRO

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

Vatican News

Texto extraído do Vol. 04, «Contra as Heresias», da colecção
"Patrística", editada por "PAULOS"

CONTINUIDADE ENTRE ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

PREFÁCIO

Pr., 1. Com este quarto livro que te enviamos, ó caríssimo amigo, da obra de denúncia e refutação da pseudognose, confirmaremos com as palavras do Senhor, conforme nossa promessa, o que foi exposto precedentemente, para que, conforme o teu pedido, tenhas, de nossa parte, todos os meios para refutar os hereges e, derrotados, não os deixes afundar no abismo do erro, mas dirigindo-os ao porto da verdade, os faças chegar à salvação.

Pr., 2. Quem os quiser converter deve conhecer perfeitamente a doutrina e os argumentos deles, porque não se pode curar um enfermo se não se conhece a doença que o acometeu. Por isso, os nossos predecessores, melhores até do que nós, não puderam responder adequadamente aos discípulos de Valentim, pois não conheciam a doutrina deles, aquela mesma que expusemos diligentemente no primeiro livro que te entregamos, onde demonstrávamos que ela era a recapitulação de todas as heresias. Por isso, no segundo livro, nós os mantivemos como alvo de toda a nossa refutação; de fato, os que se lhes opõem convenientemente, opõem-se também a todos os detentores de opiniões falsas e quem os refuta, refuta todas as heresias.

Pr., 3. Com efeito, a doutrina deles é a mais blasfema de todas, pois dizem que o Autor e Criador do universo, — que é o único Deus, como demonstramos — foi emitido por uma desviação ou por uma degradação. Mas eles blasfemam também contra o nosso Senhor, separando e distinguindo Jesus do Cristo e o Cristo do Salvador, e ainda o Salvador do Verbo e o Verbo do Unigênito. E como dizem o Criador ser emitido a partir de uma desviação ou degradação, assim também ensinam que o Cristo e o Espírito Santo foram emitidos por causa desta degradação e que o Salvador é o fruto dos Éões que se encontraram nesta degradação: enfim não há nada neles que não seja blasfêmia. No livro precedente, portanto, foi mostrado o pensamento dos apóstolos sobre estes pontos e como não somente não pensaram nada disso “os que foram, desde o início, as testemunhas oculares e ministros da palavra da verdade”,² mas nos pregaram que se fugisse de tais opiniões, prevendo no Espírito que estes seduziriam os mais simples.

Pr., 4. “Como a serpente seduziu Eva”,³ prometendo-lhe o que ela não possuía, assim estes, a pretexto de gnose mais alta e de mistérios inenarráveis e com a promessa da assunção no seio do Pleroma, levam à morte os que acreditam neles, tornando-os apóstatas daquele que os criou. O Anjo rebelde, que outrora provocara, por meio da serpente, a desobediência dos homens, julgou fugir aos olhares de Deus e por isso Deus lhe deu aquela forma e aquele nome. Porém, nestes que são os últimos tempos, o mal se propaga entre os homens não somente tornando os apóstatas, mas ainda blasfemadores contra quem os criou, por meio de muitas maquinações, isto é, por todos os hereges de que falamos. Todos, com efeito, mesmo provindo de lugares diversos e ensinando doutrinas diferentes, convergem no mesmo propósito blasfemo: ferir mortalmente, ensinando a blasfemar Deus, nosso Criador e Nutridor e a não crer na salvação do homem. O homem é composto de alma e de corpo, uma carne formada à imagem de Deus e modelada pelas suas mãos,⁴ isto é, pelo Filho e o Espírito, aos quais disse: “Façamos o homem”. Este é o propósito daquele que inveja a nossa vida: tornar os homens incrédulos da sua salvação e blasfemos contra o Deus que os criou. Sejam quais forem as declarações solenes que fazem, todos os hereges chegam por fim a isto: a blasfemar o Criador e a negar a salvação desta criação de Deus, que é o homem, pelo qual precisamente o Filho de Deus atuou toda a economia como mostramos de muitos modos, salientando que nenhum outro é

chamado Deus pelas Escrituras, a não ser o Pai de todas as coisas, o Filho e os que receberam a adoção filial.

DEUS ÚNICO, PAI E DEMIURGO

Pelo testemunho de Jesus

1,1. Sendo certo e indiscutível que ninguém mais foi proclamado Deus e Senhor pelo Espírito a não ser o Deus que tem autoridade sobre todas as coisas com o seu Verbo e os que recebem o Espírito de adoção, isto é, os que crêem no verdadeiro Deus e em Cristo Jesus, Filho de Deus; que os apóstolos, por sua vez, nunca chamaram a alguém, por sua conta, de Deus e Senhor; e muito menos nosso Senhor, que nos ordenou não reconhecer ninguém como Pai, a não ser aquele que está nos céus, que é o único Deus e o único Pai, fica claramente provada a falsidade das afirmações de sofistas enganadores e perversos segundo os quais é naturalmente Deus e Pai aquele que eles imaginaram e não o Criador, que não é Deus nem Pai por natureza, e que é chamado assim, por modo de dizer, porque tem autoridade sobre a criação, como dizem esses gramáticos depravados que sofisticam a respeito de Deus, e repudiando o ensinamento de Cristo e excogitando falsas adivinhações argumentam contra toda a economia de Deus. Com efeito, dão o nome de deuses, pais, senhores e até de céus aos seus Éões; e à Mãe, que eles chamam também Terra e Jerusalém, atribuem muitos outros nomes.

1,2. Mas quem não entende que se o Senhor tivesse conhecido muitos pais e deuses não teria mandado aos seus discípulos não reconhecer senão um único Deus e chamar somente a este de Pai? E até distinguiu os assim chamados deuses do verdadeiro Deus para que não se enganassem, seguindo a sua doutrina, em tomar um pelos outros. Se ele nos tivesse mandado chamar Pai e Deus a um só e depois tivesse reconhecido ora um ora outro como Pai e Deus no mesmo sentido, mostrar-se-ia como mandando uma coisa aos discípulos e ele fazendo o contrário. Isso não seria próprio de bom mestre, mas de enganador e invejoso. E os apóstolos, segundo eles, se mostrariam transgressores do mandamento, reconhecendo o Criador como Senhor, Deus e Pai, como demonstramos, se ele não fosse o único Deus e Pai. Seria para eles a causa desta transgressão o Mestre que lhes prescreveu chamar Pai a um só, obrigando-os a reconhecer o Criador como Pai, como foi mostrado.

Pelas palavras de Moisés

2,1. Moisés, recapitulando no Deuteronômio toda a Lei recebida pelo Demiurgo, diz assim: “Presta atenção, ó céu, e falarei, e a terra escute as palavras da minha boca”;⁵ por sua vez Davi diz que o socorro lhe vem do Senhor: “O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra”;⁶ e Isaías diz falar da parte daquele que fez o céu e a terra e tem autoridade sobre eles: “Escuta, ó céu, e tu, terra, presta ouvidos, porque o Senhor falou”; e ainda: “Assim fala o Senhor Deus que fez o céu e o firmou, que estabeleceu a terra e o que ela contém, que dá a vida aos que estão na terra e o Espírito aos que a pisam”.⁷

2,2. Por sua vez, nosso Senhor Jesus Cristo reconhece este mesmo Criador como seu Pai, quando diz: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra”.⁸ Que Pai devemos entender segundo estes perversíssimos sofistas de Pandora? O Abismo por eles inventado, ou a Mãe deles, ou o Unigênito? ou talvez o Deus falsamente imaginado por Marcião e os outros, que nós provamos longamente não ser Deus, ou — o que é a verdade — o Criador do céu e da terra, pregado pelos profetas, reconhecido por Cristo como Pai, anunciado pela Lei nas palavras: “Escuta, Israel, o Senhor teu

Deus é o único Senhor?”⁹

2,3. Que os escritos de Moisés são as palavras do Cristo ele próprio o diz, assim como João refere no seu Evangelho: “Se tivésseis crido em Moisés teríeis também crido em mim, porque é a meu respeito que ele escreveu; mas se não credes nos seus escritos não creereis nas minhas palavras”,¹⁰ indicando clarissimamente que os escritos de Moisés são suas próprias palavras. E se o são as de Moisés, sem dúvida são também suas as palavras dos outros profetas, como demonstramos. Ainda o próprio Senhor declarou que Abraão disse ao rico acerca dos homens que ainda viviam: “Se não escutam Moisés e os profetas não acreditariam tampouco se fosse a eles alguém ressuscitado dos mortos”.¹¹

2,4. Com isso ele não quis somente contar a história de um pobre e de um rico, mas, antes de tudo, ele nos quis ensinar que ninguém deve passar a vida nas volúpias, nos deleites seculares, na boa mesa e esquecer a Deus: “Havia, diz ele, um rico que se vestia de púrpura e linho fino e se deleitava em suntuosos banquetes”.¹² O Espírito já dissera pela boca do profeta Isaías ao falar deste tipo de pessoas: “Porque ao som das cítaras e das harpas, dos tamborins e das flautas tomam o vinho, mas eles não olham as obras de Deus e não vêem a obra de suas mãos”.¹³ Para não cairmos nas mesmas penas com eles, o Senhor nos mostra o seu fim e nos dá a entender que se escutassem Moisés e os profetas acreditariam também no que eles anunciaram, o Filho de Deus, ressuscitado dos mortos e doador da vida; e ensina que todas as coisas derivam de uma só substância, tanto Abraão, Moisés e os profetas como o próprio Senhor, que ressuscitou dos mortos e no qual acreditam muitos circuncidados que escutam Moisés e os profetas que anunciam a vinda do Filho de Deus. Quanto aos que o desprezam e dizem derivar de outra substância, eles não o reconhecem como o primogênito dos mortos, pois concebem como que dois seres separados, um Cristo que ficou para sempre impassível e um Jesus que sofreu a paixão.

2,5. O Pai não lhes concede conhecer o Filho nem aprendem a conhecer o Pai pelo Filho que ensina abertamente e sem parábolas o verdadeiro Deus: “Não jureis por nada — ele diz — nem pelo céu que é o trono de Deus, nem pela terra que é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém que é a cidade do grande Rei”.¹⁴ Estas palavras designam claramente o Criador, como já dizia Isaías: “O céu é o meu trono e a terra é o escabelo dos meus pés”.¹⁵ E, fora ele, não existe outro Deus, porque não seria reconhecido como Deus, nem por grande Rei, pelo Senhor, porque tal dignidade não admite comparação nem superioridade; quem tem acima de si superior e se encontra em poder de outro, não pode ser chamado grande Rei nem Deus.

2,6. Nem poderão dizer que estas expressões são metafóricas, porque, pelas próprias palavras se devem convencer que devem ser entendidas em sentido próprio. Com efeito, era a própria Verdade que falava e reivindicava verdadeiramente a sua casa, quando afastava dela os trocadores que compravam e vendiam moedas, dizendo-lhes: Está escrito: “A minha casa será chamada casa de oração, mas vós fizestes dela covil de ladrões”.¹⁶ Qual motivo poderia ter para agir e falar daquele modo, reivindicando a casa como sua, se anunciasse outro Deus? Mas com isso ele os queria denunciar como transgressores da Lei do seu Pai, pois não incriminava a casa, nem condenava a Lei que ele veio completar, e sim repreendia os que não usavam bem da casa e violavam a Lei. Por isso, os escribas e os fariseus, que desde os tempos da Lei começaram a menosprezar Deus, também não receberam o seu Verbo, isto é, não creram no Cristo. Isaías dizia deles: “Eles são indóceis, são companheiros de ladrões; gostam de presentes, vão atrás de propinas; não fazem justiça aos órfãos e não tratam dos processos das viúvas”.¹⁷ Da mesma forma fala Jeremias: “Os chefes de meu povo não

me conheciam; são filhos insensatos e imprudentes; hábeis em fazer o mal, não souberam fazer o bem”.¹⁸

2,7. Todos aqueles, porém, que temiam a Deus e eram zelosos em praticar a Lei, acorreram ao Cristo e foram todos salvos: “Ide — dizia a seus discípulos — às ovelhas perdidas da casa de Israel”.¹⁹ Também se diz dos samaritanos que, tendo permanecido por dois dias com eles, foram muito mais os que creram por causa das suas palavras e diziam à mulher: “Já não cremos pela tua conversa: nós próprios escutamos e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo”.²⁰ E Paulo, por sua vez, diz: “E assim todo Israel será salvo”.²¹ E mais, ele diz que a Lei é o nosso pedagogo que nos leva ao Cristo. Não se culpe a Lei como causa da incredulidade de alguns! A Lei não os impedia de crer no Filho de Deus, até os convidava, dizendo que os homens não podiam ser curados da antiga ferida da serpente senão crendo naquele que, elevado da terra no lenho do martírio, na semelhança da carne do pecado, atrai a si e vivifica os mortos.²²

Resposta a duas objeções

3,1. Eles podem dizer com malícia: Se o céu é o trono de Deus e a terra o seu escabelo, também se diz que o céu e a terra passarão; então passará também com eles aquele Deus que está sentado neles e por isso não será mais o Deus que está acima de todas as coisas. Primeiro, não sabem em que sentido o céu é trono e a terra escabelo; mas eles não sabem sequer quem é Deus e pensam que, como um homem, senta-se sobre estas coisas e seja contido por elas e não que ele as contém. Desconhecem também o que significa o passar do céu e da terra, mas Paulo, que não o ignorava, dizia: “Passa a figura deste mundo”.²³ Ademais, a questão já foi resolvida por Davi: quando esta figura passará, não é somente Deus, ele diz, que há de ficar, mas também os seus servos. No salmo 102, assim se exprime: “No princípio firmaste a terra, Senhor, e o céu é obra de tuas mãos; eles perecerão, mas tu permanecerás; como um vestido hão de ficar gastos e como uma veste os mudarás, e ficarão mudados; tu, porém, és sempre igual e os teus anos não terão fim; os filhos dos teus servos terão morada e a posteridade deles será estável para sempre”,²⁴ mostrando claramente quais são as coisas que passam e quem permanece para sempre, Deus e os seus servos. Isaías diz o mesmo: “Levantai vossos olhos para o céu e olhai em baixo para a terra, porque o céu é firme como o fogo e a terra envelhecerá como vestido; os que neles moram, como eles morrerão, mas a minha salvação permanecerá eternamente e a minha justiça não se extinguirá”.²⁵

4,1. Ainda, acerca de Jerusalém e da casa, ousam dizer que se ela fosse a cidade do grande Rei, nunca seria abandonada. É como se dissessem: se a palha é criatura de Deus nunca seria abandonada pelo grão de trigo; ou, se os sarmentos da vinha fossem feitos por Deus, quando não têm cachos, nunca seriam podados. Ora, estas coisas foram feitas essencialmente não para si mesmas, mas para o fruto que deve crescer nelas; quando o fruto amadureceu e foi colhido, são abandonadas e jogadas fora, pois já não são úteis para frutificar. Assim Jerusalém, que carregou o jugo da servidão com o qual foi domado o homem que não se submetia a Deus, quando a morte reinava, e, domado, se tornou apto para a liberdade, pela vinda do fruto da liberdade, que amadureceu, foi colhido e levado ao celeiro, enquanto eram levados de Jerusalém e espalhados pelo mundo inteiro os homens capazes de frutificar, segundo o que diz Isaías: “Os filhos de Jacó germinarão, Israel florescerá e o mundo inteiro será en-chido com seus frutos”.²⁶ Quando os seus frutos foram espalhados pelo mundo inteiro justamente foi abandonada e jogada fora aquela que uma vez deu o bom fruto — dela, com efeito, é que veio o Cristo segundo a carne, e os apóstolos — e agora já não serve para produzir frutos. Tudo

o que tem início no tempo deve ter fim no tempo.

4,2. Como “a Lei começara com Moisés era normal que acabasse com João, porque havia chegado o Cristo, o cumprimento dela; por isso eles tiveram a Lei e os profetas até João”.²⁷ Da mesma forma Jerusalém, depois de ter começado por Davi e ter completado o tempo da concessão da Lei, teve que acabar quando apareceu a nova aliança: com efeito, Deus faz todas as coisas com ordem e medida e junto dele não há nada de não medido ou não acabado. Usou uma expressão feliz aquele que disse que o próprio Pai que é incomensurável foi medido no Filho: com efeito, o Filho é a medida do Pai porque o compreende. É Isaías que diz que a administração deles era temporária: “A filha de Sião será abandonada como choça dentro da vinha e como telheiro em pepinal”.²⁸ Quando se abandonam estas coisas? Não é quando os frutos foram colhidos e só ficaram as folhas que já não podem frutificar?

4,3. Por que falamos só de Jerusalém quando é a figura de todo o mundo que deve passar, quando tiver chegado o tempo da sua passagem, para que o trigo seja recolhido nos celeiros e a palha seja lançada ao fogo? “O dia do Senhor é como fornalha acesa e os pecadores e todos os que praticam a iniquidade serão como palha e o Dia que vem os queimará”.²⁹ Ora, João Batista nos dá a conhecer quem é este Senhor que faz chegar o Dia, quando, ao falar do Cristo, diz: “Ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo; ele tem na mão a pá a fim de limpar a sua eira; recolherá o trigo no celeiro e a palha queimá-la-á com fogo inextinguível”.³⁰ Não é, portanto, diverso Aquele que cria a palha daquele que cria o trigo, mas único e idêntico, e será ele o juiz, isto é, o que os separará. Contudo, o trigo e a palha são seres sem alma nem inteligência e o que são é por sua própria natureza que o são; o homem, porém, é racional e por isso semelhante a Deus; criado livre e senhor de seus atos é para si mesmo a causa de ser ora palha ora trigo. Por isso será justamente condenado, porque, racional que é, abandonou a reta razão, e vivendo como os irracionais contrariou a justiça de Deus, entregando-se a todo espírito terreno e tornando-se escravo de toda voluptuosidade; como diz o salmista: “O homem que era tão honrado não entendeu, rebaixou-se ao nível dos animais irracionais e tornou-se semelhante a eles”.³¹

Jesus Cristo fala do Deus de Abraão

5,1. Portanto, Deus é único e idêntico, ele enrola os céus como um livro, e renova a face da terra; fez as coisas temporais para o homem, para que amadurecendo entre elas produza por fruto a imortalidade, e acrescenta as eternas por causa do seu amor, “para mostrar aos séculos vindouros a insondável riqueza da sua bondade”.³² Ele foi anunciado pela Lei e os profetas, ele que o Cristo reconheceu como Pai; ele o Criador e o Deus que está acima de todas as coisas, como diz Isaías: “Eu sou testemunha, diz o Senhor, e o Servo que escolhi para que saibais e creiais que eu sou; antes de mim não houve outro Deus nem haverá depois de mim; eu sou Deus e fora de mim não há salvador; eu anunciei e eu salvei”. E ainda: “Eu, Deus, sou o primeiro e o sou pelos tempos vindouros”.³³ Não é por metáfora nem por vanglória que diz estas coisas, mas porque era impossível conhecer a Deus sem a ajuda de Deus, então ele ensina os homens a conhecerem a Deus por meio do seu Verbo. Para os que não conhecem estas coisas e por isso pensam ter encontrado outro Pai, alguém diria justamente: “Vós vos enganais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus”.³⁴

5,2. Nosso Senhor e Mestre ao responder aos saduceus que negavam a ressurreição e por isso desprezavam a Lei e ridicularizavam a Deus falou da ressurreição e revelou ao mesmo tempo Deus, dizendo: “Errais: não conheceis as Escrituras nem o poder de Deus”; quanto à ressurreição dos

mortos não lestes esta palavra dita por Deus: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?” E acrescenta: “Ele não é o Deus dos mortos, mas dos vivos; todos, com efeito, vivem por sua virtude”.³⁵ Com isso tornou manifesto que aquele que da sarça falava a Moisés e declarava ser o Deus dos pais, é ele o Deus dos vivos.

Ora, quem é o Deus dos vivos a não ser o verdadeiro Deus acima do qual não há outro Deus? Aquele de quem falava o profeta Daniel quando respondeu a Ciro, rei dos persas, que lhe perguntava: “Por que não adoras a Bel?” “Porque não adoro ídolos feitos pelas mãos dos homens, mas o Deus vivo que fez o céu e a terra e que tem o poder sobre todos os homens”. E ainda: “Adorarei o Senhor, meu Deus, porque ele é o Deus vivo”.³⁶ Portanto, o Deus vivo adorado pelos profetas é o Deus dos viventes, e o seu Ver-bo, que falou a Moisés, que refutou os saduceus, que conce-deu a ressurreição, demonstrando, a partir da Lei, a estes cegos estas duas coisas, a ressurreição e Deus. Porque se não é o Deus dos mortos e sim dos vivos, e se ele é chamado Deus dos patriarcas defuntos, está fora de dúvida que eles vivem em Deus e não pereceram, pois são filhos da ressur-reição. Ora, a ressurreição é nosso Senhor em pessoa, como ele próprio diz: “Eu sou a ressurreição e a vida”.³⁷ Os patriarcas são seus filhos. Com efeito, foi dito pelo salmista: “No lugar de pais que eram eles se tornaram teus filhos”.³⁸ Portanto, também Jesus Cristo, com o Pai, é Deus dos vi-vos, que falou a Moisés e que se manifestou aos patriarcas.

5,3. Justamente quando ensinava isso disse aos judeus: “Abraão, vosso pai, exultou ao pensamento de ver o meu dia; ele o viu e se alegrou”.³⁹ Como então? “Abraão creu em Deus e lhe foi imputada a justiça”:⁴⁰ primeiramente, creu que era o único Deus, Criador do céu e da terra, e, depois, que teria feito a sua posteridade numerosa como as estrelas do céu. Isto é também o que diz Paulo: “Como luminares no mundo”. Por isso abandonando toda pa-rentela terrena seguia o Verbo de Deus, peregrinando com o Verbo para se tornar concidadão do Verbo.

5,4. Por isso, os apóstolos, verdadeira descendência de Abraão, deixaram a barca e o pai para seguir o Verbo de Deus. Por isso, nós também, com a mesma fé de Abraão, seguiremos o mesmo Verbo carregando a cruz como Isaac carregava a lenha. Em Abraão, com efeito, o homem aprendeu e se acostumou a seguir o Verbo de Deus. Abraão seguiu na sua fé a ordem do Verbo de Deus cedendo, na submissão, o filho único e amado em sacrificio a Deus para que Deus consentisse, em favor de toda a sua posteridade, em sa-crificar o seu filho único e amado para a nossa redenção.

5,5. Com efeito, Abraão, sendo profeta e vendo no Espírito o dia da vinda do Senhor, e a economia da sua paixão, pela qual ele próprio e todos os que como ele acreditavam em Deus seriam salvos, se alegrou grandemente.

O Senhor, portanto, não era desconhecido de Abraão, pois ele desejou ver o dia dele, como também não desconhecia o Pai do Senhor, pois fora instruído pelo Verbo a respeito do Pai e acreditou nele; por isso lhe foi tido em conta de justiça pelo Senhor, porque é a fé que justifica o homem. Eis por que dizia: “Levantarei a minha mão para o Deus altíssimo que criou o céu e a terra”.⁴¹ Os que seguem estas falsas opiniões se esforçam por negar isso tudo por causa de uma só frase que não entenderam bem.

O Filho conhece e revela um único Deus Pai

6,1. O Senhor, mostrando aos seus discípulos que ele é o Verbo que dá o conhecimento do Pai e reprovando a pretensão dos judeus de possuir Deus ao mesmo tempo que recusam o seu Verbo, pelo qual Deus é conhecido, dizia: “Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai e ninguém conhece o Pai a

não ser o Filho e a quem o Filho o quiser revelar”.⁴² Assim escreveu Mateus, assim Lucas, e igualmente, Marcos; João omitiu esta passagem. Estes, porém, que querem ser mais bem informados do que os apóstolos, modificam o texto, assim: Ninguém conhece o Pai a não ser o Filho, nem o Filho a não ser o Pai e aquele a quem o Filho o quiser revelar; e explicam que o Deus verdadeiro não foi conhecido por ninguém antes da vinda de nosso Senhor e que o Deus pregado pelos profetas não é o Pai do Cristo.

6,2. Mas se o Cristo começou a existir no momento de sua vinda como homem, se o Pai pensou nos homens somente desde os tempos de Tibério César, se se provar que o seu Verbo não esteve sempre presente ao lado da sua criatura, então não seria necessário procurar outro Deus, mas, sim, o motivo de tamanho desleixo e negligência de sua parte. Mas nenhuma procura podia ser de tal natureza ou assumir tais proporções a ponto de trocar de Deus e solapar a nossa fé no Criador que nos sustenta com a sua criação. Como a nossa fé se dirige constantemente ao Filho, assim o nosso amor pelo Pai deve manter-se firme e inabalável. E Justino diz com razão no seu tratado contra Marcião: “Não teria crido nem mesmo no Senhor se me tivesse anunciado um Deus diferente do nosso Criador, Autor e Nutridor; mas visto que é do único Deus, criador deste mundo e nosso modelador, sustentador e diretor de todas as coisas, que veio até nós o Filho único, recapitulando em si a obra por ele modelada, permanece firme a minha fé nele e constante o meu amor ao Pai, uma e outro dons do Senhor”.

6,3. Ninguém pode conhecer o Pai sem o Verbo de Deus, isto é, sem o Filho que o revela. Também não se conhece o Filho sem a vontade do Pai. O Filho faz a vontade do Pai, pois o Pai envia, o Filho é enviado e vem a nós. E assim o Pai, que é para nós invisível e incognoscível, é conhecido por seu próprio Verbo; e só o Pai conhece o seu Verbo; assim o manifestou o Senhor. Por isso, o Filho nos leva ao conhecimento do Pai por sua própria encarnação. Pois a manifestação do Filho é o conhecimento do Pai; realmente, é pelo Verbo que tudo nos é revelado. Para que saibamos que o Filho que veio é o mesmo que dá o conhecimento do Pai aos que nele crêem, dizia aos seus discípulos: “Ninguém conhece o Pai a não ser o Filho, nem o Filho a não ser o Pai e aqueles aos quais o Filho o quiser revelar”, ensinando-nos o que ele próprio é e o que é o seu Pai, para que não reconheçamos outro Pai a não ser o que o Filho revelou.

6,4. Este Pai é o Criador do céu e da terra, como o provam as palavras do Filho e não o falso Pai inventado por Marcião, Valentim, Basíledes, Carpócrates, Simão, ou os outros pseudognósticos. Com efeito, nenhum deles era o Filho de Deus, mas o era o Cristo Jesus nosso Senhor, contra o qual eles ensinam anunciando um Deus incognoscível, sem tomar cuidado com o que dizem: como pode ser incognoscível se eles o conhecem? Tudo o que é conhecido, ainda que por poucos, já não é incognoscível. O Senhor não disse que o Pai e o Filho são absolutamente incognoscíveis, porque então seria inútil a sua vinda. Então, por que veio? Simplesmente para nos dizer: Não procureis a Deus, pois ele é incognoscível e não o encontrareis? Na verdade é o que Cristo teria dito aos Édões, se devemos acreditar nos discípulos de Valentim; mas isso é ridículo. Eis o que o Senhor nos ensina: ninguém pode conhecer a Deus sem a ajuda de Deus; mas que o conheçamos é vontade do Pai, porque o conhecerão aqueles aos quais o Filho o revelar.

6,5. O Pai revelou o Filho para manifestar-se a todos e acolher, em toda justiça, na incorruptibilidade e no refrigério eterno os que crêem nele — crer nele é fazer a sua vontade — e, com toda justiça, fechar nas trevas que eles próprios escolheram para si, os que não crêem nele. O Pai se revelou a todos, tornando o seu Verbo visível a todos; e é a todos que o Verbo mostrou o Pai e o Filho, pois ele foi visto por todos. Por isso será justo o julgamento de Deus sobre todos os que o

viram do mesmo modo, mas não creram nele do mesmo modo.

6,6. Na verdade, pela própria criação, o Verbo já revela o Deus Criador; pelo mundo, o Senhor e Ordenador do mundo; pela criatura plasmada, o Artista que a plasmou; pelo Filho, o Pai que o gerou; disto, todos falam do mesmo modo, porém, não crêem do mesmo modo. Pela Lei e os profetas, o Verbo, do mesmo modo, anunciava-se a si e ao Pai; e todo o povo, do mesmo modo o ouviu, mas não do mesmo modo todos creram. Pelo Verbo tornado visível e palpável, o Pai se revelou, embora nem todos nele cressem do mesmo modo. Porém todos viram no Filho o Pai. A realidade indivisível que se manifestava no Filho era o Pai, e a realidade visível na qual o Pai se revelou era o Filho. Eis porque, na sua presença, todos diziam que ele era o Cristo e Deus”. Os próprios demônios, vendo o Filho, diziam: “Sabemos que tu és o Santo de Deus.⁴³ O diabo que o tentava lhe dizia: “Se és o Filho de Deus...”⁴⁴ Todos o viam e o chamavam Filho e Pai, mas nem todos criam do mesmo modo.

6,7. Era necessário que a Verdade fosse testemunhada por todos e que houvesse justo juízo para a salvação dos que crêem e a condenação dos incrédulos e que a fé no Pai e no Filho fosse comprovada por todos, isto é, corroborada por todos, recebendo de todos o testemunho, dos de dentro como amigos e dos de fora como inimigos. É prova verdadeira e irrefutável a que traz o selo do testemunho dos próprios adversários, que no instante em que se apresenta às suas vistas estão convencidos da realidade presente, prestam-lhe testemunho e lhe apõem seu selo, ainda que depois, tornando-se inimigos, se tornem acusadores e queiram que o seu testemunho não seja verdadeiro.

Portanto, não era um aquele que era conhecido e outro aquele que dizia: Ninguém conhece o Pai, mas um só e o mesmo. O Pai lhe sujeitou tudo e de todos recebeu o testemunho de que é verdadeiro homem e verdadeiro Deus, do Pai, do Espírito, dos anjos, da criação, dos homens, dos espíritos apóstatas, dos demônios, do inimigo e, finalmente, até da própria morte. O Filho opera do princípio ao fim, dispondo todas as coisas em nome do Pai e sem ele ninguém pode conhecer Deus. O conhecimento do Pai é o Filho; o conhecimento do Filho pertence ao Pai e pelo Filho é revelado. Por este motivo, o Senhor dizia: “Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai; nem o Pai, a não ser o Filho e aqueles aos quais o Filho o revelar”.⁴⁵ “Re-velar” não se refere apenas ao futuro, como se o Verbo começasse a revelar o Pai quando nasceu de Maria; mas universalmente e por todo o tempo aí se encontra ele. No início, presente o Filho à sua criatura, revela o Pai a todos, a quem quer, quando quer e como quer o Pai. Em tudo e por tudo, há um só Deus, o Pai, e um só Verbo, o Filho, e um só Espírito e uma única salvação para todos os que nele crêem.

O Deus de Abraão é o Deus revelado por Jesus

7,1. Abraão também conheceu, por meio do Verbo, o Pai que fez o céu e a terra, confessou-o Deus. Também soube, pela visão, que o Filho de Deus se tornaria homem, e, pela vinda dele, a sua posteridade se tornaria numerosa como as estrelas do céu; desejou ver aquele dia para ele também abraçar o Cristo, e tendo-o visto profeticamente, no Espírito, se alegrou. Por isso, Simeão, seu descendente, exprimia a satisfação do patriarca e dizia: “Agora deixa ir em paz o teu servo, ó Senhor, por que os meus olhos viram a tua salvação preparada, há tempo, aos olhos de todos os povos, Luz de revelação a todos os povos e Glória para o teu povo Israel”.⁴⁶ E os anjos anunciaram aos pastores que estavam de guarda durante a noite a grande alegria; e Maria diz: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu Espírito exultou em Deus meu Salvador”.⁴⁷ A exultação de Abraão descia assim nos seus descendentes que vigiavam, viam o Cristo e criam nele; mas esta exultação era devolvida a Abraão que tinha desejado ver o dia da vinda do Cristo. Justamente, nosso Senhor lhe prestava testemunho, dizendo: “Abraão, vosso Pai, exultou ao pensar que veria o meu dia; ele o viu e

se alegrou”.⁴⁸

7,2. Não é somente em relação a Abraão que disse isto, mas para mostrar que todos os que, desde o início, adquiriram o conhecimento de Deus e profetizaram a vinda de Cristo, receberam a revelação do próprio Filho, que nos últimos tempos se tornou visível e palpável e conversou com o gênero humano para, das pedras, suscitar filhos de Abrão e assim cumprir a promessa que lhe fizera e tornar a sua posteridade numerosa como as estrelas do céu. É o que afirma João Batista: “Deus pode suscitar destas pedras filhos de Abraão”.⁴⁹ E Jesus o fez tirando-nos do culto das pedras e transferindo-nos de parentela dura e estéril e criando em nós fé semelhante à de Abraão. Neste sentido Paulo afirma que nós somos filhos de Abraão pela semelhança da fé e a promessa da herança.⁵⁰

7,3. Portanto, não há senão um só e único Deus, que chamou Abraão e lhe deu a promessa. Este é o Criador, aquele que, pelo Cristo, prepara como luminares no mundo os que dentre os gentios acreditaram. “Vós sois, diz ele, a luz do mundo”,⁵¹ isto é, como estrelas do céu. Este Deus não pode ser conhecido, nós afirmamos, a não ser pelo Filho e por aquele a quem o Filho o revelar, mas o Filho revela-o a todos os que o Pai quer que o conheçam e sem o beneplácito do Pai e a obra do Filho ninguém conhece Deus. Por isso o Senhor disse aos seus discípulos: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me tivésseis conhecido, teríeis conhecido também meu Pai. Ora, vós o conhecestes e o vistes”.⁵² Com isto está claro que é por meio do Filho, isto é, pelo Verbo, que é conhecido.

7,4. Por isso os judeus se afastaram de Deus não querendo acolher o seu Verbo, julgando poder conhecer a Deus diretamente pelo Pai sem o Verbo, isto é, sem o Filho, ignorando aquele que em forma humana falara com Abraão e com Moisés, dizendo: “Vi a aflição do meu povo no Egito e desci para libertá-los”.⁵³ Eis o que preparou desde o início o Filho que é também Verbo de Deus. O Pai não precisou de anjo nenhum para criar o mundo e formar o homem pelo qual fez o mundo, como não precisou de ajuda para a organização das criaturas e a economia dos assuntos humanos, pois já tinha um serviço perfeito e incomparável, assistido que era, para todas as coisas, pela sua progênie e a sua figura, isto é, o Filho e o Espírito, o Verbo e a Sabedoria aos quais servem e estão submetidos todos os anjos. São, portanto, presunçosos os que por causa da frase: “Ninguém conheceu o Pai a não ser o Filho”, querem introduzir Pai desconhecido.

8,1. Presunçosos são Marcião e seu discípulos que excluem Abraão da herança, ao qual o Espírito dá testemunho por meio de muitos e especialmente por Paulo: “Creu em Deus e lhe foi creditado como justiça”,⁵⁴ e pelo Senhor, em primeiro lugar, que, suscitando-lhe filhos das pedras e tornando a sua posteridade numerosa como as estrelas do céu, diz: “Virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul e sentar-se-ão à mesa com Abraão e Isaac e Jacó no reino dos céus”; e depois, quando diz aos judeus: “Quando vereis Abraão, Isaac e Jacó e todos os profetas no reino de Deus, ao passo que vós sereis excluídos”.⁵⁵ Está claro, portanto, que os que contestam a salvação de Abraão e fabricam para si um Deus diverso daquele que fez as promessas a Abraão, são excluídos do reino de Deus e deserdados da incorruptibilidade como adversários e blasfemadores de Deus, o qual introduz no reino dos céus Abraão e sua descendência, isto é, a Igreja que por meio de Jesus Cristo recebe a adoção e a herança prometidas a Abraão.

Nosso Senhor não aboliu a Lei

8,2. O Senhor tomava a defesa dos descendentes de Abraão, libertava-os dos laços e os chamava à

salvação, como fez e demonstrou com a mulher curada por ele, dizendo àqueles que não tinham a mesma fé de Abraão: “Hipócritas, cada um de vós não desamarra o boi ou o asno, em dia de sábado, para levá-lo a beber? E esta mulher, uma filha de Abraão, que Satanás mantinha amarrada há dezoito anos, não devia ser livrada do laço no dia de sábado?”⁵⁶ Está claro, portanto, que ele liberta e vivifica os que como Abraão crêem nele, sem infringir a Lei, curando em dia de sábado, porque a Lei não proibia sarar os homens em dia de sábado, ela que os fazia circuncidar neste dia e prescrevia aos sacerdotes cumprirem os ministérios para o povo, como não proibia o cuidado para com os animais irracionais. Até a piscina de Siloé curou muitas vezes no sábado, motivo pelo qual muitos a freqüentavam. A Lei mandava abster-se de toda obra servil, isto é, de toda cupidez que se realiza no comércio e no manejo das terras, mas convidava a cumprir as obras da alma, isto é, os pensamentos e as palavras, para o bem do próximo. Por isso o Senhor repreendia os que injustamente o acusavam de operar curas em dia de sábado. Ele não abolia a Lei, mas, antes, a cumpria, assumindo o ofício de sumo sacerdote, tornando Deus propício aos homens, purificando os leprosos, sarando os doentes e, finalmente, morrendo ele próprio, para que o homem desterrado saísse da condenação e voltasse sem temor à sua herança.

8,3. A Lei não proibia aos famintos, em dia de sábado, tomar alimento daquilo que lhes estava à mão, mas proibia ceifar e armazenar nos celeiros. Por isso, o Senhor disse aos que acusavam os discípulos que esmagavam as espigas para comer: “Não lestes o que fez Davi quando teve fome, como entrou na casa de Deus, comeu os pães da proposição e deu aos que estavam com ele, quando era permitido só aos sacerdotes comê-los?”⁵⁷ Com estas palavras da Lei defendia os seus discípulos e deixava entender que era permitido aos sacerdotes agir livremente. Ora, Davi era sacerdote aos olhos de Deus, mesmo perseguido por Saul, porque todo rei justo possui um ofício sacerdotal. Todos os discípulos do Senhor são sacerdotes, eles que aqui não têm nem campos nem casa em herança, mas servem sempre ao altar e a Deus. Moisés fala deles no Deuteronômio, na bênção de Levi: “Quem diz a seu pai e à sua mãe: eu não te vi, e quem não conheceu seus irmãos e renunciou a seus filhos, este observou os teus mandamentos e guardou a tua aliança”.⁵⁸ E quem são os que deixaram o pai e a mãe e renunciaram a todos os seus parentes pela Palavra de Deus e a sua aliança, a não ser os discípulos do Senhor? Moisés diz ainda deles: “Eles não terão herança; o Senhor em pessoa será a sua herança”. E ainda: “Para os sacerdotes levitas de toda a tribo de Levi não haverá parte nem herança em Israel: os frutos oferecidos ao Senhor serão a sua herança, e eles os comerão”.⁵⁹ Por isso Paulo diz: “Eu não procuro o dom, mas procuro o fruto”.⁶⁰ Portanto, visto que os discípulos do Senhor, que possuíam a herança levítica, tinham permissão, quando com fome, de tomar como alimento o trigo, pois o “operário é digno do seu alimento”, e “os sacerdotes, no templo, infringiam o sábado e não eram culpados”.⁶¹ Por que não eram culpados? Porque estando no templo cumpriam o serviço do Senhor e não do mundo. Eles cumpriam a Lei, não a infringiam como o homem que, por sua iniciativa, trouxe ao acampamento lenha seca e foi lapidado justamente: “Toda árvore que não dá fruto é cortada e lançada ao fogo”, e, “Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá”.⁶²

O Novo Testamento foi predito pelo Antigo

9,1. Todas as coisas provêm de uma só e idêntica substância, isto é, de um só e único Deus, como o Senhor o declara a seus discípulos: “Eis por que todo escriba douto, no reino dos céus, é semelhante ao dono da casa que tira de seu tesouro coisas novas e velhas”.⁶³ Não disse que quem tira coisas velhas é diferente do que tira as coisas novas, mas é um só e o mesmo. O dono da casa é o Senhor e tem autoridade sobre toda a casa paterna, que determina para os escravos ainda

indisciplinados uma Lei conveniente, e para os homens livres e justificados pela fé, preceitos apropriados, e para os filhos abre a sua herança. O Senhor chamava escribas e doutores do reino dos céus aos seus discípulos, acerca dos quais diz noutra lugar aos judeus: “Eis que vos envio sábios, escribas e doutores; alguns deles os matareis e outros afugentareis de cidade em cidade”.⁶⁴ As coisas velhas e novas tiradas do tesouro são incontestavelmente os dois Testamentos: as coisas antigas são a Lei que foi dada antes e as novas, a vida segundo o Evangelho, acerca do qual Davi diz: “Cantai ao Senhor um canto novo”; e Isaías: “Cantai ao Senhor um hino novo; o seu princípio: Seu nome é glorificado até as extremidades da terra e anunciam os seus grandes feitos nas ilhas”. E Jeremias: “Eis, farei uma aliança nova, diferente daquela que fiz com vossos pais, no monte Horeb”.⁶⁵ Ambos os Testamentos foram produzidos por um só e único pai de família, o Verbo de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, que falou com Abraão e Moisés e que a nós deu a liberdade na novidade e multiplicou a graça vinda dele.

9,2. “Aqui há alguém que vale mais que o Templo”,⁶⁶ disse. Ora o mais e o menos não se referem a coisas que não têm nada em comum, que são contrárias e opostas, e sim às que têm a mesma substância e comunicam entre si, que não diferem senão pela quantidade e grandeza, como a água difere da água, uma luz da luz, uma graça da graça. A graça da liberdade é, portanto, superior à Lei da servidão e é por este motivo que se derramou não somente num povo, mas em todo o mundo. Uno e idêntico é o Senhor que é mais do que o templo e dá aos homens mais do que Salomão e Jonas, isto é, a sua presença e a ressurreição dos mortos, mas não trocando de Deus, nem anunciando outro Pai, e sim o mesmo, que tem sempre mais para distribuir entre os seus familiares e que à medida que neles aumenta o amor por ele distribui bens mais numerosos e maiores. É o que o Senhor diz a seus discípulos: “Vereis coisas maiores do que estas”. E Paulo: “Não que já tenha recebido, ou já esteja justificado, ou já seja perfeito; conhecemos imperfeitamente e imperfeitamente profetizamos; quando terá chegado o que é perfeito o imperfeito será abolido”.⁶⁷

Quando terá chegado o que é perfeito não veremos Pai diferente, mas o que agora desejamos ver — “Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus”⁶⁸ — assim também não acolheremos Cristo Filho de Deus diferente, mas o que nasceu de Maria, e padeceu, em quem cremos e amamos. Como diz Isaías: “Naqueles dias dirão: Eis o Senhor nosso Deus no qual esperamos e exultamos para a nossa salvação”,⁶⁹ e como igualmente diz Pedro na sua carta: “Aquele que amais sem ter visto, no qual credes agora sem vê-lo, gozá-lo-eis com alegria inefável”.⁷⁰ E também não receberemos Espírito Santo diferente do que está em nós e que grita: “Abba, Pai”.

Nestes elementos teremos argumentos para a fé e progrediremos para fruir dos dons de Deus, não como num espelho ou por enigmas, mas face a face. Assim, recebendo mais do que o templo, mais do que Salomão, isto é, a vinda do Filho de Deus, não aprendemos um Deus diverso do Criador e Autor de todas as coisas, que nos foi revelado desde o princípio, nem um Cristo, Filho de Deus, diverso do que foi anunciado pelos profetas.

9,3. Com o Novo Testamento, previsto e anunciado pelos profetas, era indicado aquele que o teria atuado segundo o desejo do Pai; era manifestado da maneira que Deus quis, de modo que os que creriam nele pudessem sempre progredir e amadurecer a perfeição da salvação por meio dos dois Testamentos.⁷¹ Uma, com efeito, é a salvação e um só é Deus; enquanto são muitos os preceitos que foram para o homem e múltiplos os degraus que o levam a Deus. Se para um rei terreno, que é homem, é permitido aumentar de vez em quando o bem-estar dos seus súditos, tanto mais o será para Deus, que é sempre o mesmo, distribuir sempre mais abundantemente a sua graça ao gênero humano e honrar com dons sempre maiores os que lhe agradam.

Se o progresso consiste em encontrar um Pai diferente do anunciado desde o princípio, seria progresso maior imaginar terceiro, além daquele que se pensa ter encontrado em segundo lugar, e depois quarto, e depois quinto, e depois enquanto se pensa em progredir desta forma, nunca será possível fixar-se num Deus só. Afastado daquele que é, retrocederá sempre mais à procura de outro Deus que nunca encontrará; e não deixará de nadar no abismo do incompreensível, a não ser que, convertido pela penitência, volte ao lugar de onde foi afastado, proclamando um só Deus Pai e Criador e nele crendo, anunciado pela Lei e os profetas e ao qual o Cristo deu o seu teste-munho, dizendo aos que acusavam os seus discípulos por não observarem as tradições dos antigos: “Por que renegais os preceitos do Senhor por causa das vossas tradições? Com efeito, Deus diz: Honra o pai e a mãe; e quem amal-diçoar o pai e a mãe seja morto”. E lhes dizia pela segunda vez: “Renegastes as palavras do Senhor por causa das vossas tradições”.⁷² O Cristo reconhecia da forma mais clara como Pai e Deus quem disse na Lei: Honra teu pai e tua mãe para que tenhas o bem. Sendo Deus verídico, reconhecia como palavra de Deus o mandamento da Lei e não chamou Deus a nenhum outro diverso de seu Pai.

O Antigo Testamento dá testemunho a Jesus Cristo

10,1. Justamente a esse propósito João lembra que o Senhor disse aos judeus: “Vós perscrutais as Escrituras nas quais pensais ter a vida eterna: são elas que dão testemunho de mim. E não quereis vir a mim para ter a vida”.⁷³ Como poderiam as Escrituras dar testemunho dele se não derivassem de um só e único Pai e instruísem antecipadamente os homens sobre a vinda de seu Filho e lhes anunciassem de antemão a salvação que vem dele? Com efeito, “se crêsseis em Moisés, ele diz, creríeis também em mim; porque ele escreveu de mim”.⁷⁴ De fato, em todas as Escrituras está semeado o Filho de Deus que ora fala com Abraão, ora com Noé, dando-lhe as medidas da arca, ora procura Adão, ora faz vir o juízo sobre os sodomitas, ora aparece e guia Jacó no caminho e da sarça fala a Moisés. Não se podem contar as vezes que Moisés indica o Filho de Deus, ele que não esqueceu os dias da paixão que anunciou figuradamente chamando-a Páscoa; e foi neste dia que fora predito muito tempo antes por Moisés que o Senhor a sofreu, comple-tando assim a Páscoa. Não somente descreveu o dia, mas o lugar, a hora certa e o prodígio do ocaso do sol, dizendo: “Não poderás imolar a Páscoa em nenhuma outra cidade a não ser naquela que o Senhor te indicar e somente no lugar que o Senhor Deus tiver escolhido para aí ser in-vocado o seu nome: imolarás a Páscoa de tarde, ao pôr-do-sol”.⁷⁵

10,2. Já antes havia revelado a sua vinda, dizendo: “Não faltará príncipe em Judá nem chefe da sua descendência até que venha aquele para o qual foi reservado e ele será o esperado das nações. Ele amarrará o seu burro à videira e ao sarmento o filho da burra; lavará a sua veste no vinho e no sangue da uva o seu manto; brilharão seus olhos pelo vinho e os seus dentes serão mais brancos que o leite”.⁷⁶ Procurem, então, esses que passam por escrutadores de tudo, em que tempo faltou o príncipe e o chefe em Judá, quem é o esperado das nações, a videira, o burro, a veste, os olhos, os dentes, o vinho e cada uma das palavras acima referidas e não verão anunciado outro a não ser nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso Moisés repreendia o povo pela ingratidão, dizendo: “Assim, povo insensato e estulto, é que retribuis ao Senhor!”⁷⁷ E ainda indica que o Verbo que os criou e fez no início se mostrará nos últimos tempos suspenso ao madeiro para nos resgatar e vivificar, e que não crerão nele. Com efeito, diz: “A tua vida estará suspensa diante de ti e tu não crerás na tua vida”. E ainda: “Não é ele teu pai que te adquiriu, que te fez, que te criou?”⁷⁸

11,1. O Senhor mostrou claramente aos seus discípulos que não somente os profetas, mas também muitos justos, conhecendo, por inspiração divina, a sua vinda, pediram que chegasse o tempo em que poderiam ver face a face o seu Senhor e ouvir as suas palavras: “Muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não o viram, e ouvir o que vós ouvís e não o ouviram”.⁷⁹ Como poderiam ter desejado ver e ouvir se não tivessem conhecido de antemão a sua vinda? E como o poderiam saber antecipadamente se não tivessem recebido dele o anúncio? E como as Escrituras lhe poderiam dar o testemunho, se um só e único Deus não tivesse, desde sempre, revelado e mostrado todas estas coisas aos que crêem por meio do Verbo, ora conversando com a sua criatura, ora dando-lhe a Lei, ora repreendendo, ora encorajando e finalmente libertando o escravo e tornando-o seu filho e, concedendo-lhe, no tempo oportuno, a herança da incorruptibilidade para a perfeição do homem? Com efeito ele o fez para o crescimento e desenvolvimento, segundo a palavra da Escritura: “Crescei e multiplicai-vos”.⁸⁰

DEFEITOS PRESUMIDOS NO ANTIGO TESTAMENTO

É o homem que muda, não Deus

11,2. Nisto Deus difere do homem: Deus faz, o homem é feito.⁸¹ Aquele que faz é sempre o mesmo e quem é feito tem necessariamente início, meio, aumento e desenvolvimento. Deus faz o bem, o homem recebe o bem. Deus é perfeito em tudo, igual e idêntico a si mesmo, é por inteiro luz, pensamento, substância e fonte de todos os bens, enquanto o homem recebe o progredir e o crescer para Deus. Enquanto Deus é sempre o mesmo, o homem que se encontra em Deus progredirá sempre em direção a Deus. Deus não cessa de beneficiar e enriquecer o homem e o homem de ser beneficiado e enriquecido por Deus. O homem agradecido ao seu Criador é o receptáculo da sua bondade e objeto da sua glorificação; o ingrato, que despreza o Criador, é objeto do justo juízo, por ser rebelde ao Verbo de Deus, que prometeu dar sempre mais aos que frutificam ao máximo e possuem capital maior de Deus: “Entra, diz, servo bom e fiel, por que foste fiel no pouco eu te confiarei o muito, entra na alegria do teu Senhor”.⁸² É o mesmo Senhor que fez estas grandes promessas.

11,3. Como, portanto, prometeu dar a máxima recompensa a quem agora mais produz por dom da sua graça e não pela mudança do conhecimento — ele fica sempre o mesmo Senhor e sempre o mesmo Pai será revelado —, assim, pela sua vinda, um só e mesmo Senhor deu aos pósteros dom de graça maior que no Antigo Testamento. Estes ouviram pelos servos que o Rei viria e exultaram de pequena alegria, na proporção de sua expectativa, mas os outros que o viram presente e obtiveram a liberdade e gozaram dos seus dons, provam alegria maior, júbilo mais intenso por gozar da presença do Rei, como diz Da-vi: “A minha alma exultará no Senhor, e se alegrará na sua salvação”.⁸³ Por isso, no seu ingresso em Jerusalém, todos os que se encontravam na rua e que, à semelhança de Davi o desejavam ardentemente nas suas almas, re-conheceram o seu Rei, estenderam os seus mantos abaixo de seus pés e adornaram o caminho com ramos verdes, aclamando com grande exultação e letícia: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!”⁸⁴ Aos invejosos e maus administradores que queriam enganar os inferiores e dominar sobre os fracos e por isso não queriam que o rei viesse, e que lhe diziam: “Ouves o que eles dizem?” o Senhor respondeu: “Não lestes: dos lábios das crianças e dos lactentes preparastes o louvor?”⁸⁵ demonstrando que o que Davi disse do Filho de Deus se realizava nele e dava a entender que eles não conheciam o sentido das Escrituras, nem a economia de Deus e que ele era o Cristo anunciado pelos profetas,

aquele cujo nome é louvado em toda a terra porque o seu Pai “havia preparado um louvor da boca das crianças e dos lactentes”, e por isso a “sua glória elevou-se acima dos céus”.⁸⁶

11,4. Se, portanto, veio aquele que foi pregado pelos profetas, Deus e Senhor nosso Jesus Cristo, e se a sua vinda trouxe aos que o receberam graça mais plena e dom maior, está claro que o Pai é o mesmo anunciado pelos profetas, e que o Filho, ao vir, não reconheceu Pai diferente do que foi pregado desde o início, e que concedeu a liberdade aos que leal, cordial e humildemente o servem; e aos que, em vista de glória humana, afectavam observar purificações ex-teriores — concedidas como figura das coisas vindouras, porque a Lei dava, nas coisas temporais, o modelo das eternas e nas terrestres o modelo das celestes — e que nestas práticas afectavam ir além do que fora prescrito, como se movidos por zelo maior do que o de Deus, mas por dentro estavam cheios de hipocrisia, de desejos e de toda malícia, trouxe a ruína definitiva, excluindo-os da vida.

Antigo e Novo Testamento concordam no preceito fundamental

12,1. A tradição dos seus anciãos que afectavam observar como lei, era contrária à Lei dada por Moisés. Por isso Isaías diz: “Os teus taberneiros misturam água ao vinho”,⁸⁷ indicando que os anciãos misturavam uma tradição aguada ao mandamento austero de Deus, isto é, adulteravam e contrafaziam a Lei, como o Senhor lhes declarou com estas palavras: “Por que transgredis o mandamento de Deus por causa da vossa tradição?”⁸⁸ Não somente violaram a Lei pela transgressão, misturando água ao vinho, mas lhe contrapuseram uma lei própria, que até hoje se chama farisaica. Com ela, tiram, acrescentam ou interpretam como querem; coisas que fazem particularmente os seus mestres. Querendo defender estas tradições, não quiseram submeter-se à Lei de Deus que os preparava para a vinda de Cristo e acusaram o Senhor de operar curas em dia de sábado, o que a Lei não proibia como já dissemos, porque, de certa forma, ela própria curava, prescrevendo a circuncisão naquele dia; mas não acusavam a si mesmos de desobedecer, em nome de sua tradição e de tal lei farisaica, ao mandamento de Deus, o principal, que eles não observavam, de amar a Deus.

12,2. O Senhor ensinou que este é o primeiro e maior mandamento e o segundo é o amor ao próximo e que toda a Lei e os profetas dependem destes dois mandamentos. Ele próprio não apresentou nenhum mandamento maior do que este, mas o renovou, mandando aos seus discípulos amar a Deus com todo o seu coração e ao próximo como a si mesmos. Se ele tivesse vindo de outro Pai, nunca teria assumido da Lei este primeiro e máximo mandamento, mas ter-se-ia esforçado por apresentar outro maior da parte do Pai perfeito e não usar o que fora dado pelo Deus da Lei. Paulo também diz que a caridade é o cumprimento da Lei, e, enquanto tudo o resto desaparece, permanecem a fé, a esperança e o amor, e o amor é o maior de todos,⁸⁹ e o conhecimento sem o amor de Deus não é nada, nem o entendimento dos mistérios, nem a fé, nem a profecia: tudo é vazio e supérfluo sem a caridade. A caridade torna o homem perfeito e quem ama a Deus é perfeito neste e no outro mundo; porque nunca deixaremos de amar a Deus, mas quanto mais o contemplarmos tanto mais o amaremos.

12,3. Visto que tanto na Lei como no Evangelho o primeiro e maior mandamento é o mesmo, isto é, amar ao Senhor Deus com todo o coração, como é o mesmo o segundo, amar o próximo como a si mesmo, fica provado que um só e o mesmo é o Autor da Lei e do Evangelho. Sendo os mandamentos essenciais da vida, sendo os mesmos nos dois Testamentos, indicam que o mesmo Senhor deu a ambos preceitos particulares apropriados, mas também mandou a ambos as mesmas coisas quando se tratava das coisas mais importantes, essenciais e necessárias à salvação.

12,4. Haverá alguém que não ficaria confundido pelo Senhor quando mostrava que a Lei não vinha

de outro Deus ao ensinar aos discípulos e à multidão que “sobre a cátedra de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus; observai e cumpri tudo o que vos dizem, mas não façais segundo as suas ações; pois eles dizem e não fazem; amarram pesados fardos e os colocam nos ombros dos homens, mas eles não querem movê-los sequer com um dedo”.⁹⁰ Portanto, não condenava a Lei de Moisés, visto que convidava a observá-la enquanto Jerusalém subsistisse, mas repreendia os que, mesmo proclamando as palavras da Lei, não tinham amor e por isso eram injustos para com Deus e o próximo. Como diz Isaías: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim; inutilmente me honram enquanto ensinam doutrinas e preceitos humanos”.⁹¹ Ele não chama de preceitos humanos à Lei de Moisés, mas às tradições de seus sacerdotes; tradições que eles criaram e reivindicaram, frustrando a lei de Deus e por causa disso não se submeteram ao seu Verbo. Isso é também o que Paulo diz acerca deles: “Ignorando a justiça de Deus e querendo estabelecer sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus. Fim da Lei é Cristo para a justificação de todo aquele que crê”.⁹² Como o Cristo seria o fim da lei se não fosse também o princípio? Quem a levou ao fim este mesmo realizou o princípio, e é ele que diz a Moisés: “Observei atentamente a opressão do meu povo no Egito e desci para libertá-los”,⁹³ a fim de indicar que desde o princípio o Verbo de Deus se acostumara a subir e descer para a salvação dos que estavam em más condições.

12,5. A Lei ensinara antecipadamente ao homem que devia seguir o Cristo; e ele próprio o manifestou àquele que lhe perguntava o que devia fazer para entrar na vida eterna, dizendo-lhe: “Se quiseres entrar na vida, observa os mandamentos”. E à sua pergunta: “Quais?” o Senhor respondeu: “Não cometerás adultério; não matarás; não furtarás; não darás falso testemunho; honrarás o pai e a mãe e amarás o próximo como a ti mesmo”;⁹⁴ propondo os mandamentos da Lei como degraus para entrar na vida aos que o queriam seguir; porque, ao falar para um, falava para todos. Quando o outro disse: “Eu fiz tudo” — talvez não tenha feito, pois de outra forma o Senhor não lhe teria dito: “Observa os mandamentos” —, o Senhor, ao censurar-lhe a avareza, disse: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, distribui-o aos pobres, e depois vem e segue-me”.⁹⁵ Ele promete o quinhão dos apóstolos aos que agissem assim, e não anunciava aos que o seguiam Deus diverso do que fora anunciado pela Lei desde o princípio, nem outro Filho, nem Mãe, Entimese do Éon caído na paixão e na degradação, nem o Pleroma dos 30 Éões, que foi demonstrado vazio e inconsistente, nem as outras histórias inventadas pelos hereges; mas ensinava a observar os mandamentos prescritos por Deus desde o início, a destruir com as boas obras a antiga cobiça e a seguir o Cristo. Que a distribuição aos pobres do que se possui é a solução para eliminar a cobiça antiga, Zaqueu o proclamou explicitamente, dizendo: “Eis que distribuo a metade dos meus bens aos pobres e, se furtei alguma coisa a alguém, restituo o quádruplo”.⁹⁶

Cristo aperfeiçoa, não abole a Lei

13,1. Pelas palavras do Senhor mostra-se que ele não aboliu, mas ampliou e completou os preceitos da lei natural que justifica o homem; preceitos que eram observados, mesmo antes do dom da lei, pelos que eram justificados pela fé e agradavam a Deus. “Foi dito aos antigos”, ele diz, “Não cometerás adultério. Mas eu vos digo que todo aquele que olhar uma mulher com desejo de possuí-la, já praticou adultério no seu coração”. E ainda: “Foi di-to: ‘não matarás’. Eu, porém, vos digo: todo aquele que se encolerizar com seu irmão, sem motivo, será réu de juízo”. Ainda: “Foi dito: não jurarás falso. Eu, porém, vos digo: não jureis de forma alguma. Que a vossa palavra seja: sim sim, e não não”. E assim a seguir. Estes preceitos não implicam contradição nem abolição dos precedentes, co-mo vão dizendo os seguidores de Marcião, mas o seu completamento e sua ampliação, como o

próprio Senhor diz: “Se a vossa justiça não for maior do que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus”.⁹⁷ Em que consiste este ser mais? Primeiramente, em crer não só no Pai, mas também no Filho já manifestado, porque é ele que leva o homem à comunhão e união com Deus. Em segundo lugar: não somente crer com as palavras, mas atuar — com efeito, eles falavam, mas não cumpriam — não somente em se abster das más ações, mas até do desejo delas. Ensinava estas coisas não como contrárias à Lei, e sim como completamento e interiorização das prescrições dela em nós. Contradizer a Lei seria dar ordens aos seus discípulos para fazer tudo o que a Lei proibia, mas, ao contrário, prescrever a abstenção, não somente dos atos proibidos, mas até do seu desejo, não é coisa de quem é contrário ou quer abolir a Lei, como já o demonstramos, senão de alguém que a cumpre, estende e amplifica.

13,2. A Lei, imposta a escravos, por meio das coisas temporais externas, educava a alma, conduzindo-a, como presa a uma corrente, à obediência aos mandamentos, para que o homem aprendesse a obedecer a Deus. Mas o Verbo, libertando a alma, ensinou também a purificar o corpo voluntariamente, por meio dela. Feito isso, era preciso desamarrar as correntes da escravidão às quais o homem já se acostumara; era preciso que seguisse a Deus, sem correntes; que fossem amplificados os preceitos da liberdade e aumentada a submissão ao Rei, para que ninguém, voltando-se para trás, se mostrasse indigno do seu Libertador. O respeito e a obediência ao pai de família são os mesmos para os servos e para os filhos, mas os filhos têm confiança maior, pois o serviço da liberdade é maior e mais glorioso do que a docilidade dos servos.

13,3. Por isso, o Senhor, em lugar do não cometerás adultério, ordenou não olhar com desejo de possuir; no lugar do não matarás, nem mesmo se encolerizar; em vez de pagar simplesmente o dízimo, distribuir todos os bens aos pobres; amar não somente os próximos, mas também os inimigos; não somente ser generosos e prontos na partilha, mas, ainda mais, dar graciosamente do que é nosso aos que no-lo tiram: “A quem te tira a túnica deixa também o manto, a quem te tira o que é teu não o reclames; e o que quereis que os homens façam a vós, fazei-o a eles”.⁹⁸ Não nos entristecemos como quem foi defraudado contra a vontade, mas, ao contrário, alegremo-nos como quem voluntariamente deu, por ter feito dom gratuito ao próximo mais do que ceder a uma necessidade. “E se alguém, diz ele, te obriga a andar uma milha”,⁹⁹ vai com ele mais duas, para que não o sigas como escravo, mas o precedas como homem livre, tornando-te útil a teu próximo em todas as coisas, não olhando para sua malícia e chegando ao mais alto de tua bondade te tornes semelhante ao Pai “que faz o seu sol levantar sobre os maus e os bons e chover sobre os justos e injustos”.¹⁰⁰ Tudo isso, como já dissemos acima, não é coisa de quem quer abolir a Lei, mas de quem a leva a cumprimento e aperfeiçoa-a em nós. É como dizer é maior o serviço da liberdade, que uma sub-missão e uma piedade mais plenas se enraízam em nós em relação ao nosso libertador. Com efeito, ele não nos libertou para que nos afastássemos dele — pois ninguém pode procurar para si os alimentos da salvação fora dos bens do Senhor — mas para que, tendo recebido mais abundantemente a sua graça, mais o amemos; e quanto mais o amaremos tanto maior glória receberemos dele quando estaremos para sempre na presença do Pai.

13,4. Enquanto todos os preceitos naturais são comuns a nós e a eles, neles tiveram o princípio e a origem, em nós recebem o aumento e o acabamento — obedecer a Deus, seguir o seu Verbo, amá-lo sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos (o homem é o próximo do homem), abster-se de toda má ação, e todos os preceitos semelhantes que são comuns a nós e a eles — demonstram um único e mesmo Deus. E este Deus é nosso Senhor, o Verbo de Deus que primeiro conduziu os homens a Deus como servos, libertou, em seguida, os que lhe estavam sujeitos, conforme ele mesmo disse a

seus discípulos: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vo-lo dei a conhecer”.¹⁰¹ Dizendo: “já não vos chamo servos”, mostra bem claro que foi ele que inicialmente impôs aos homens, por meio da Lei, uma servidão para com Deus e que, depois, foi ele também quem lhes deu a liberdade. Dizendo: “porque o servo não sabe o que faz o seu senhor”, acentua a ignorância do povo escravo sobre a sua vinda. Finalmente, tornando os seus discípulos amigos de Deus, mostra claramente que ele é o Verbo de Deus, que Abraão seguiu voluntariamente e sem correntes pela generosidade de sua fé, tornando-se “amigo de Deus”. Mas não foi por causa de indignidade que o Verbo de Deus aceitou a amizade de Abraão, porque era perfeito desde o princípio — Antes que Abraão fosse, eu sou, ele diz — mas para poder conceder, ele que é bom, a vida eterna a Abraão, porque aos que a obtém, a amizade de Deus concede a imortalidade.

Deus não fez a criação por fins egoístas

14,1. Portanto, Deus, no início, não plasmou Adão porque precisava do homem, mas para ter em quem depositar os seus benefícios.¹⁰² Com efeito, não somente antes de Adão, mas antes de qualquer coisa criada o Verbo glorificava o Pai, ficando nele, e era glorificado pelo Pai, como ele próprio diz: “Pai, glorifica-me com a glória que tive junto de ti antes que o mundo existisse”.¹⁰³ Nem nos mandou segui-lo porque precisasse do nosso serviço, e sim para nos dar a salvação, porque seguir o Salvador é participar à salvação e seguir a luz é obter a luz. Não são os que estão na luz que a iluminam, mas são eles iluminados e feitos resplandecentes por ela; longe de lhe proporcionar alguma coisa são eles a receber os benefícios e a ser iluminados por ela. Assim é com o serviço a Deus, nada lhe proporciona nem Deus precisa do serviço dos homens. Mas aos que o seguem e o servem, Deus concede a vida, a incorruptibilidade e a glória eterna. Ele proporciona seus benefícios aos que o servem porque o servem e aos que o seguem porque o seguem, mas não recebe deles nenhum benefício, porque é rico, perfeito e não precisa de nada. Se Deus solicita o serviço dos homens é porque, sendo bom e misericordioso, quer beneficiar os que perseveram em seu serviço. Tanto Deus não precisa de nada quanto o homem precisa da comunhão com Deus. É esta, pois, a glória do homem: perseverar e permanecer no serviço de Deus. Por esse motivo dizia o Senhor a seus discípulos: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu quem vos escolhi”,¹⁰⁴ mostrando assim que não eram eles que o glorificavam seguindo-o, mas, por terem seguido o Filho de Deus, eram glorificados por ele. E ainda: “Quero que, onde eu estiver, também eles estejam, para verem a minha glória”,¹⁰⁵ não por presunção vazia, mas pela vontade de que os seus discípulos participassem da sua glória. É acerca destes que o profeta Isaías diz: “Do oriente reconduzirei a tua descendência e te reunirei do ocidente. Direi ao aquilão: Traze-os! e ao austral: Não os retenhas! Traze-me os filhos de longe e minhas filhas das extremidades da terra, todos os que foram chamados em meu nome. Porque é para minha glória que o preparei, modelei e fiz”.¹⁰⁶ É isto que significa: “Em qualquer lugar que esteja o cadáver, ali se reunirão as águias”, para participar da glória do Senhor que os modelou e preparou justamente para que, estando com ele, participem da sua glória.

14,2. Desde o início Deus modelou o homem em vista de seus dons; escolheu os patriarcas em vista de sua salvação; ia formando o povo, ensinando os ignorantes a seguirem a Deus; preparava os profetas, para acostumar o homem aqui na terra a ser portador de seu Espírito e a ter comunhão com Deus. Ele, que de nada precisa, oferecia sua comunhão aos que precisavam dele. Para os que lhe eram agradáveis, desenhava, qual arquiteto, o edifício da salvação; aos que não o viam no Egito, ele mesmo servia de guia; aos turbulentos no deserto dava uma lei perfeitamente adaptada e aos que

entravam na boa terra concedia a herança apropriada; e para os que voltavam ao Pai matava o vitelo gordo e dava a melhor roupa. Assim, de muitas maneiras, Deus preparava o gênero humano em vista da sinfonia da salvação. Eis por que diz João no Apocalipse: “Sua voz era como o ruído de muitas águas”.¹⁰⁷ Na verdade, são muitas as águas do Espírito de Deus, porque é muita a riqueza e a grandeza do Pai. E passando através de todas elas o Verbo concedia com liberalidade sua assistência aos que lhe estavam submetidos, prescrevendo uma lei apta e adequada a toda criatura.¹⁰⁸

14,3. Assim dava ao povo as leis relativas à construção do tabernáculo e à edificação do templo, à escolha dos levitas, aos sacrifícios e oblações, às purificações e a todo o serviço do culto. Ele próprio não precisava de nada disso; é desde sempre a plenitude de todos os bens e contém em si mesmo todo aroma de suavidade e toda a exalação dos perfumes, antes mesmo de Moisés existir. Mas educava um povo sempre inclinado a voltar aos ídolos, dispondo-o, por múltiplas etapas, a perseverar no serviço de Deus. Por meio das coisas secundárias chamava-o às principais, isto é, pelas figurativas às verdadeiras, pelas temporais às eternas, pelas carnis às espirituais e pelas terrenas às celestes, como foi dito a Moisés: “Farás tudo segundo o modelo das coisas que viste na montanha”.¹⁰⁹ Durante quarenta dias, com efeito, ele aprendeu a reter a palavra de Deus, os caracteres celestes, as imagens espirituais e as figuras das coisas futuras, como também Paulo disse: “Bebiam da rocha espiritual que os acompanhava e a rocha era o Cristo”. E acrescenta ainda, depois de ter falado dos acontecimentos referidos na Lei: “Todas essas coisas lhes aconteciam em figura e foram escritas para nos servirem de advertência, a nós que chegamos ao fim dos tempos”.¹¹⁰ Por meio dessas figuras, portanto, eles aprendiam a temer a Deus e a perseverar em seu serviço.

Deus quis o bem do homem

15,1. E assim a Lei era para eles, ao mesmo tempo, norma de vida e profecia das coisas futuras.

Deus, admoestando-os primeiramente com preceitos naturais, que desde o início estão gravados no coração dos homens, isto é, com o decálogo, que todos devem observar para salvar-se, não pediu mais nada deles, como Moisés diz no Deuteronômio: “Estas são todas as palavras que o Senhor disse a toda a assembléia dos filhos de Israel sobre a montanha, e não lhe acrescentou nada, e escreveu-as em duas tábuas de pedra e mas deu”, justamente para que os que o quisessem seguir observassem os seus mandamentos.¹¹¹ Mas quando se puseram a fabricar o bezerro e, com desejo, voltaram ao Egito, antes querendo ser escravos do que livres, então, de conformidade com seus desejos, receberam escravidão apropriada, que não os separava de Deus, mas os mantinha sob um jugo servil. Como diz o profeta Ezequiel, explicando os motivos desta lei: “Os seus olhos iam atrás dos desejos de seu coração, e eu lhes dei mandamentos ineficazes e prescrições pelas quais não viveriam”.¹¹² E Lucas diz que Estêvão, primeiro diácono eleito pelos apóstolos e primeira vítima pelo seu testemunho a Cristo, falou de Moisés: “Ele recebeu os mandamentos do Deus vivo para dá-los a vós, mas nossos pais se recusaram a lhe obedecer e o rejeitaram e, no seu desejo, voltaram ao Egito, dizendo a Aarão: Faze para nós deuses que nos precedam, porque não sabemos o que aconteceu com este Moisés que nos tirou da terra do Egito. E, naqueles dias, fizeram um bezerro e ofereceram sacrifícios ao ídolo e se alegravam pela obra de suas mãos. Então Deus se afastou e os entregou ao serviço dos exércitos do céu, como está escrito no livro dos profetas: Será que não me oferecestes sacrifícios e oblações durante quarenta anos no deserto, ó casa de Israel? Vós carregastes a tenda de Moloc e a estrela do deus Remfã, imagens que fabricaram para adorar”.¹¹³ Ele queria manifestar claramente que esta Lei não lhes foi dada por outro Deus, mas pelo mesmo que a adaptou à sua escravidão. É por isso que ele, no Êxodo, diz ainda a Moisés: “Enviarei o meu anjo diante de ti, eu

não subirei contigo, porque és povo de dura cerviz”.¹¹⁴

15,2. E não somente isto; o Senhor ainda declarou que algumas prescrições lhes foram impostas por Moisés por causa da sua dureza e insubmissão, quando lhe perguntaram: “Por que Moisés prescreveu dar o libelo de repúdio e deixar a mulher?” Ele disse então: “Ele vo-lo permitiu por causa da dureza do vosso coração; mas no princípio não se fazia assim”.¹¹⁵ Ele desculpa Moisés, servo fiel, e reconhece um só Deus, que no princípio criou o homem e a mulher; e os acusa de serem rebeldes; por isso receberam de Moisés o libelo de repúdio que era conveniente com a sua dureza. Mas por que falar destas coisas do Antigo Testamento, quando no Novo vemos os apóstolos fazer as mesmas coisas, pelos motivos apresentados acima? Assim, por exemplo, Paulo declara: “Isto, sou eu que o digo, não o Senhor”; e ainda: “Eu digo isso como concessão e não como preceito”. E ainda: “Quanto às virgens não tenho mandamento do Senhor; mas dou conselho, como quem obteve a misericórdia do Senhor para ser fiel”. Noutro lugar diz: “Que Satanás não vos tente por causa da vossa incontinência”.¹¹⁶ Se, portanto, encontramos também no Novo Testamento que os apóstolos deram alguns preceitos como concessão por causa da incontinência de alguns para que não se obstinassem e, desesperando completamente da sua salvação, não se afastassem de Deus, não nos devemos admirar se, já no Antigo Testamento, o próprio Deus quis fazer alguma coisa parecida para o bem do povo. Atraía-os com as observâncias citadas anteriormente, para que por meio delas, tendo mordido no anzol salvador do decálogo e sido presos nele, não voltassem à idolatria, não se afastassem de Deus e aprendessem a amá-lo com todo o seu coração. Se alguém, por causa da indocilidade dos israelitas, tachasse esta Lei de fraqueza, poderia ver que na nossa vocação “há muitos chamados, mas poucos eleitos”; há os que são lobos por dentro enquanto por fora são vestidos de peles de cordeiros; veriam que Deus sempre respeitou o livre-arbítrio do homem, limitando-se a exortá-lo ao bem, de modo que os que tiverem desobedecido sejam julgados com razão por terem desobedecido e os que obedeceram e creram nele sejam coroados com a incorruptibilidade.

A circuncisão é sinal, não causa da salvação

16,1. Deus não concedeu a circuncisão como realizadora da justiça, e sim como sinal distintivo, perpétuo da descendência de Abraão. É o que sabemos pela própria Escritura que diz: “Deus disse a Abraão: entre vós todo macho será circuncidado, e circuncidareis a carne do vosso prepúcio e isto será em sinal de aliança entre mim e vós”.¹¹⁷ O profeta Ezequiel diz o mesmo do sábado: “Dei a eles os meus sábados como sinal entre mim e eles, para que saibam que eu sou o Senhor, o que os santifica”.¹¹⁸ E no Êxodo Deus diz a Moisés: “Vós observareis também os meus sábados, porque será sinal entre mim e vós nas vossas gerações”.¹¹⁹ Estas coisas foram dadas como sinal; não eram, porém, sinais sem sentido nem supérfluos, isto é, sem valor, porque provinham de artista sábio. A circuncisão carnal significava a circuncisão espiritual. Com efeito, diz o Apóstolo: “somos circuncidados com circuncisão não feita pela mão do homem”,¹²⁰ e o profeta diz: “Circuncidai a dureza do vosso coração”.¹²¹ Os sábados ensinavam a perseverança de todo dia no serviço de Deus. Diz o apóstolo Paulo: “Fomos conside-rados todo o dia como ovelhas para o sacrifício”,¹²² isto é, como consagrados e ministros da nossa fé em todo tempo e perseveramos nela abstendo-nos de toda avareza sem adquirir nem possuir tesouros na terra. Manifestavam também o descanso de Deus, consecutivo, de certa forma, à criação, isto é, o reino em que o homem que persevera no serviço de Deus repousará e tomará parte à mesa de Deus.

16,2. A prova de que o homem não era justificado por causa destas práticas, mas que elas foram

dadas ao povo como sinal, se encontra em Abraão, o qual, sem circuncisão e sem observância do sábado, “acreditou em Deus e lhe foi imputado a justiça e foi chamado amigo de Deus”.¹²³ Também Lot, mesmo sem circuncisão, foi tirado de Sodoma e salvo por Deus. Assim Noé, de quem Deus gostava, ainda que sendo incircunciso, recebeu as medidas do mundo do novo nascimento. E Enoc agradou a Deus mesmo sem circuncisão e, sendo homem, foi embaixador junto aos anjos, foi levado, e permanece até hoje, testemunha do justo juízo de Deus, pelo fato de que os anjos transgressores caíram no juízo e o homem que agradara a Deus foi levado à salvação. E toda a multidão dos que antes de Abraão foram justos e dos patriarcas anteriores a Moisés que foram justificados sem as práticas supraditas e sem a Lei de Moisés, como no Deuteronômio diz Moisés ao povo: “O Senhor teu Deus estabeleceu a aliança no Ho reb; o Senhor não estabeleceu a aliança com vossos pais, mas convosco”.¹²⁴

16,3. Por que não firmou a aliança com os pais deles? “Porque a lei não foi estabelecida para os justos”.¹²⁵ Ora, seus pais eram justos; tinham o conteúdo do decálogo gravado em seus corações e em suas almas, pois amavam a Deus que os criara e se abstinham de toda injustiça contra o próximo. Não precisavam por isso de Escritura que os advertisse, porque tinham em si mesmos a justiça da lei. Mas, quando essa justiça e esse amor a Deus caíram no esquecimento e se extinguíram no Egito, foi preciso que Deus, por sua grande benevolência para com os homens, se manifestasse de viva voz. Com seu poder fez sair seu povo do Egito, para que os homens voltassem a ser discípulos e seguidores de Deus e puniu os desobedientes, a fim de que não desprezassem o seu Criador. Alimentou-os com o maná, para que recebessem alimento espiritual, conforme disse também Moisés no Deuteronômio: “Ele te alimentou com o maná que teus pais não conheciam, para saberes que o homem não viverá só de pão, mas viverá de toda palavra que sai da boca de Deus”.¹²⁶ Prescreveu ainda o amor a Deus e ensinou a justiça para com o próximo, para que o homem não fosse injusto nem indigno de Deus. Preparava-o assim pelo decálogo para a sua amizade e a concórdia com o próximo; tais coisas eram proveitosas para o próprio homem e Deus nada mais solicitava dele.

16,4. Eis por que a Escritura diz: “Esses discursos dirigiu o Senhor a toda a assembléia dos filhos de Israel no monte e não acrescentou mais nada”,¹²⁷ porque, como acabamos de dizer, nada mais solicitava deles. E Moisés diz ainda: “Ora, Israel, o que o Senhor te pede a não ser que temas o Senhor teu Deus, que andes em todos os seus caminhos, o ames e sirvas ao Senhor teu Deus com todo o coração e com toda a alma?”¹²⁸ Efetivamente, tudo isso enchia de glória o homem, dando-lhe o que lhe faltava, isto é, a amizade de Deus; a Deus, porém, nada acrescentava, pois ele não tinha necessidade do amor do homem. O homem, porém, estava privado da glória de Deus e só poderia obtê-la por sua submissão a ele. Eis por que Moisés disse ainda: “Escolhe a vida, a fim de viveres, tu e tua posteridade, amando o Senhor teu Deus, ouvindo a sua voz e aderindo a ele, pois é isto a tua vida e a longevidade de teus dias”.¹²⁹ Preparando o homem para esta vida, o Senhor proclamou por si mesmo as palavras do decálogo para todos sem distinção; por isso elas permanecem entre nós, tendo sido completadas e aumentadas, e não abolidas, por sua vinda na carne.

16,5. Pelo contrário, os preceitos da servidão, por intermédio de Moisés, ele os deu separadamente ao povo, como adaptados à sua educação e castigo, conforme disse o próprio Moisés: “O Senhor ordenou-me naquele tempo que vos ensinasse os preceitos e os julgamentos”.¹³⁰ Assim ele aboliu, pela nova aliança da liberdade, os preceitos que lhes havia dado para a servidão e como sinais; mas os preceitos naturais, que convêm a homens livres e são comuns a todos, ele os completou e aperfeiçoou, concedendo aos homens, com suma liberalidade, conhecer a Deus como

Pai pela adoção, amá-lo de todo o coração e seguir seu Verbo sem se desviarem, abstendo-se não somente dos atos maus, mas também do desejo deles. Acrescentou também o temor: com efeito, os filhos devem temer mais que os escravos e ter maior amor pelo Pai. Por isso o Senhor disse: “Os homens prestarão contas, no dia do juízo, de toda palavra ociosa que tiverem pronunciado”. E ainda: “Quem olhar uma mulher com desejo de possuí-la, já cometeu adultério no seu coração”. E ainda: “Quem se irrita sem motivo com seu irmão, será réu de juízo”.¹³¹ Para que saibamos que prestaremos conta não somente das nossas ações, como escravos, mas também das nossas palavras e pensamentos, como quem recebeu o dom da liberdade, pela qual o homem manifesta se ele respeita, teme e ama o Senhor. É por isso que Pedro diz que temos a liberdade não para correr um véu diante da malícia, mas como prova e manifestação da nossa fé.

Deus não se irou por causa dos sacrifícios do Antigo Testamento

17,1. Os profetas indicam também fartamente que não foi por precisar dos serviços deles que Deus prescreveu a observância da Lei; e o Senhor, por sua vez, manifestou abertamente que Deus não precisa das oblações dos homens, mas elas são em favor do homem que as oferece. É o que mostraremos.

Quando os via descurar a justiça e afastar-se do amor de Deus e, contudo, imaginar que poderiam tornar Deus favorável por meio dos sacrifícios e as outras observâncias, Samuel lhes dizia assim: “Deus não quer holocaustos e sacrifícios, mas que se escute a sua voz. Eis que a obediência vale mais que os sacrifícios e a docilidade mais que a gordura dos carneiros”.¹³² E Davi, por sua vez, dizia: “Não quiseste sacrifício nem oblação, mas me formaste os ouvidos e não pediste holocaustos pelo pecado”,¹³³ ensinando que Deus prefere a obediência que os salva aos sacrifícios e holocaustos que nada lhes aproveitam para a justiça, e profetizando, ao mesmo tempo, a nova Aliança. Mais claramente ainda, no salmo 51, ele diz acerca disso: “Se quisesses o sacrifício eu o teria oferecido; mas tu não te deleitas com holocaustos. O sacrifício para Deus é coração contrito; Deus não desprezará coração contrito e humilhado”.¹³⁴ Que Deus não precisa de nada ele o afirma no salmo precedente: “Não tomarei da tua casa os bezerros nem carneiros dos teus rebanhos, porque são meus todos os animais da terra, os animais das montanhas e os bois; eu conheço todas as aves do céu, e a beleza dos campos é comigo. Quando tenho fome eu não o direi a ti, pois é meu o mundo e a sua plenitude. Comerei eu a carne dos touros ou beberei o sangue dos carneiros?”¹³⁵ E logo a seguir, para que ninguém pense que recusa isso tudo porque está irado, acrescenta, como quem dá conselho: “Imola a Deus sacrifício de louvor e cumpre os votos feitos ao Altíssimo; invoca-me no dia da tribulação e eu te libertarei e te glorificarei”.¹³⁶ Assim, depois de ter recusado aquilo com que pensavam tornar Deus favorável, por causa dos pecados, e de ter mostrado que ele não precisa de nada, aconselha e lembra o que justifica o homem e o aproxima de Deus.

Isaías diz a mesma coisa: “Que me interessa a multidão dos vossos sacrifícios? — diz o Senhor. — Estou farto”. E depois de ter recusado os holocaustos, os sacrifícios e oblações, as neomênias, os sábados, as festas e toda a série das outras observâncias, continua indicando o que é salutar: “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a iniquidade dos vossos corações de diante dos meus olhos; parai com vossas maldades, aprendei a fazer o bem, procurai a justiça, libertai quem é oprimido pela injustiça, rendei o direito ao órfão e defendei a viúva, e depois, vinde e discutiremos, diz o Senhor”.¹³⁷

17,2. Não é por indignação, como muitos têm a ousadia de dizer, que recusa os seus sacrifícios, e sim por compaixão de sua cegueira e para lhes indicar o sacrifício verdadeiro com a oferta do qual se tornariam Deus favorável e obteriam dele a vida. Como diz em outro lugar: “Sacrifício para Deus

é coração contrito; odor de suavidade para Deus é coração que glorifica aquele que o plasmou”. Se era por indignação que recusava os seus sacrifícios como indignos para obter misericórdia, não lhes teria indicado os meios com que se poderiam salvar. Mas como é misericordioso não os privou de bom conselho. É assim que depois de lhes ter dito por boca de Jeremias: “Por que me trazeis o incenso de Sabá e cinamomo de terra longínqua? Os vossos holocaustos e sacrifícios não me agradaram”; acrescentou: “Escutai a palavra do Senhor, vós todos, Judá. Isto diz o Senhor Deus de Israel: Endireitai os vossos caminhos e as vossas intenções e vos fixarei neste lugar. Não vos fieis de palavras mentirosas que não vos ajudarão em nada, dizendo: É o templo do Senhor, é o templo do Senhor”.¹³⁸

17,3. Ainda, para indicar que os libertou do Egito não para que lhe oferecessem sacrifícios, mas para que, esquecendo a idolatria dos egípcios, pudessem escutar a voz do Senhor, que era a sua salvação e a sua glória, por meio do mesmo Jeremias diz: “Eis o que diz o Senhor: Ajuntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei as carnes. Com efeito, não falei aos vossos pais, nem lhes prescrevi nada a respeito de holocaustos e sacrifícios no dia em que os tirei do Egito; mas lhes dei esta ordem, dizendo: Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo; andai em todos os meus caminhos que vos prescreverei, para que vos venha o bem. Mas eles não escutaram, nem entenderam; e andaram segundo os pensamentos de seu coração perverso, e voltaram atrás em vez de ir à frente”.¹³⁹ E ainda, por meio do mesmo, disse: “Quem se gloria, glorie-se de entender e de saber que eu sou o Senhor que exerço a misericórdia, a justiça e o juízo na terra”. E acrescenta: “Porque é nisto que está a minha vontade, diz o Senhor”,¹⁴⁰ e não nos holocaustos, nem nos sacrifícios, nem nas oblações.

O povo não recebeu estas coisas primordialmente, mas como consequência, pelo motivo aduzido acima. Como ainda diz Isaías: “Não é para mim que são os cordeiros dos teus holocaustos, nem me honraste com os teus sacrifícios; não me homenageaste com teus sacrifícios, nem fizeste nada de cansativo por causa do incenso; não compraste com prata o perfume para mim, nem desejei a gordura dos teus sacrifícios; mas vieste à minha presença com teus pecados e tuas iniquidades”.¹⁴¹ “Sobre quem, portanto, — diz — olharei, a não ser sobre o humilde, o pacífico e respeitoso às minhas palavras?”¹⁴² Porque não são as gorduras e as carnes gordas que eliminarão de ti as tuas injustiças. “Eis o jejum que eu escolhi, diz o Senhor: desata todo nó de injustiça, desamarra os vínculos de relações violentas, deixa em paz os perturbados e rasga todo contrato iníquo; partilha de boa vontade o teu pão com quem tem fome e introduz na tua casa o peregrino que não tem abrigo; se vires um homem nu, cobre-o e não desprezes os de tua casa e de teu sangue. Então despontará como a aurora a tua luz e o teu bem-estar surgirá mais prontamente, a justiça te precederá e a glória de Deus te envolverá e quando ainda estarás a falar eu direi: eis-me aqui”.¹⁴³

E Zacarias, um dos doze profetas, comunicando-lhes a vontade de Deus, diz: Eis o que diz o Senhor onipotente: Julgai com justo juízo e cada um pratique a piedade e a misericórdia com seu irmão; não oprimis a viúva e o órfão, o estrangeiro e o pobre; e cada um esqueça no seu coração a malícia de seu irmão”. E ainda: “Eis as palavras que cumprireis: cada um fale a verdade a seu próximo; fazei julgamentos de paz nas vossas portas e cada um esqueça no seu coração a malícia de seu irmão; detestai o falso juramento, porque eu odeio todas estas coisas, diz o Senhor onipotente”.¹⁴⁴

Da mesma forma Davi diz: “Qual é o homem que deseja vida e quer ver dias felizes? Refreia a tua língua do mal e teus lábios não falem o engano; evita o mal e faze o bem; procura a paz e vai ao seu encalço”.¹⁴⁵

17,4. Disso tudo fica claro que Deus não lhes pedia sacrifícios e holocaustos, mas fé, obediência e justiça para o bem deles. Como por meio do profeta Oséias o Senhor lhes mostrava a sua vontade, dizendo: “Quero a misericórdia mais que o sacrifício e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos”. Também nosso Senhor lhes lembrava: “Se tivésseis entendido o que significa: Quero a misericórdia e não o sacrifício, nunca teríeis condenado os inocentes”,¹⁴⁶ testemunhando assim que os profetas haviam pregado a verdade e culpando a eles de serem estultos por sua culpa.

17,5. Aconselhando também aos seus discípulos a oferecerem a Deus as primícias das suas criaturas, não porque precisasse, mas porque eles não se mostrassem inoperosos e ingratos, tomou o pão que deriva da criação, deu graças, dizendo: “Isto é o meu corpo”; do mesmo modo tomou o cálice, que provém, como nós, da criação, o declarou seu sangue e estabeleceu a nova oblação do Novo Testamento. É esta mesma oblação que a Igreja recebeu dos apóstolos e que, no mundo inteiro, ela oferece a Deus que nos dá o alimento, como primícias dos dons de Deus na Nova Aliança.¹⁴⁷

Malaquias, um dos doze profetas, a profetizou dizendo: “Não tenho prazer em vós, diz o Senhor onipotente, e não me agrada o sacrifício de vossas mãos; porque do levante ao poente meu nome é glorificado entre as nações e em todo lugar se oferece incenso ao meu nome e sacrifício puro; porque o meu nome é grande entre as nações, diz o Senhor onipotente”.¹⁴⁸ Com estas palavras afirma de forma claríssima que o primeiro povo cessaria de oferecer a Deus e que em todo lugar lhe seria oferecido sacrifício puro e que o seu nome seria glorificado entre as nações.

17,6. Qual outro nome é glorificado entre as nações a não ser o de nosso Senhor por meio do qual é glorificado o Pai e glorificado o homem? Visto que é o nome de seu próprio Filho e que é obra dele, ele o declara seu. Como um rei que tendo pintado pessoalmente a imagem de seu filho a poderia definir sua por dois motivos, porque é a imagem do filho e porque ele a fez, assim acontece com o nome de Jesus Cristo que é glorificado pela Igreja no mundo inteiro: o Pai o declara seu porque é o nome de seu filho e porque ele mesmo o gravou, dando-o para a salvação dos homens. Portanto, sendo o nome do Filho próprio do Pai e, em todo lugar, a Igreja oferece ao Deus onipotente por Jesus Cristo, pelos dois motivos diz justamente: “Em todo lugar é oferecido incenso ao meu nome e um sacrifício puro”.¹⁴⁹ João diz no Apocalipse que o incenso são as orações dos santos.

Perfeição dos sacrifícios do Novo Testamento

18,1. Sacrifício puro e aceito por Deus é a oblação da Igreja, tal como o Senhor lhe ensinou a oferecer em todo o mundo. Não por necessitar de nosso sacrifício, e sim porque o ofertante se enche de glória quando o seu dom é aceito. Pela dádiva a um rei manifesta-se a homenagem e a afeição. Querendo o Senhor que, com simplicidade e inocência, oferecêssemos nossos dons, deu-nos o preceito: “Se estás para fazer tua oferta diante do altar e te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão: só então, vem fazer a tua oferta”.¹⁵⁰ Faz-se, pois, mister oferecer a Deus as primícias de suas criaturas, como Moisés também já dissera: “Não te apresentarás de mãos vazias diante do Senhor teu Deus”.¹⁵¹ Quando o homem quer manifestar a Deus a sua gratidão, oferece-lhe os próprios dons por ele mesmo dados e recebe a honra que dele provém

18,2. Nenhuma das oblações é rejeitada: oblações lá e oblações aqui; sacrifícios entre o povo, sacrifícios na Igreja. A forma, porém, de tal maneira mudou, que já não são oferecidos por servos, e sim por filhos. Um só e o mesmo é o Senhor; há, contudo, o caráter próprio da oblação servil, há o próprio da oblação dos filhos, de modo que as oblações são sinal da liberdade possuída. Para Deus

não há nada vão, nem sem significado ou sem motivo. Por isso, o seu povo lhe consagrava os dízimos. Mas, depois, os que receberam a graça da liberdade põem à disposição do Senhor tudo o que possuem, dando com alegria e generosidade não apenas as coisas de menor valor, pela esperança que têm das maiores; como aquela viúva tão pobre que pôs no cofre de Deus tudo o que possuía.¹⁵²

18,3. No princípio Deus olhou para os dons de Abel porque eram oferecidos com sinceridade e justiça; mas não olhou para o sacrifício de Caim, porque havia duplicidade no seu coração: inveja e malícia contra o seu irmão. Manifestando os seus pensamentos ocultos, o Senhor lhe dizia: “Se mesmo oferecendo com retidão, não partilhas com retidão, como não pecaste? Acalma-te”,¹⁵³ porque Deus não se aplaca com o sacrifício. Se alguém quiser oferecer com pureza, retidão e exatidão só aparentes, mas na sua alma não partilha a comunhão com o seu próximo e não tem o temor de Deus, não engana a Deus oferecendo o sacrifício com exatidão exterior tendo dentro de si o pecado. Não será esta oferta a aproveitar alguma coisa a tal homem, mas a eliminação do mal concebido dentro dele, para que com um ato insincero, o pecado não torne o homem sui-cida. Por isso o Senhor dizia: “Ai de vós escribas e fariseus hipócritas; vós sois como sepulcros caiados; por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão. Assim também vós, por fora pareceis justos diante dos homens, mas por dentro estais cheios de malícia e hipocrisia”.¹⁵⁴ Quando externamente eles pareciam oferecer com retidão, tinham dentro de si ciúme semelhante ao de Caim: assim mataram o Justo, recusando o conselho do Verbo, a exemplo de Caim. Ele lhe diz: “Acalma-te!” mas ele não consentiu. O que era acalmar-se? Nada mais do que dominar o impulso do momento. Ele lhes diz também: “Fariseu cego, limpa o interior da taça para que também o exterior seja limpo”.¹⁵⁵ Mas eles não o escutaram. “Porque eis que — diz Jeremias — os teus olhos e o teu coração não são bons; mas a tua paixão vai para o sangue justo a fim de o derramar, para a injustiça e o homicídio a fim de os perpetrar”.¹⁵⁶ E ainda Isaías: “Vós vos aconselhastes, mas não comigo; fizestes pactos, mas não com o meu Espírito”.¹⁵⁷ Portanto, para que as suas vontades e pensamentos íntimos, levados ao conhecimento de todos, mostrassem que Deus não faz o mal — porque manifesta o que é secreto, mas não faz o mal —, diz a Caim, que não se acalmava: “Eis que vem a ti, e tu o dominarás”.¹⁵⁸ A Pilatos também dizia da mesma forma: “Não terias nenhum poder sobre mim, se não te fosse da-do do alto”.¹⁵⁹ Porque Deus sempre permite que o justo, nos sofrimentos pacientemente enfrentados, seja provado e recebido e os outros, por causa dos seus delitos, sejam condenados e lançados fora. Portanto, os sacrifícios não santificam o homem, pois Deus não precisa de sacrifício, mas a consciência de quem oferece santifica o sacrifício, se é pura faz com que Deus o aceite como provindo de amigo. “Pecador, porém — diz —, é quem mata para mim um bezerro como mataria um cão”.¹⁶⁰

18,4. Porque a Igreja oferece com simplicidade, justamente foi julgado puro junto de Deus o seu sacrifício. Como Paulo diz aos filipenses: “Tenho em abundância agora que recebi de Epafrodito o que vós me enviastes, fragrância suave, sacrifício agradável que Deus aceita”.¹⁶¹ Cumpre, então, fazermos oblações a Deus e em tudo sermos gratos ao Criador, com mente pura e fé sincera, na firme esperança, na caridade fervorosa, oferecendo-lhe as primícias da criação, criação que lhe pertence. E a Igreja é a única a fazer ao Criador esta oblação pura, oferecendo-a com ação de graças por meio de suas mesmas criaturas. Os judeus já não oferecem: suas mãos estão cheias de sangue, porque não receberam o Verbo pelo qual é oferecido a Deus, como não o oferecem todas as assembléias dos hereges. Com efeito, alguns dizem que o Pai é diverso do Criador e ao lhe oferecer dons tirados do mundo criado, provam que ele é ávido e desejoso do bem alheio; outros dizem que o nosso mundo

derivou de degradação, ignorância e paixão, e então, oferecendo os frutos desta paixão, ignorância e degradação ofendem o Pai e lhe fazem mais injúria do que dar-lhe ação de graças.

Como poderão ter certeza de que o pão sobre o qual foram dadas graças é o corpo do Senhor e a taça de vinho o seu sangue se não o reconhecem como Filho do Criador do mundo, isto é, o seu Verbo pelo qual o lenho frutifica, brotam as fontes e “a terra dá primeiramente a erva, depois a espiga e por fim a espiga cheia de trigo?”¹⁶²

18,5. Como ainda podem afirmar que a carne se corrompe e não pode participar da vida, quando ela se alimenta do corpo e do sangue do Senhor? Então, ou mudam sua maneira de pensar ou se abstenham de oferecer as ofertas de que falamos acima. Quanto a nós, nossa maneira de pensar está de acordo com a Eucaristia e a Eucaristia confirma nossa doutrina. Pois lhe oferecemos o que já é seu, proclamando, como é justo, a comunhão e a unidade da carne e do Espírito. Assim como o pão que vem da terra, ao receber a invocação de Deus, já não é pão comum, mas a Eucaristia, feita de dois elementos, o terreno e o celeste, do mesmo modo os nossos corpos, por receberem a Eucaristia, já não são corruptíveis por terem a esperança da ressurreição.

18,6. A nossa oferta a ele não é como para indigente, mas é agradecimento pelos seus dons e pela santificação da criação. Deus não precisa das nossas ofertas, mas nós precisamos oferecer alguma coisa a Deus, como diz Sa-lomão: “Quem tem compaixão do pobre empresta a Deus”.¹⁶³ O Deus que não precisa de nada aceita as nossas boas obras para poder dar-nos de volta os seus próprios bens. Como diz o Senhor: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino preparado para vós: porque eu tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; doente e me visitastes; prisioneiro e viestes a mim”.¹⁶⁴ Ele não precisa destas coisas, contudo quer que as façamos para o nosso bem, a fim de não sermos infrutuosos; e o próprio Verbo prescreveu ao povo que faça as oblações, embora não precisasse delas, para que aprendessem a servir a Deus, como quer que nós também ofereçamos continuamente e sem interrupção nossos dons no altar.

Há, portanto, altar nos céus, aonde sobem as nossas preces e oferendas; e há templo, como diz João no Apocalipse: “Abriu-se o templo de Deus”; e tabernáculo: “Eis — diz — o tabernáculo de Deus, no qual habitará com os homens”.¹⁶⁵

GRADUAÇÃO DA REVELAÇÃO

Transcendência de Deus

19,1. O povo recebeu todos os dons, oblações e sacrifícios como tipo, do único e mesmo Deus, cujo nome é agora glorificado pela Igreja em todas as nações, conforme foi mostrado a Moisés no monte. E as coisas terrenas, que estão à nossa volta, podem ser o tipo das celestes, feitas pelo mesmo Deus: outro teria sido incapaz de conformá-las à imagem das coisas espirituais. Mas pretender que as coisas celestes e espirituais, que são para nós invisíveis e inefáveis, sejam o tipo de outras coisas celestes e de outro Pleroma e que Deus seja a imagem de outro Pai é próprio de quem se afastou da verdade, é obtuso e louco. Esses tais, como já mostramos várias vezes, ver-se-ão obrigados a inventar continuamente os tipos dos tipos e as imagens das imagens sem nunca poder fixar seu espírito no único e verdadeiro Deus. Seus pensamentos foram para além de Deus, nos seus corações se elevaram acima do Mestre, julgando assim ter-se elevado e posto em posição mais alta, quando, na realidade, somente se afastaram do verdadeiro Deus.

19,2. Justamente, alguém lhes poderia dizer, como sugere a própria Escritura: Visto que elevastes

os vossos pensamentos acima de Deus, exaltando-vos de maneira desconsiderada — ouvistes dizer que os céus foram medidos aos palmos —, dissei-me qual é a sua medida e a quantidade inumerável dos côvados! Dissei-me o seu volume, a largura, o comprimento e a altura, o princípio e o fim da extensão, coisas que o coração do homem nunca conceberá nem entenderá.¹⁶⁶ Pois são verdadeiramente grandes os depósitos dos tesouros celestes; incomensurável para o coração, ininteligível para a mente é o Deus que encerra em seu punho a terra. Quem saberá somente qual é a medida do dedo da sua mão direita? Quem poderá compreender o tamanho de sua mão que mede o incomensurável e fixa a medida dos céus e encerra em seu punho a terra com seus abismos, que contém em si a largura, o comprimento, a profundidade e a altura de toda a criação visível, sensível, inteligível e invisível? Por isso, Deus está sobre todo princípio, poder, dominação e toda coisa que tenha nome, e toda coisa feita e criada.¹⁶⁷ É ele que enche os céus e perscruta os abismos, e que está com cada um de nós: “Eu sou Deus vizinho — diz — e não Deus afastado. Se o homem se esconder num esconderijo eu não o verei?”¹⁶⁸ Sua mão contém todas as coisas: é ela que ilumina os céus, que ilumina tudo o que está debaixo deles e que perscruta os rins e os corações, que está presente nos lugares ocultos, nos nossos segredos e abertamente nos alimenta e protege.

19,3. Se o homem não entende a extensão e o poder da própria mão como poderá entender ou conceber em seu coração um Deus tão grande? Ora, como se já o tivessem medido, perscrutado e repassado inteiramente, estes imaginam acima dele outro Pleroma de Éões e outro Pai. Com isso, longe de se elevar à contemplação das coisas celestes, eles, na verdade, descem ao abismo da demência. De fato, eles dizem que seu Pai acaba onde começa o que está fora do Pleroma e que, por sua vez, o Demiurgo não chega ao Pleroma, afirmando com isso que nenhum dos dois é perfeito nem contém em si todas as coisas, porque faltaria ao primeiro a produção de tudo o que está fora do Pleroma e ao segundo a produção do que está dentro do Pleroma e assim nenhum dos dois seria o Senhor de todas as coisas. Ora, é evidente para todos que ninguém pode expressar a grandeza de Deus a partir das coisas criadas e quem pensa de maneira digna de Deus proclamará que não é a grandeza que lhe falta, e mais, que é ela que sustenta todas as coisas e se estende até nós.

Deus torna-se acessível em Jesus Cristo

20,1. Portanto, não se pode conhecer a grandeza de Deus porque é impossível medir o Pai; mas, segundo o seu amor — visto ser este que nos leva a Deus, por meio de seu Ver-bo —, os que lhe obedecem sempre aprendem que existe um Deus tão grande, que é ele que de per si criou, fez, harmonizou e contém todas as coisas, e, entre todas elas, nós mesmos e o nosso mundo. Também nós, portanto, fomos criados por ele com tudo o que o mundo encerra. E é dele que a Escritura afirma: “Deus plasmou o homem tirando-o do lodo e soprando-lhe no rosto o hálito da vida”.¹⁶⁹ Portanto, não foram os anjos que nos plasmaram — os anjos não poderiam fazer uma imagem de Deus — nem outro qualquer que não fosse o Deus verdadeiro, nem uma Potência que estivesse afastada do Pai de todas as coisas. Nem Deus precisava deles para fazer o que em si mesmo já tinha decretado fazer, como se ele não tivesse suas próprias mãos! Desde sempre, de fato, ele tem junto de si o Verbo e a Sabedoria, o Filho e o Espírito. É por meio deles e neles que fez todas as coisas, soberanamente e com toda liberdade, e é a eles que se dirige, quando diz: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”,¹⁷⁰ tirando de si mesmo a substância das criaturas, o modelo daquilo que fez e a forma dos adornos do mundo.

20,2. Bem se expressou o escrito que diz: “Antes de tudo crê que existe um só Deus que criou, harmonizou e fez existir todas as coisas a partir do nada; que tudo contém e que não é contido por

nada”.¹⁷¹ Dentre os profetas também Malaquias diz justamente: “Não é um só o Deus que nos criou?” “Não é um só o Pai de todos nós?”¹⁷² Por conseguinte, o Apóstolo diz: “Há um só Deus que está acima de todos e em todos nós”.¹⁷³ Também o Senhor diz de maneira semelhante: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai”,¹⁷⁴ evidentemente pelo que fez todas as coisas, e lhe deu não as coisas dos outros, mas as suas próprias. Ora, no “todas as coisas” nada é excetuado, e é por isso que ele é o juiz dos vivos e dos mortos, “que tem a chave de Davi: abrirá e ninguém fechará; fechará e ninguém abrirá”.¹⁷⁵ “Nenhum outro, com efeito, pôde abrir o livro” do Pai, “nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, exceto o Cordeiro que foi imolado” e que “nos remiu no seu sangue”,¹⁷⁶ depois de ter recebido de Deus, que fez todas as coisas por meio de seu Verbo e as harmonizou com sua Sabedoria, o poder sobre todas as coisas, quando o Verbo se fez carne. E assim como detinha o primeiro lugar no céu, por ser o Verbo de Deus, também obteve a primazia na terra, por ser homem justo, “aquele que não cometeu o pecado e em cuja boca não há fraude”,¹⁷⁷ e também entre os que estão debaixo da terra, tornando-se o primogênito dos mortos; de forma que todas as coisas, como já dissemos, viram o seu Rei; e finalmente porque viesse na carne de nosso Senhor a luz do Pai e brilhando descesse até nós, e assim o homem pudesse chegar à incorrupção, envolvido que era na luz paterna.

20,3. Que antes que houvesse a criação o Verbo, isto é, o Filho, sempre estivesse com o Pai, demonstramo-lo amplamente; como também estava a Sabedoria, que outro não é senão o Espírito. É o que nos diz pela boca de Salomão: “Deus, pela sabedoria, fundou a terra; pela inteligência preparou o céu; pela sua ciência os abismos jorraram as fontes e as nuvens destilaram o seu orvalho”. E ainda: “O Senhor criou-me como princípio de seus caminhos, em vista de suas obras; antes dos séculos me fundou; no princípio, antes de fundar a terra, antes de fazer os abismos, antes de as fontes começarem a jorrar água, antes de firmar os montes, ele me gerou”. E ainda: “Quando preparava o céu eu estava com ele, quando fixava as fontes dos abismos e consolidava os fundamentos da terra, eu estava com ele, ajeitando. Era aquela em que ele se alegrava e todo dia eu me deliciava diante de sua face, por todo o tempo, quando se alegrava por ter acabado o mundo e se deliciava entre os filhos dos homens”.¹⁷⁸

20,4. Há um só Deus que por sua palavra e sabedoria fez e harmonizou todas as coisas. É ele o Criador, é ele que destinou este mundo ao gênero humano. Pela sua grandeza é desconhecido por todos os seres criados por ele — ninguém, tanto dos antigos quanto dos modernos, investigou a sua profundidade —; pelo seu amor, contudo, é conhecido, desde sempre, por aquele por quem criou todas as coisas, e este é o seu Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo, que nos últimos tempos se fez homem entre os homens, para unir o fim ao princípio, isto é, o homem a Deus.¹⁷⁹ Eis por que os profetas, tendo recebido desta mesma Palavra o carisma profético, anunciaram a sua vinda segundo a carne e por essa vinda se realizaram a união e comunhão de Deus e do homem, conforme a vontade do Pai. Desde o início a Palavra de Deus havia prenunciado que Deus seria visto pelos homens: viveria e conversaria com eles na terra, estaria presente à sua criação, para salvá-la e ser percebido por ela, “livrando-nos das mãos de todos os que nos odeiam”, isto é, de todo espírito de pecado e fazendo-nos “servi-lo na santidade e na justiça todos os nossos dias”¹⁸⁰ para que, unido ao Espírito de Deus, o homem tenha acesso à glória do Pai.

Os profetas viam parcialmente

20,5. Os profetas anunciaram tudo isso de maneira profética, mas não era outro aquele que era

visto por eles, como pretendem alguns, por ser invisível o Pai de todas as coisas. Assim falam os que desconhecem completamente o que é a profecia. A profecia é anúncio do futuro, isto é, predição das coisas que acontecerão. Os profetas predisseram, pois, que Deus seria visto pelos homens, conforme o que diz também o Senhor: “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus”.¹⁸¹ Contudo, segundo sua grandeza e sua glória inexprimível, ninguém poderá ver a Deus e continuar a viver, porque o Pai é inatingível; mas segundo o seu amor, sua bondade e onipotência, ele chega a conceder aos que o amam o dom de ver a Deus, que os profetas anunciavam, pois o que é impossível aos homens é possível a Deus. Por si mesmo o homem não poderá ver a Deus; mas ele, se quiser, será visto pelos homens, pelos que quiser, quando e como quiser. Porque Deus tudo pode: visto outrora segundo o profetismo por meio do Espírito, visto segundo a adoção, pela mediação do Filho, será visto ainda no reino dos céus segundo sua paternidade. O Espírito prepara o homem para o Filho de Deus, o filho o conduz ao Pai e o Pai lhe concede a incorruptibilidade e a vida eterna, que decorrem da visão de Deus.¹⁸²

Assim como os que vêm a luz estão na luz e recebem seu esplendor, também os que vêm a Deus estão em Deus e recebem seu esplendor. O esplendor de Deus vivifica: portanto, os que vêm a Deus recebem a vida. Por isso aquele que é inacessível, incompreensível e invisível torna-se visível, compreensível e acessível aos homens. Como é insondável sua grandeza, também é inexprimível a sua bondade, pela qual se torna visível e dá a vida aos que o vêem. É impossível viver sem a vida e não há vida senão pela participação em Deus, e a participação de Deus consiste em ver a Deus e gozar da sua bondade.¹⁸³

20,6. Os homens, portanto, verão a Deus para viver, tornando-se imortais por tal visão e alcançando a Deus. Isto era expresso de maneira figurativa pelos profetas, como já disse, isto é, que Deus será visto pelos homens que possuem o seu Espírito e esperam, sem cessar, a sua vinda. Como Moisés diz no Deuteronômio: “Neste dia veremos que Deus fala ao homem e este viverá”.¹⁸⁴ Alguns deles viam o Espírito profético e a sua atividade em toda espécie de carismas; outros viam a vinda do Senhor e a economia primordial segundo a qual cumpriu a vontade do Pai, tanto no céu como na terra; outros ainda viam as manifestações gloriosas do Pai, adaptadas aos tempos, aos homens que então viam e ouviam e aos que o ouviriam depois. Essa era a maneira com que Deus se manifestava: porque, por meio de tudo isso era o Pai que se dava a conhecer, pelas obras do Espírito, pelo ministério prestado pelo Filho, pela aprovação do Pai e pelo homem, tornado perfeito, em vista da sua salvação. Como diz por meio do profeta Oséias: “Eu multipliquei as visões e fui representado pelas mãos dos profetas”. O Apóstolo expôs as mesmas coisas quando disse: “Há diversidades de carismas, mas é o mesmo Espírito; há diversidades de ministérios, mas é o mesmo Senhor; há diversidades de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos: a cada um é dada a manifestação do Espírito conforme a utilidade”.¹⁸⁵ Aquele que opera tudo em todos, é invisível e inexprimível na sua natureza e grandeza por todos os seres feitos por ele, contudo não é completamente desconhecido: pelo Verbo todos podem aprender que há um só Deus Pai, que contém todas as coisas e dá a existência a todas, como está escrito no Evangelho: “Nunca ninguém viu a Deus, a não ser o Filho Unigênito que está no seio do Pai: ele o revelou”.¹⁸⁶

20,7. Desde o princípio o Filho é o revelador do Pai porque está com o Pai desde o princípio e manifesta ao gênero humano as visões proféticas, os diversos carismas, os ministérios e a glória do Pai gradual e tempestivamente segundo a utilidade. Onde há sucessão há continuidade, onde há continuidade há tempestividade, onde há tempestividade há utilidade. Por isso o Verbo se tornou dispensador da glória do Pai pela utilidade dos homens para os quais dispôs economias tão grandes,

para mostrar Deus ao homem e presentear o homem a Deus; ele mantém a invisibilidade do Pai para que o homem não venha a des-prezar a Deus e tenha sempre motivo de progredir; mas ao mesmo tempo torna Deus visível por meio de muitas economias, para que o homem privado totalmente de Deus não deixe de existir. Glória de Deus é o homem que vive e a vida do homem consiste na visão de Deus.¹⁸⁷ Se a manifestação de Deus por meio da criação dá a vida a todos os seres que vivem na terra, com maior razão a manifestação do Pai pelo Verbo dá a vida aos que vêm a Deus.

20,8. Já que o Espírito de Deus anunciava o futuro por meio dos profetas para nos preparar e predispor à submissão a Deus, e que este futuro importava que o homem, pelo beneplácito do Pai, visse a Deus, era necessário que aque-les pelos quais era predito o futuro vissem esse Deus que apontavam à contemplação dos homens, para que não fosse conhecido só profeticamente como Deus e Filho de Deus, Filho e Pai, mas fosse visto por todos os membros santificados e instruídos nas coisas de Deus e assim o homem fosse formado e exercitado anteriormente a aproximar-se da glória destinada a ser revelada em seguida aos que amam a Deus. Os profetas não profetizavam só com as palavras, mas também com visões, com o comportamento e as ações que faziam segundo a sugestão do Espírito. Neste sentido viam o Deus invisível, como diz Isaías: “Vi com os meus olhos o Rei Senhor dos exércitos” para indicar que o homem veria a Deus com seus olhos e escutaria a voz dele. Neste sentido viam o Filho de Deus viver como homem entre os homens; profetizando o que devia acontecer; nomeando presente aquele que ainda não estava lá; proclamavam passível quem era impassível; dizendo que desceria ao lodo da morte quem então estava nos céus. Assim viam as outras economias da sua recapitulação, algumas em visão, outras anunciavam com palavras, outras significavam com ações simbólicas. O que era para ver viam-no em visão; o que era para escutar anunciavam com a palavra; o que devia ser feito o faziam com atos: anunciavam tudo de maneira profética. Por isso Moisés dizia ao povo transgressor da Lei que Deus era fogo, cominando o dia do fogo que cairia sobre eles da parte de Deus; aos que, porém, eram timoratos de Deus, dizia: “O Senhor Deus é misericordioso, piedoso, magnânimo, compassivo, verídico; é o que guarda a justiça e a misericórdia milhares de vezes, que apaga as injustiças, as iniquidades e os pecados”.¹⁸⁸

20,9. O Verbo “falava a Moisés aparecendo diante dele como alguém fala com seu amigo”. Moisés, porém, desejava ver manifestamente quem lhe falava, então foi-lhe dito: “Fica em cima da pedra e te cobrirei com a minha mão. Quando terá passado o meu brilho, então me verás por trás, mas o meu rosto não será visto por ti: com efeito o homem não pode ver o meu rosto e viver”.¹⁸⁹ Com isso queria dizer duas coisas: que é impossível ao homem ver Deus e que, graças à sabedoria de Deus, no final dos tempos, o homem o verá na sumidade da rocha, isto é, na sua vinda como homem. Por isso Moisés falou com ele face a face no cimo do monte, na presença de Elias, como relata o Evangelho, cumprindo assim a antiga promessa.

20,10. Os profetas, portanto, não viam abertamente o rosto de Deus, e sim as economias e os mistérios pelos quais o homem é introduzido na visão de Deus. A Elias foi dito: “Sairás amanhã e ficarás diante do Senhor, e eis que o Senhor passará; eis vento poderoso e forte que desfaz os montes e quebra as pedras, na presença do Senhor, mas o Senhor não está no vento. Após o vento, o terremoto, mas o Senhor não está no terremoto; após o terremoto, o fogo, mas o Senhor não está no fogo; após o fogo, o murmúrio de uma brisa leve”.¹⁹⁰ Assim o profeta, que estava grandemente indignado pela transgressão do povo e pela matança dos profetas, era induzido a agir de forma mais mansa; e lhe era indicado o advento futuro do Senhor, co-mo homem, depois da Lei dada por Moisés; advento manso e tranqüilo, no qual não teria quebrado a cana rachada e não teria apagado a mecha fumegante. Era-lhe mostrada a tranqüilidade mansa e pacífica do seu reino. Depois do vento que

fende as montanhas e depois do terremoto e do fogo chegam os tempos tranqüilos e pacíficos do seu reino, nos quais o Espírito de Deus vivifica com toda tranqüilidade e faz crescer o homem.

Tornou-se ainda mais claro através de Ezequiel que os profetas viam de maneira imperfeita as economias de Deus e não o próprio Deus de maneira perfeita. Depois de ter uma visão de Deus, e depois de ter descrito os que-rubins, as suas rodas e o mistério de todas as suas evoluções, e de ter visto sobre eles a semelhança de trono, e sobre o trono uma semelhança como da forma de homem, cujas partes inferiores aos rins tinham a aparência de metal brilhante e as superiores como uma aparência de fogo; e depois de ter descrito o resto da visão do trono, para que ninguém pensasse que ele vira o próprio Deus, acrescenta: “Esta é a visão da imagem da glória do Senhor”.¹⁹¹

20,11. Por isso, se nem Moisés viu a Deus, nem Elias, nem Ezequiel, eles que contemplaram muitas das coisas celestes; se o que viram eram imagens da glória do Senhor e profecias das coisas futuras é evidente que o Pai é invisível, e é verdadeiro o que o Senhor disse dele: Nunca ninguém viu a Deus, enquanto o Verbo, de acordo com a sua vontade e para proveito dos que viam, mostrava a glória do Pai e revelava as economias, como também disse o Senhor: “O Deus Unigênito que está no seio do Pai, ele o revelou”.¹⁹² E como Revelador do Pai, o Verbo, que é rico e grande, não se deixava ver numa só forma, nem num só aspecto pelos que o viam, mas segundo as ocasiões e atividades das suas economias, como está escrito em Daniel: às vezes ele se mostra em companhia de Ananias, Azarias e Misael, assistindo-os na fornalha de fogo, e, na fornalha, salvando-os do fogo: “E a visão do quarto — diz ele — é semelhante a um Filho de Deus”; às vezes “é a pedra arrancada do monte sem a ajuda de mãos” que atingia e varria os reinos temporais e enchia a terra toda; às vezes, ainda, se parece com um “Filho de homem que vem sobre as nuvens do céu”, avizinha-se do Ancião dos dias e recebe dele o poder, a glória e o reino universais: “Seu poder — diz — é poder eterno e seu reino nunca será destruído”.¹⁹³

Também João, o discípulo do Senhor, no Apocalipse, assiste à vinda do reino glorioso e sacerdotal: “Virei-me — diz ele — para ver a voz que me falava; quando me virei vi sete candelabros de ouro e no meio deles alguém parecido a um Filho do homem, vestido de longa túnica e com cintura de ouro à altura do peito. Sua cabeça e seus cabelos eram brancos, como lã branca como a neve; seu olhos eram uma chama de fogo; seus pés semelhantes a cobre abrasado ao fogo; a voz dele era como a de muitas águas, na sua mão direita segurava sete estrelas, da sua boca saía um espada de dois gumes e seu rosto era brilhante como o sol no máximo de seu fulgor”.¹⁹⁴ Entre estas coisas, algumas significam o brilho que recebe do Pai como chefe, outra significa o pontificado, como a túnica, — foi por isso que Moisés vestiu assim o pontífice —; outra se refere ao fim, como o cobre abrasado no fogo, que é a fortaleza da fé e a perseverança das orações, por causa do grande incêndio que deve acontecer no fim. Mas João não suportou a visão: “Caí aos seus pés como morto”, diz ele, para que se cumprisse o que foi escrito: “Ninguém pode ver a Deus e viver”. Então o Verbo o reanimou e lhe lembrou que era aquele em cujo peito recostara-se durante a ceia, perguntando quem seria o traidor, e lhe dizia: “Eu sou o primeiro e o último, aquele que vive e foi morto; e eis que vivo por todos os séculos e tenho as chaves da morte e do inferno”. Depois, em segunda visão, ele viu o mesmo Senhor: “Eu vi — diz ele — no meio do trono e dos quatro animais e dos anciãos, um cordeiro de pé, como que degolado, com sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus, enviados por toda a terra”. E ainda, falando do mesmo cordeiro, diz: “Eis um cavalo branco e aquele que o montava tinha o nome de Fiel e Verdadeiro; ele combate e julga com justiça. Seus olhos são como chamas de fogo, na sua cabeça tem muitos diademas e tem nome inscrito que ninguém conhece, a não ser ele; veste manto manchado de sangue e seu nome é Verbo de Deus. Os exércitos do céu o

seguiam montados em cavalos brancos, vestidos de linho fino de brancura imaculada; da sua boca sai uma espada afiada para golpear as nações; ele as governará com cetro de ferro e espreme no lagar o vinho do furor da ira do Deus onipotente; no seu manto e no seu fêmur traz escrito o seu nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores”.¹⁹⁵ Assim, desde sempre, o Verbo de Deus mostrava aos homens as imagens do que haveria de fazer e as figuras das economias do Pai, instruindo-nos nas coisas de Deus.

Acontecimentos do Antigo Testamento explicados no Novo

20,12. Ele se serviu, para simbolizar e preanunciar o futuro, não somente das visões que os profetas contemplavam e das palavras que proferiam, mas também das ações que faziam. Eis por que o profeta Oséias tomou por esposa uma mulher de prostituição, para profetizar com este ato que a terra — isto é, os homens que a habitam — se prostituiria longe do Senhor, e que o Senhor haveria por bem formar a sua Igreja com tais homens e que a santificaria pelo contacto de seu Filho, como aquela mulher o foi pelo contacto com o profeta. É por isso que Paulo diz que a mulher infiel é santificada pelo marido fiel. Ainda, o profeta deu a seus filhos os nomes de “Aquele que não obteve misericórdia” e “Não povo”, para que, como diz o Apóstolo, “aquele que não era povo se tornasse povo e aquela que não obteve misericórdia a obtivesse, e no lugar em que era chamado Não povo, ali se chamassem Filhos do Deus vivo”.¹⁹⁶ O que o profeta fizera de maneira prefigurativa, o Apóstolo o mostrou feito de maneira real na Igreja por Cristo.

Assim também Moisés tomava por esposa uma etíope, tornando-a com isso israelita, preanunciando que a oliveira selvagem seria enxertada na oliveira boa e participaria da sua riqueza. Com efeito, como o Cristo, nascido segundo a carne devia ser procurado pelo povo para ser morto, foi salvo no Egito, isto é, entre os gentios, santificando as crianças que aí se encontravam e formando com eles a sua Igreja — o Egito, com efeito, desde o início era pagão, como também a Etiópia — com o casamento de Moisés era indicado o casamento do Verbo e na esposa etíope era indicada a Igreja que vinha da gentilidade; e os que a censuram, criticam e ridicularizam não são puros; como leprosos serão expulsos do acampamento dos justos.

Assim também Raab, a prostituta, que se acusava de ser pagã culpada de todos os pecados, acolheu os três espiões que investigavam toda a terra e os escondeu na sua casa, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. E quando toda a cidade onde ela morava desmoronou ao fragor dos sete trombeteiros, entre todos Raab, a prostituta, era salva com toda a sua família pela fé no sinal escarlate, como o Senhor dizia aos fariseus que não aceitavam a sua vinda, e anulavam o sinal escarlate que era a Páscoa, a libertação e a saída do povo do Egito: “Os publicanos e as prostitutas vos precederão no reino dos céus”.¹⁹⁷

21,1. Que em Abraão era prefigurada a nossa fé, e foi o patriarca e, por assim dizer, o profeta da nossa fé, o ensinou de forma completa o Apóstolo, dizendo na carta aos Gálatas: “Aquele que vos deu o Espírito e opera prodígios entre vós, o fez por motivo das obras da Lei ou pela obediência da fé? Como Abraão, que creu em Deus e lhe foi reputado a justiça. Reconhecei, portanto, que os que são da fé, estes são os filhos de Abraão. Prevendo que Deus justificaria os gentios pela fé, a Escritura anunciou a Abraão que nele seriam abençoadas todas as nações. Por isso os que são da fé serão abençoados com Abraão que creu”.¹⁹⁸ Por isso o chama não somente profeta da fé, mas o pai dos que entre os gentios crêem em Cristo Jesus, porque é uma e única, a sua e a nossa fé: ele creu em coisas futuras como se já tivessem acontecido, por causa da promessa de Deus, assim também nós, pela fé, contemplamos como que num espelho a herança que receberemos no reino, por causa da

promessa de Deus.

21,2. Também o que diz respeito a Isaac não é sem significação. Na carta aos Romanos, o Apóstolo diz: “Também Rebeca, tendo concebido de um só homem, de Isaac nosso pai”, para que ficasse confirmada a liberdade de escolha de Deus, que não dependia das obras, mas do que chama, teve revelação do Verbo e lhe foi dito: “Dois povos estão em teu seio, duas raças nas tuas entranhas e um superará o outro e o maior servirá ao menor”. Daí aparece que, não somente os atos dos patriarcas, mas também o parto de Rebeca foi o anúncio profético de dois povos, um maior e o outro menor, um escravo, o outro livre, ainda que filhos de único pai. Único e idêntico é o Deus nosso e deles, que conhece os segredos e o futuro, e por este motivo disse: “Amei Jacó, mas tive em ódio a Esaú”.¹⁹⁹

21,3. Ao considerar também os atos de Jacó se constatará que não são sem sentido, mas cheios de economias, começando pelo nascimento em que segurava o calcanhar do irmão e foi chamado Jacó, que significa Suplantador, que segura e não é segurado, amarra e não é amarrado, luta e vence, segura em sua mão o calcanhar do adversário, isto é, a vitória. É justamente por este motivo que nasceu o Senhor de quem Jacó prefigurava o nascimento, e de quem João diz no Apocalipse: “Saiu como vencedor e para vencer”.²⁰⁰ Depois recebeu o direito da primogenitura recusada pelo irmão; assim o povo mais novo acolheu o Cristo como primogênito quando o povo mais velho o repelia dizendo: “Não temos outro rei a não ser César”.²⁰¹ Em Cristo está toda bênção, por isso o povo mais novo arrancou do Pai as bênçãos do povo mais velho assim como Jacó tinha arrancado a bênção de Esaú, motivo pelo qual sofria as insídias e perseguições do irmão como a Igreja sofre a mesma coisa da parte dos judeus. Em terra estrangeira nasciam as doze tribos, os filhos de Israel, porque também o Cristo devia gerar em terra estrangeira as doze colunas, fundamento da Igreja. As ovelhas malhadas eram o salário de Jacó e o salário de Cristo são os homens que de várias e diferentes nações se reúnem no único redil da fé, como o Pai lhe havia prometido: “Pede-me e te darei as nações como tua herança e como propriedade os confins da terra”.²⁰² E porque Jacó foi profeta do Senhor pelo grande número de filhos, era necessário que tivesse filhos das duas irmãs como o Cristo os teve das duas Leis provindas de um só e único Pai; e da mesma forma, das duas escravas, para significar que o Cristo teria tornado filhos de Deus, quer os livres, quer os escravos segundo a carne, dando a todos os dons do Espírito que nos vivifica. Jacó fazia tudo por amor da mais jovem, dos olhos belos, Raquel, que simbolizava a Igreja pela qual o Cristo sofreu. Ele, então, pelos patriarcas e os profetas, prefigurava e preanunciava o futuro preparando a sua parte para as economias de Deus e acostumando a sua herança a obedecer a Deus, a viver como estrangeira no mundo, a seguir o seu Verbo e a prefigurar as coisas futuras: porque nada é vazio e sem sentido junto de Deus.

Continuidade entre os dois Testamentos

22,1. Nos últimos tempos, “quando chegou a plenitude do tempo” da liberdade, o Verbo em pessoa e por si mesmo “lavou as manchas das filhas de Sião”, lavando com suas mãos os pés dos discípulos,²⁰³ isto é, da humanidade que no fim recebia Deus em herança. Como no início, por causa dos primeiros homens, todos fomos reduzidos à escravidão e tornados devedores da morte, assim, no fim, por causa dos últimos, todos os que foram discípulos desde o princípio, foram purificados e lavados das coisas da morte e tiveram acesso à vida de Deus: porque quem lavou os pés dos discípulos santificou e levou à purificação o corpo inteiro.

Eis por que lhes servia o alimento quando estavam recostados para indicar os que jaziam na terra, aos quais viera comunicar a vida; como diz Jeremias: “O Senhor, o Santo de Israel, se lembrou de

seus mortos que dormiam na terra das tumbas e desceu até eles para lhes anunciar a boa nova da salvação, para os salvar”.

Por isso, os olhos dos discípulos estavam cansados quando Cristo veio para a paixão. Encontrando-os adormecidos, primeiramente os deixou ficar assim, para indicar a paciência de Deus diante do sono dos homens; mas vindo segunda vez os acordou e os fez levantar, para indicar que a sua paixão devia acordar os discípulos que dormiam; e era para eles que “desceu nas partes inferiores da terra”, para ver com seus olhos os seres inacabados da criação, acerca dos quais dizia aos discípulos: “Muitos profetas e justos desejaram ver e ouvir o que vós vedes e ouvis”.²⁰⁴

22,2. Cristo não veio somente pelos que creram nele no tempo de Tibério César; e o Pai não exerceu somente a sua providência para os homens de então, mas para todos os homens que desde o início, segundo as suas capacidades e seus tempos, temeram e amaram a Deus, praticaram a justiça e a bondade para com o próximo, desejaram ver o Cristo e ouvir a sua voz. Na sua segunda vinda acordará e porá todos estes homens de pé diante dos outros que serão julgados e os estabelecerá em seu reino. Único é o Deus que conduziu os patriarcas nas suas economias e “justificou os circuncisos em vista da fé e os incircuncisos pela fé”.²⁰⁵ Nós éramos prefigurados e anunciados nos primeiros e eles são representados em nós, isto é, na Igreja, e recebem o salário das suas fadigas.

Os semeadores e os ceifadores

23,1. Por isso o Senhor dizia aos discípulos: “Eis, eu vos digo, levantai os olhos e vêde os campos: eles são brancos para a colheita. O ceifador recebe o seu salário e recolhe o fruto para a vida eterna a fim de que o semeador e o ceifador se alegrem juntos. Nisto é verdadeira a palavra: um é quem semeia e outro quem recolhe. Eu vos enviei a ceifar o que não vos custou nada; outros fatigaram e vós entrastes nas suas fadigas”.²⁰⁶ Quem são os que se cansaram, que serviram às economias de Deus? Está claro que são os patriarcas e os profetas que prefiguraram a nossa fé e espalharam na terra a semente da vinda do Filho de Deus, anunciando quem e o que seria, de modo que os homens que viriam depois, instruídos pelos profetas, tivessem o temor de Deus e recebessem com facilidade a vinda do Cristo.

Por isso José, quando notou a gravidez de Maria e pensava em repudiá-la em segredo, ouviu um anjo dizer-lhe em sonho: “Não temas tomar Maria por tua esposa, pois o que tem no ventre vem do Espírito Santo. Dará à luz um filho e lhe darás o nome Jesus porque é ele que salvará o seu povo de seus pecados”. E acrescentou, para o convencer: “Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pela boca do profeta: Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e será chamado com o nome de Emanuel”.²⁰⁷ Com as palavras do profeta ele o convenciu e desculpava Maria, mostrando que ela era exatamente a Virgem que Isaías preanunciara como a Mãe do Emanuel. Assim José se convenceu e acolheu Maria e prestou com alegria o seu serviço em toda a educação do Cristo, aceitando ir até o Egito, depois de voltar de lá e transferir-se para Nazaré, tanto que pelos que ignoravam as Escrituras, as promessas de Deus e a economia do Cristo era tido como o pai da criança. Sempre por este motivo o próprio Senhor lia em Cafarnaum as profecias de Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os aflitos de coração, a anunciar aos prisioneiros a libertação e aos cegos a visão”. E para mostrar que ele era o preanunciado pelos profetas, dizia-lhes: “Hoje se cumpriu esta Escritura aos vossos ouvidos”.²⁰⁸

23,2. Também por este motivo Filipe, tendo encontrado o eunuco da rainha da Etiópia que lia o texto: “Como ovelha conduzida ao matadouro e como cordeiro mudo diante de seu tosquiador assim

ele não abre a boca; na humilhação foi-lhe tirado o julgamento”²⁰⁹ e todo o resto que o profeta descreve da sua paixão, da sua vinda na carne e como foi ultrajado pelos que não criam, facilmente o convenceu a crer que falava do Cristo que foi crucificado sob Pôncio Pilatos e sofreu tudo o que o profeta predissera e que este era o Filho de Deus que dá a vida eterna aos homens. E logo que o batizou desapareceu da vista dele porque não faltava mais nada a este homem que já fora instruído pelos profetas. Ele não ignorava Deus Pai, nem as normas da sua conduta, somente não sabia da vinda do Filho de Deus. Logo que ficou sabendo disso continuou feliz a sua viagem para tornar-se na Etiópia arauto da vinda do Cristo. Filipe não teve muito trabalho com este homem, pois ele já fora formado precedentemente no temor de Deus pelos profetas.

Eis ainda por que os apóstolos que reuniam as “ovelhas perdidas da casa de Israel”, falando das Escrituras com elas, mostravam-lhes que Jesus, o crucificado, era o Cristo, o Filho do Deus vivo, e convenciam a multidão dos que tinham o temor de Deus, e num só dia se batizaram três, quatro e até cinco mil pessoas.²¹⁰

O chamado dos pagãos à fé. Suas condições de inferioridade

24,1. Eis ainda por que Paulo, que foi o apóstolo dos gentios, declara: “Trabalhei mais que todos eles”.²¹¹ Para eles o ensinamento foi fácil porque já tinham as provas tiradas das Escrituras. Os que ouviam Moisés e os profetas acolhiam sem dificuldade o primogênito dos mortos e o príncipe da vida de Deus, aquele que com a imposição das mãos derrotava Amalec, e pela fé nele curava o homem da mordida das serpentes. O apóstolo que catequizava os pagãos devia, em primeiro lugar, como dissemos no livro anterior, ensiná-los a abandonar a superstição dos ídolos e adorar um só Deus, criador do céu e da terra e de todo o universo; depois lhes devia ensinar que este Deus tem um Filho, o seu Verbo, pelo qual criou todas as coisas, e que nos últimos tempos este Filho se tornou homem entre os homens, deu novas forças ao gênero humano, venceu e destruiu o inimigo do homem e deu à sua criatura a vitória contra o adver-sário. E, ainda que os que eram da circuncisão não cumprissem as palavras de Deus, porque as desprezavam, contudo eles já haviam sido instruídos para não cometer adultério, não fornicar, não roubar, não furtar, sabendo que tudo o que prejudica o próximo é mal e é odiado por Deus, motivo pelo qual se deixavam facilmente convencer a abster-se de todas estas coisas que já sabiam.

24,2. Os pagãos, porém, deviam ainda aprender que estas ações eram más, prejudiciais, inúteis e danosas para os que as cometiam. Por isso o que recebera o apostolado entre os gentios trabalhara mais do que os que prega vam o Filho de Deus entre os circuncisos. Estes eram coadjuvados pelas Escrituras, confirmadas e cumpridas pela vinda do Senhor, assim como fora anunciada. Lá, pelo contrário, era ensinamento estranho e nova doutrina, para demonstrar que não somente os deuses dos gentios não eram deuses, mas eram ídolos dos demônios; que existe um só “Deus que está acima de todo principado, potestade, dominação e todo nome com que se chame”;²¹² que o Verbo, invisível por natureza, se tornou palpável e visível entre os homens e se rebaixou até a morte e morte de cruz; que os que crêem nele se tornarão incorruptíveis e impassíveis e obterão o reino dos céus. Tudo isso era pregado aos gentios pela simples palavra, sem apoio nas Escrituras, e é por isso que trabalhavam mais os pregadores dos gentios e que também se mostrou mais generosa a fé dos gentios que seguiam o Verbo de Deus sem a instrução das Escrituras.

A incircuncisão liga-os a Abraão

25,1. Estes deviam ser os filhos de Abraão que Deus suscitou das pedras e pôs ao lado dele, iniciador, patriarca e anunciador da nossa fé, que recebeu a aliança da circuncisão após a justificação pela fé sem a circuncisão, para que fossem prefigurados nele os dois testamentos e se tornasse o pai de todos os que seguem o Verbo de Deus e aceitam viver neste mundo como estrangeiros, isto é, de todos os fiéis que vêm da circuncisão e do paganismo. Como o Cristo, a pedra fundamental que sustenta tudo e reúne na única fé de Abraão todos os que, dos dois testamentos, são aptos a formar o edifício de Deus. Mas a fé do incircunciso, justamente por unir o princípio e o fim, se tornou a primeira e a última, porque antes da circuncisão se encontrava em Abraão e em todos os outros justos que agradaram a Deus, como o demonstramos; e novamente, nos últimos tempos, reapareceu na humanidade pela vinda do Senhor. A circuncisão e a Lei ocuparam o período médio dos acontecimentos.

25,2. Isto é demonstrado simbolicamente por Tamar, a nora de Judá, além de outros muitos sinais. Quando dava à luz os gêmeos, um deles apresentou primeiro a mão, e a parteira, pensando que era o primogênito, lhe amarrou na mão um fio escarlate, como sinal. Depois disso ele retraiu a mão e veio à luz primeiro o irmão Farés e em segundo lugar Zara, aquele que tinha o fio escarlate. Com isso a

Escritura indica claramente o povo que tem o sinal do fio escarlate, isto é, a fé sem a circuncisão; fê que inicialmente se mostrou nos patriarcas e que depois se retirou, para que nascesse seu irmão. Assim o que se mostrou em pri-meiro lugar, nasceu como segundo filho e era reconhecível pelo sinal do fio escarlate que trazia e que simbolizava a paixão do Justo, prefigurada no início por Abel, descrita pelos profetas, que se cumpriu, no final dos tempos, no Filho de Deus.

25,3. Era necessário que algumas coisas fossem preanunciadas pelos patriarcas ao modo dos patriarcas; outras pelos profetas, ao modo da Lei, e, finalmente, outras recebessem dos que obtiveram a adoção uma forma correspondente à sua conformação ao Cristo: todas, porém, são mostradas em um único Deus. Abraão, sendo uma só pessoa, prefigurava os dois testamentos em que alguns semearam e outros ceifaram: Nisto — se diz — mostra-se verdadeira a palavra: “um é o povo que semeia e outro o que ceifa”;²¹³ mas é único o Deus que dá a cada um o que lhe convém, a semente ao semeador e o pão como alimento ao ceifador; exatamente como um é o que planta e outro quem rega, mas é um só Deus quem faz crescer. Os patriarcas e os profetas semearam as palavras que se referem a Cristo, e a Igreja ceifou, isto é, recolheu os frutos. É por isso que eles pedem seja levantada nela a sua tenda, como diz Jeremias: “Quem me dará no deserto a última habitação?”, para que o “semeador e o ceifador se alegrem juntos”²¹⁴ no reino de Cristo, que está presente a todos para os quais, desde o início, Deus quis que o Verbo estivesse presente.

26,1. Se alguém ler as Escrituras neste sentido, encontrará uma palavra a respeito do Cristo e uma prefiguração da nova vocação. Ele é o tesouro escondido no campo, isto é, neste mundo — com efeito, o campo é o mundo —, e Cristo está escondido nas Escrituras no sentido de que é indicado por figuras e parábolas que não podiam humanamente ser entendidas antes que se cumprissem as profecias, isto é, antes da vinda do Senhor. Eis por que foi dito ao profeta Daniel: “Põe o selo sobre estas palavras, sela este livro até o tempo do cumprimento, até que muitos aprendam e se cumpra o conhecimento”. “Quando terá chegado ao fim a dispersão eles entenderão todas estas coisas”.²¹⁵ Toda profecia antes que se cumpra é enigmática e ambígua para os homens, mas, chegado o tempo e cumprido o que foi predito, então as profecias têm sentido líquido e certo. Por isso, quando, em nossos dias, os judeus lêem a Lei é para eles como ler um conto, porque não têm a noção completa acerca da vinda do Filho de Deus na natureza humana, mas quando lida pelos cristãos é tesouro escondido no campo, revelado e explicado pela cruz de Cristo, que revela a sabedoria de Deus e as suas economias acerca dos homens, prepara o reino de Cristo e anuncia a herança da santa Jerusalém, afirma que o homem deve progredir continuamente no amor de Deus até que verá a Deus, escutará a sua voz e, escutando a sua palavra, será glorificado de tal modo que os outros não poderão olhar para o seu rosto, como foi dito a Daniel: “Os sábios brilharão como o esplendor do firmamento, e entre a multidão dos justos como as estrelas pelos séculos para sempre”.²¹⁶ Se alguém lê as Escrituras da maneira que dissemos, assim como Jesus as explicou aos discípulos depois da sua ressurreição dos mortos, mostrando por meio delas que o Cristo devia sofrer e entrar, assim, na sua glória, e que se devia pregar em seu nome a remissão dos pecados em todo o mundo, será discípulo perfeito e “semelhante ao pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas”.²¹⁷

O ideal dos sacerdotes

26,2. Eis por que se devem escutar os presbíteros que estão na igreja, que são os sucessores dos apóstolos, como o demonstramos, e que com a sucessão no episcopado receberam o carisma seguro da verdade segundo o beneplácito do Pai. Quanto a todos os outros que se separam da sucessão principal e em qualquer lugar que se reúnam, devem ser vistos com desconfiança, como hereges e de

má fé, como cismáticos cheios de orgulho e de suficiência, ou ainda, como hipócritas que fazem isso à procura de lucro e de vanglória. Todos eles se afastaram da verdade e os hereges que oferecem sobre o altar de Deus um fogo estranho, isto é, doutrinas estranhas, serão queimados pelo fogo celeste como Nadab e Abiú. Os que se insurgem contra a verdade e excitam os outros contra a Igreja de Deus, tragados pelos abismos da terra, terão sua morada nos infernos como Coré, Datã, Abiram e todos os que estavam com eles. Os que rompem e dividem a unidade da Igreja receberão de Deus o mesmo castigo de Jeroboão.

26,3. Os que são tidos por presbíteros aos olhos de muitos, mas são escravos das suas paixões, que não põem antes de tudo o temor de Deus em seus corações, insultam os outros, incham-se de arrogância por ocuparem os primeiros lugares, fazem o mal às escondidas e dizem: “Ninguém nos verá”, serão repreendidos pelo Verbo, que não julga segundo a opinião e não olha o rosto, mas o coração e ouvirão as palavras do profeta Daniel: “Raça de Canaã e não de Judá, a beleza te seduziu e a paixão te perverteu o coração. Homem envelhecido no mal, agora são manifestos os pecados que fazias antes, pronunciando juízos injustos, condenando os inocentes e absolvendo os culpados, quando o Senhor disse: ‘Não matarás o inocente e o justo’”. O Senhor disse deles: “Se o servo mau diz em seu coração: meu dono está se atrasando e começa a bater nos servos e nas servas, e a comer, beber e embriagar-se, quando o dono daquele servo vier, num dia que não sabe e na hora que não espera, o trancará e lhe dará sua parte com os incrédulos”.²¹⁸

26,4. É preciso, portanto, afastar-se de todos os homens desta espécie e aderir aos que, como dissemos, guardam a doutrina dos apóstolos e com a ordem sacerdotal oferecem palavra e conduta irrepreensível para exemplo e emendamento dos outros. Eles devem ser como Moisés, ao qual foi confiada tão grande missão e que, apoiado no testemunho da boa consciência, se justificava diante de Deus, dizendo: “Não tomei deles nada que podia ser desejável e não fiz mal a nenhum deles”; como Samuel que por tantos anos julgou o povo e governou Israel sem orgulho e no fim se justificava: “Vivi com vocês desde a minha tenra idade até hoje. Respondei-me diante do Senhor e do seu ungido: A qual de vós tirei o bezerro ou o asno? quem oprimi ou obriguei? das mãos de quem tirei a oferta propiciatória ou as sandálias? Dizei-o contra mim e eu o restituirei”. O povo lhe respondeu: “Não nos obrigaste, nem oprimiste, nem recebeste nada da mão de ninguém”. Então, tomando Deus como testemunha, disse: “Deus e o seu ungido são hoje testemunhas de que não encontrastes nada na minha mão”. Eles disseram: “São testemunhas”.²¹⁹ Também o apóstolo Paulo, apoiado em sua boa consciência, dizia aos coríntios: “Não somos como muitos que adulteram a palavra de Deus, mas falamos na sinceridade, como vem de Deus, diante de Deus no Cristo”. “Não causamos dano a ninguém, nem corrompemos ou enganamos alguém”.²²⁰

26,5. São estes os presbíteros que a Igreja sustenta, dos quais o profeta diz: “Constituirei teus príncipes na paz e teus bispos na justiça”. E o Senhor dizia deles: “Qual será o administrador fiel, bom e sábio que o Senhor estabelecerá à frente da sua família e lhes dê o alimento no tempo certo? Feliz daquele servo que o Senhor, na sua vinda, encontrar portando-se assim”.²²¹ Paulo ensina onde se podem encontrar esses servos: “Deus constituiu na Igreja em primeiro lugar os apóstolos, no segundo os profetas, no terceiro os doutores”.²²² Onde foram postos os carismas do Senhor, ali se deve aprender a verdade, junto dos que na Igreja possuem a sucessão dos apóstolos, a integridade inatacável da conduta e a pureza incorruptível da palavra. Estes conservam em nós a fé num único Deus que criou todas as coisas; fazem crescer em nós o amor ao Filho de Deus que dispôs para nós tão grandes economias; e, com toda segurança, expõem as Escrituras sem blasfemar a Deus, sem desonrar os patriarcas e sem desprezar os profetas.

27,1. Ouvi certo presbítero dizer — o que ele tinha ouvido dos apóstolos e dos seus sucessores —, que para os antigos bastava a correção das Escrituras, por aquilo que faziam sem o conselho do Espírito, porque Deus, que não faz distinção de pessoas, dava uma correção conveniente ao que não era conforme a sua vontade.

Este foi o caso de Davi. Quando era perseguido injustamente por Saul e fugia dele sem se vingar de seu inimigo; quando cantava a vinda de Cristo e ensinava a sabedoria às nações e tudo cumpria segundo o conselho do Espírito, era agradável a Deus. Mas quando, levado pela paixão, tomou para si Betsabéia, a mulher de Urias, a Escritura disse: “A ação que Davi fez pareceu má aos olhos do Senhor”. E foi-lhe enviado o profeta Natã para lhe mostrar o seu pecado, para que, julgando a si mesmo e condenando-se, obtivesse a misericórdia e o perdão de Cristo. Deus enviou Natã a Davi que lhe disse: “Havia dois homens numa cidade, um rico e outro pobre; o rico tinha muitos rebanhos de ovelhas e manadas de bois, o pobre não possuía senão uma pequena ovelha que mantinha e alimentava junto de si e de seus filhos; ela comia do seu pão e bebia de seu copo e era como uma filha. Na casa do rico se hospedou um homem. O rico não quis tomar uma ovelha de seu rebanho, nem um boi de sua manada, para lhe preparar comida, mas tomou a pequena ovelha do pobre e a serviu ao homem que viera à sua casa. Davi irritou-se grandemente contra este homem e disse a Natã: Como é verdade que o Senhor vive! o homem que fez isso merece a morte! E pela ovelha devolverá outras quatro, por ter feito isso e por não ter compaixão do homem. E Natã lhe disse: Tu és o homem que fez isso!”²²³ E lhe expôs com pormenores o resto, repreendendo-o e enumerando-lhe os benefícios do Senhor e mostrando-lhe que irritara o Senhor agindo assim; que aquela ação não agradava a Deus e que grande ira se abateria sobre a sua casa. Davi foi tocado pelo arrependimento e disse: “Pequei contra o Senhor” e cantou o salmo da confissão, falando da vinda do Senhor que lava e purifica os pecados do homem caído em poder deles.

A mesma coisa se deu com Salomão. Enquanto permaneceu a julgar com justiça, a falar com sabedoria, a edificar o templo, figura do verdadeiro, a anunciar a paz destinada às nações, a prefigurar o reino de Cristo, a pronunciar três mil parábolas para a vinda do Senhor e cinco mil cânticos em louvor a Deus, a expor a sabedoria de Deus que se encontra na criação, dissertando sobre toda árvore, toda erva, todas as aves, todos os quadrúpedes, répteis e peixes, e dizia: “Será possível que o Deus que os céus não podem conter, habite na terra com os homens?”²²⁴ Até então, agradou a Deus e foi admirado pelos homens. Todos os reis da terra procuravam vê-lo, para escutar a sabedoria que Deus lhe dera; e a rainha do Sul veio a ele das extremidades da terra para conhecer a sabedoria que estava nele. O Senhor diz que ela ressurgirá, no dia do juízo, com a geração dos que escutaram a sua voz e não acreditaram nele para condená-los por não se terem submetido à sabedoria anunciada pelo servo de Deus e desprezaram a sabedoria que lhe era concedida pelo Filho de Deus; com efeito, Salomão não era senão servo, mas o Cristo era o Filho de Deus e o Senhor de Salomão.

Quando ele servia a Deus de modo impecável e coo-perava com suas economias, era glorificado; mas quando tomava mulheres de todas as nações e lhes permitia erigir ídolos em Israel, a Escritura disse dele: “O rei Salomão amava as mulheres e tomou para si mulheres estrangeiras; e aconteceu que no tempo da velhice de Salomão o seu coração não era perfeito com o Senhor seu Deus; as mulheres estrangeiras desviaram o seu coração para os deuses delas e Salomão fez o mal diante do Senhor; não se-guiu o Senhor como Davi, seu pai. E o Senhor se irritou contra Salomão, porque o seu coração não era perfeito com o Senhor como fora o coração de Davi, seu pai”.²²⁵ A Escritura o repreendeu fortemente, como diz o presbítero, para que nenhuma carne se glorie diante do Senhor.

27,2. Por isso o Senhor desceu às partes inferiores da terra para levar também a eles a boa nova da sua vinda, que é a remissão dos pecados para os que crêem nele. Crêem nele todos os que nele esperaram, isto é, que anunciaram a sua vinda e cooperaram com suas economias, os justos, os profetas e os patriarcas. A eles, como a nós, perdoou os pecados que não lhes devemos mais imputar, se não quisermos desprezar a graça de Deus. Como eles não nos imputavam as intemperanças que fazíamos antes que o Cristo nos fosse manifestado, assim não é justo que acusemos os que pecaram antes da vinda de Cristo. Porque todos os homens precisam da glória de Deus²²⁶ e são justificados, não por si mesmos, mas pela vinda do Senhor, os que olham para a sua luz.

Foi para nossa correção que foram escritos os seus atos para que primeiramente aprendêssemos que tan to para eles como para nós há somente um Deus que não aprova os pecados, também quando cometidos por pessoas famosas e também para que nos abstenhamos do mal. Se, com efeito, os antigos que nos precederam na graça e pelos quais o Filho de Deus ainda não sofrera, incorreram em tais repreensões por ter cometido uma falta e ter-se tornado escravos da concupiscência carnal o que deverão sofrer os de agora que desprezam a vinda do Senhor e se tornam escravos das suas paixões? Para eles a morte do Senhor foi a remissão de seus pe-cados, mas para os que pecam agora “o Cristo já não morre, porque a morte já não tem poder sobre ele” e o Fi-lho há de vir na glória do Pai a fim de exigir dos seus administradores, juntamente com os juros, o dinheiro que lhes confiara, e a quem mais deu, mais exigirá. Por isso não nos devemos orgulhar, dizia aquele presbíte-ro, nem censurar os antigos, mas temer por nós que, de- pois de ter conhecido o Cristo, ao fazer algo que desa grade a Deus, não possamos obter o perdão dos nossos pecados e sejamos excluídos do seu reino. Eis por que Paulo disse: “Se não poupou os ramos naturais, com maior razão não poupará a ti, que, não passando de oliveira selvagem, foste enxertado na oliveira boa e tornado participante da sua seiva”²²⁷.

27,3. Da mesma forma as culpas do povo foram escritas não para os que então pecavam, e sim para nossa correção e para que saibamos que um só e idêntico é o Deus contra o qual eles pecavam e contra o qual pecam agora alguns que fazem profissão de fé. É isso que o Apóstolo mostra claramente na carta aos Coríntios, quando diz: “Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos embaixo da nuvem e que todos foram batizados em Moisés na nuvem e no mar, que todos comeram o mesmo alimento espiritual e todos beberam a mesma bebida espiritual; eles bebiam do rochedo espiritual que os acompanhava e este rochedo era o Cristo. Mas Deus não achou agradável a maioria deles, e morreram no deserto. Isto aconteceu em figura para nós, para que não estejamos apegados ao mal como o foram eles; para que não sejais idólatras como alguns deles, como está escrito: O povo sentou-se para comer e beber e se levantaram para dançar; nem devemos fornicar como alguns deles fizeram e por causa disso pereceram no mesmo dia vinte e três mil; nem tentemos o Cristo como alguns deles tentaram e pereceram por causa das serpentes; nem murmureis como alguns deles murmuraram e foram eliminados pela mão do exterminador. Tudo isso lhes acontecia para serem símbolos e foi escrito para instrução nossa, para os quais chegou o fim dos séculos. Por isso quem julga estar de pé, cuide-se para não cair”²²⁸.

27,4. Sem equívocos nem contradições, o Apóstolo mostra que é um só e mesmo Deus que condenou aquelas ações e agora julga as presentes e indica o motivo pelo qual isso foi escrito. Apresentam-se assim como ignorantes, atrevidos e até impudentes todos os que, por causa da transgressão dos antigos e da desobediência de grande número deles, asseguram que o seu Deus, aquele que criou o mundo e deriva da degradação, é diverso daquele Pai indicado pelo Cristo e que é o que cada um deles pensa. Eles, porém, não entendem que como então foi desagradável a Deus a

maioria dos que dentre eles pecaram, assim também aqui muitos são os chamados e poucos os eleitos. E como então, os injustos, os idólatras e os fornicadores perderam a vida, assim agora o Senhor diz que pessoas como aquelas serão enviadas para o fogo eterno. E o Apóstolo diz: “Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os homossexuais, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os maldizentes, nem os raptos possuirão o reino de Deus”. E a prova de que não se dirige a estranhos, mas a nós, para que não sejamos lançados fora do reino de Deus, por ter agido desta forma, está nestas palavras: “Eis que alguns de vós foram isso; mas fostes lavados, fostes santificados e fostes justificados no nome de nosso Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus”.²²⁹

Como então eram condenados e lançados fora os que faziam o mal e corrompiam os outros, assim agora arrancam-se o olho, o pé e a mão que escandalizam para que não se perca o resto do corpo. Mais, temos a ordem de “sequer comer com um irmão chamado impudico, ou avarento, ou maldizente, ou bêbado, ou rapinador”. E é ainda o Apóstolo que diz: “Ninguém vos seduza com palavras vãs; por isso é que veio a ira de Deus sobre os filhos da desobediência: não vos associeis com eles”.²³⁰

Como então a condenação dos pecadores compreendia também os que os aprovavam e faziam como eles, assim agora: um pouco de fermento corrompe toda a massa.

Como então a ira de Deus se abatia sobre os injustos, assim acontece também agora, no dizer do Apóstolo: “Manifestar-se-á a ira de Deus do céu sobre toda impiedade e injustiça dos homens que prendem a verdade na iniquidade”.²³¹

Como então Deus se vingou dos egípcios que oprimiam injustamente Israel, assim agora o Senhor diz: “Deus não vingará os seus eleitos que gritam a ele dia e noite? Na verdade, eu vos digo, ele os vingará prontamente”. E o Apóstolo, na carta aos Tessalonicenses, diz: “É coisa justa para Deus pagar com tribulação aos que vos oprimem, e a vós que sois oprimidos, dar o descanso conosco, quando se revelar o Senhor Jesus, vindo do céu, com os anjos do seu poder e na chama ardente, para vingar-se dos que não conhecem a Deus e que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus; eles terão a pena eterna da perdição, longe da face do Senhor e do esplendor de seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado por todos os que crêem nele”.²³²

Superioridade moral do Novo Testamento

28,1. Portanto, agora como então, o justo julgamento de Deus é o mesmo que então era feito de forma típica, temporária e limitada e agora de forma verdadeira, para sempre e com rigor; — o fogo, com efeito, é eterno e a ira de Deus será revelada pela face de nosso Senhor, — como diz Davi: “A face do Senhor está sobre os que fazem o mal para fazer desaparecer da terra até sua memória”²³³ — que infligirá castigo maior aos que caírem em seu poder. O presbítero mostrava como são insensatos os que, com o pretexto dos castigos sofridos pelos que então desobedeceram a Deus, tentam introduzir outro Pai, contrapondo tudo o que o Senhor fez, quando da sua vinda e na sua misericórdia, para salvar os que o receberam e silenciando sobre o seu juízo e sobre a sorte reservada aos que ouviram a sua palavra e não a praticaram, e que era melhor para eles não terem nascido, e que será mais tolerável, no julgamento, a sorte de Sodoma e Gomorra do que a daquela cidade que não recebeu a palavra de seus discípulos.

28,2. Como no Novo Testamento aumentou a fé dos homens em Deus, recebendo em acréscimo o Filho de Deus, de sorte que o homem se torna partícipe de Deus, e também cresceu o

aperfeiçoamento da conduta, visto que se nos ordena não somente abster-nos das ações más, como também de todo mau pensamento, de palavras ociosas e licenciosas, assim o castigo dos que não crêem no Verbo de Deus, desprezam a sua vinda e voltam atrás é aumentado, e, de temporal que era, se tornou eterno. Aqueles aos quais o Senhor dirá: “Ide longe de mim, malditos, para o fogo eterno”, serão condenados para sempre; e todos aqueles aos quais dirá: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei a herança do reino que vos foi pre-parada para sempre”,²³⁴ receberão para sempre o reino e progredirão nele. Pois há um só e idêntico Deus Pai, e o seu Verbo está presente desde sempre na humanidade, se bem que por meio de economias diversas, e operando de muitas maneiras, salvando desde o início os que são salvos — os que amam a Deus e seguem o Verbo de Deus segundo a sua condição — e condenando os que são con-denados, isto é, os que esquecem a Deus, blasfemam e ofendem o seu Verbo.

28,3. Os hereges de que falamos, mesmo sem se dar conta, acusam o Senhor no qual dizem crer. Com efeito, o que eles opõem a quem outrora condenou os desobedientes e golpeou os egípcios, enquanto salvava os que lhe obedeciam, atinge também o Senhor que condena para a eternidade os que condena e absolve para a eternidade os que absolve. Nas palavras deles, o Senhor seria a causa do pecado máximo, dos que o prenderam e o transpassaram. Se ele não viera daquela forma eles nunca se tornariam os carnílices do Senhor, se não lhes enviara os profetas eles nunca os matariam, como não teriam matado os apóstolos. Aos que nos acusam e dizem: se os egípcios não fossem atingidos pelas pragas e se não se tivessem afo-gado no mar quando perseguiram Israel, Deus não poderia salvar o seu povo, nós responderemos: se os judeus não tivessem morto o Senhor — o que lhes fez perder a vida eterna — e se, matando os apóstolos e perseguindo a Igreja, não tivessem caído no abismo da cólera, nós não poderíamos ser salvos. Com efeito, como eles foram salvos pela cegueira dos egípcios, assim nós o fomos pela dos judeus; e a morte do Senhor foi a condenação dos que o crucificaram e não creram na sua vinda e a salvação dos que crêem na sua vinda. O Apóstolo diz na segunda carta aos Coríntios: “De fato, nós somos para Deus o bom odor de Cristo para os que se salvam e para os que se perdem; para uns, perfume de morte para a morte; para outros, perfume de vida para a vida”.²³⁵ Para quem é perfume de morte para a morte a não ser para os que não crêem e não estão submetidos ao Verbo de Deus? E quem são os que entregaram a si mesmos à morte? Os que não creram e não se submeteram a Deus. Ao contrário, quem foram os que se salvaram e receberam a herança? Os que criam em Deus e perseveraram no seu amor, como Caleb, filho de Jefoné, e Josué, filho de Nun, e as crianças inocentes que sequer podiam pensar o mal. E quem são agora os que se salvam e recebem a vida? Não são os que amam a Deus, crêem nas suas promessas e se tornaram crianças quanto à malícia?

Resposta a duas objeções. Endurecimento do coração do faraó

29,1. Eles objetam: Deus endureceu o coração do faraó e dos seus ministros. Por que os que fazem esta acusação não lêem o trecho do Evangelho em que os discípulos perguntam ao Senhor: “Por que lhes falas em parábolas?” e a resposta do Senhor: “Porque a vós foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas a eles falo em parábolas para que olhando não vejam e ouvindo não entendam, para que se cumpra neles a profecia de Isaías que diz: Endurece o coração deste povo, fecha-lhe os ouvidos, e torna-lhes cegos os olhos. Quanto a vós, felizes os vossos olhos que vêem o que vedes e os vossos ouvidos que ouvem o que ouvis”.²³⁶ É um só e mesmo Senhor que torna cegos os que não crêem nele e o negam — como o sol, sua criatura, o faz com os que, por alguma doença dos olhos, não podem ver a sua luz — ao passo que aos que crêem nele e o seguem dá uma iluminação da

inteligência mais plena e maior. Da mesma forma fala também o Apóstolo na segunda carta aos Coríntios: “O Deus deste século cegou as mentes dos infiéis para que não resplandeça neles a luz do Evangelho de glória do Cristo”. E, novamente, na carta aos Romanos, diz: “Como não se esforçaram por conhecer Deus, Deus os abandonou à sua inteligência pervertida para fazer o que não é conveniente”. Na segunda carta aos Tessalonicenses, ele fala abertamente, dizendo do Anticristo: “Eis por que Deus lhes enviou uma Potência de desviação para que acreditem na mentira e sejam condenados todos os que não acreditaram na verdade e consentiram na iniquidade”.²³⁷

29,2. Se, portanto, Deus, que é conhecedor de todo o futuro, abandona, agora, na sua incredulidade todos os que sabe que não acreditarão e desvia o seu rosto de homens desta espécie, abandonando-os às trevas que eles mesmos escolheram, o que há de se admirar se, naquele tempo, abandonou à sua incredulidade os que nunca teriam crido, o faraó e todos os que estavam com ele? Com efeito, o Verbo diz assim a Moisés, falando de dentro da sarça: “Eu sei que o faraó, rei do Egito, não os deixará ir embora, se não for por meio de mão poderosa”.²³⁸ E como o Senhor falava em parábolas provocando a cegueira de Israel, para que olhando não vissem, porque conhecia a sua incredulidade, da mesma forma endurecia o coração do faraó, porque mesmo vendo que era o dedo de Deus que fazia sair o povo, não acreditasse e se precipitasse no pélogo da incredulidade, imaginando-se que o êxodo se deu por alguma mágica e que o mar Vermelho abriu passagem ao povo, não pelo poder de Deus, e sim por fenômeno natural.

Furto dos hebreus

30,1. Os que repreendem e acusam o povo hebreu porque por ocasião do êxodo partiu depois de ter recebido, por ordem de Deus, dos egípcios objetos de todo tipo e vestimentas, com os quais foi depois construído o tabernáculo no deserto, esses mesmos mostram desconhecer os julgamentos de Deus e suas economias, como dizia o presbítero. Se Deus não tivesse permitido isso no êxodo simbólico, hoje, no nosso verdadeiro êxodo, isto é, pela fé na qual nos encontramos e pela qual saímos do meio dos gentios, ninguém se poderia salvar. Nós todos, de fato, somos donos de alguma propriedade, pequena ou grande que seja, que compramos “com o Mamom de iniquidade”. Com efeito, de onde nos vêm a casa em que moramos, os indumentos que nos vestem, os objetos que usamos e tudo o que nos serve na nossa vida de todos os dias, senão do dinheiro que adquirimos com a avareza, quando éramos pagãos, ou de parentes, ou conhecidos e amigos pagãos que os tinham adquirido com a injustiça, para não falar dos que ainda agora adquirimos, mesmo estando na fé? Qual o vendedor que não quer ter o seu ganho do comprador? ou qual o comprador que não quer ter o seu ganho do vendedor? ou qual o comerciante que não se dedica ao comércio para tirar daí o seu sustento? Qual dos fiéis que estão no palácio imperial não tira dos objetos de César os que lhe são necessários para o próprio uso, e não distribui, conforme as suas possibilidades, aos que precisam? Os egípcios eram devedores ao povo não somente dos seus bens, mas também da sua vida, pelo favor anterior do patriarca José. Mas os pagãos dos quais recebemos os ganhos e as vantagens, em que nos são devedores? Tudo o que produzem com suas fadigas, nós, que estamos na fé, usamos sem esforço nenhum.

30,2. Além do mais, o povo estava reduzido pelos egípcios à pior das escravidões, como diz a Escritura: “Com violência os egípcios dominavam sobre os filhos de Israel e por ódio obrigavam-nos a viver em duros trabalhos, argila, tijolos e todos os trabalhos do campo e todos os trabalhos aos quais os submetiam pela força”.²³⁹ E construíram para eles cidades fortificadas, e com muitas fadigas e com todo tipo de escravidão aumentaram-lhes as riquezas por anos a fio, enquanto os egípcios, não

contentes de ser ingratos com eles, queriam fazê-los desaparecer a todos. Então, que injustiça fizeram se receberam tão pouca coisa do muito, recebendo um salário ínfimo pela longa escravidão, eles, que sem a escravidão, teriam muitas riquezas próprias e teriam ido embora ricos? Se um homem livre fosse levado à força por outro e após tê-lo servido como escravo durante muitos anos e aumentado a sua fortuna, recebesse algum socorro, pareceria entrar na posse de uma parte dos bens do dono, na realidade, porém, ele partiria depois de ter recebido bem pouca coisa por conta de seu muito trabalho e das muitas riquezas ajuntadas graças a ele; e se alguém o acusasse de ter agido injustamente, era muito mais ele a mostrar-se juiz injusto do homem forçadamente reduzido à escravidão. Ora, dá-se a mesma coisa com os que imputam ao povo a culpa de ter recebido o pouco por seu muito trabalho, mas não acusam a si mesmos de ter recebido de seus parentes, sem nenhum merecimento e sem nunca os terem servido à força, as maiores vantagens. Acusam de injustiça — como dissemos — os que receberam como pagamento de seus trabalhos não dinheiro, mas uns poucos vasos de ouro ou de prata — nós diremos a verdade, ainda que para alguns possa parecer ridículo —, e pretendem agir conforme à justiça, quando eles próprios, pelos trabalhos de outros, trazem em seus cintos moedas de ouro, prata e cobre com a efígie e a inscrição de César.

30,3. Se se fizer uma comparação entre nós e eles, quem pareceria ter recebido mais justamente? O povo, que recebeu dos egípcios que lhe eram absolutamente devedores ou nós que recebemos dos romanos e das outras nações que não nos devem nada disso e, além disso, deram a paz ao mundo de forma que podemos viajar sem medo, por terra e por mar, onde quer que desejemos? Para gente dessa espécie cai como luva a palavra do Senhor: “Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e poderás ver para tirar o cisco do olho de teu irmão”. Se, com efeito, quem te repreende e se gaba da sua gnose, separou-se da sociedade dos pagãos, se não tem nada consigo que seja de outros, se vive completamente nu e descalço nas montanhas como um desses animais que se alimentam de erva, talvez seja escusado, pois não conhece as necessidades da nossa vida. Mas se participa dos bens que por todos são chamados dos outros e critica o seu simbolismo, mostra-se injustíssimo e reverte a sua acusação contra si mesmo, porque se encontrará levando sobre si o que é dos outros, desejando o que não é dele. Por isso o Senhor disse: “Não julgueis para não serdes julgados. De fato com o mesmo juízo com que julgardes sereis julgados”,²⁴⁰ certamente não para que não corriamos os culpados e aproveamos as coisas mal feitas, e sim para que não julguemos injustamente as economias de Deus, pois ele prefigurou corretamente todas as coisas.

Visto que sabia que teríamos usado bem dos recursos recebidos dos outros, diz: “Quem tiver duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma e quem tem alimentos faça o mesmo”; e: “Tive fome e me destes de comer, estava nu e me vestistes”, e: “Quando dás esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita”,²⁴¹ e todas as outras obras boas com que somos justificados, como que redimindo as coisas nossas por meio das dos outros — dos outros, eu digo, não no sentido de que este mundo seja estranho a Deus, mas porque o que damos o recebemos dos outros, como eles o receberam dos egípcios que não conheciam a Deus e com estas coisas erigimos em nós o tabernáculo de Deus, porque Deus habita nos que fazem o bem, como diz o Senhor: “Granjeai-vos amigos com o dinheiro da iniquidade, para que eles, quando sereis afastados, vos recebam nos tabernáculos eternos”.²⁴² porque o que adquirimos com o dinheiro da iniquidade quando éramos pagãos, uma vez que nos tornamos cristãos o empregamos no serviço do Senhor e por isso somos justificados.

30,4. Era necessário que tudo isso fosse mostrado antecipadamente em figura e que o tabernáculo de Deus fosse feito com os objetos que eles receberam com toda justiça, como demonstramos, e fôssemos prefigurados neles, nós que haveríamos de começar a servir a Deus com os bens dos

outros. A saída do Egito de todo o povo e tudo o que aconteceu pela ação de Deus foi a figura e o tipo do êxodo da Igreja, que se daria do paganismo; desta Igreja que, no fim, sairá daqui para entrar na herança que lhe dará, não Moisés, servo de Deus, mas Jesus, o Filho de Deus. Quem observar mais atentamente o que os profetas dizem do fim e o que João viu no Apocalipse, verá que as mesmas pragas que afligiram a seu tempo o Egito atingirão todas as nações.

Justificação das filhas de Lot

31,1. O presbítero nos animava com estes discursos sobre os antigos e dizia: Não devemos repreender os profetas e os patriarcas pelas culpas de que a própria Escritura os acusa nem nos tornar como Cam que zombou das vergonhas de seu pai e incorreu na maldição, mas devemos agradecer a Deus por eles, porque, quando da vinda de nosso Senhor, lhes foram perdoados os pecados, porque — dizia — eles próprios agradeciam e se alegravam pela nossa salvação. Nem devemos denunciar as ações que as Escrituras não condenam, mas se limitam a apresentar — não sejamos mais zelosos do que o próprio Deus nem podemos ser melhores que o próprio Mestre — e procurar um sentido tipológico, porque nenhum ato que a Escritura refere sem condenar é sem sentido.

Este foi o caso de Lot que tirou de Sodoma as suas filhas que engravidaram de seu pai e abandonou na região a sua esposa feita estátua de sal, até hoje. Com efeito, por não ter agido de espontânea vontade, nem por paixão carnal, nem com a percepção ou o pensamento de ato semelhante, Lot cumpriu uma ação simbólica. A Escritura diz: “A mais velha entrou e dormiu com o pai naquela noite e Lot não se apercebeu nem enquanto dormia nem quando ela se levantou”. E com a mais nova aconteceu o mesmo: “Ele não se apercebeu, diz, nem quando se deitou nem quando se levantou”. E assim, na ignorância do homem e sem impulso da paixão, se cumpria a economia pela qual as duas filhas, isto é, as duas assembléias, eram tornadas fecundas sem paixão carnal pelo único e mesmo Pai. Porque não havia nenhum outro que lhes pudesse dar semente de vida e filhos, conforme está escrito: “E a mais velha disse à mais nova: Nosso pai está velho e na terra não há ninguém que possa estar conosco, como deve ser por toda a terra. Vem, demos vinho ao nosso pai, durmamos com ele, para dar-lhe uma descendência”.²⁴³

31,2. Aquelas filhas diziam isso sincera e inocentemente, pensando que todos os homens tivessem perecido como os sodomitas e que a ira de Deus tivesse passado por toda a terra; por isso são escusáveis, pensando terem ficado só elas com o pai para conservar o gênero humano e por isso enganaram o pai. Mas, com suas palavras, elas indicavam também que não havia nenhum outro que pudesse dar a geração de filhos à sinagoga antiga e à nova a não ser o nosso Pai. Ora, o Pai do gênero humano é o Verbo de Deus, como Moisés mostrou, dizendo: “Não é este o teu Pai, que te adquiriu, te fez e te criou?”²⁴⁴ E quando efundi sobre o gênero humano a semente da vida, isto é, o Espírito da remissão dos pecados pelo qual somos vivificados? Não foi quando vivia com os homens e bebia o vinho na terra? Veio o Filho do homem, diz, que comia e bebia — e quando se deitou, pegou no sono e dormiu, como ele próprio diz por Davi: “Eu peguei no sono e dormi. E visto que fazia isso em comunhão de vida conosco, diz ainda: O meu sono tornou-se-me suave”.²⁴⁵ Tudo isso era significado por Lot: pois a semente do Pai de todas as coisas, isto é, o Espírito de Deus, pelo qual foram criadas todas as coisas, misturou-se e uniu-se à carne, vale dizer, à obra modelada por ele, e é por esta mistura e esta união que as duas assembléias frutificaram, da parte de seu Pai, filhos viventes para o Deus vivente.

31,3. Enquanto isso acontecia, a esposa ficou nas proximidades de Sodoma, não mais carne

corruptível, mas estátua de sal, que dura para sempre, indicando, mediante fenômenos naturais, o que é habitual ao homem: que a Igreja, que é o sal da terra, foi deixada nas regiões da terra para suportar as vicissitudes humanas e, enquanto lhe são continuamente tirados os membros, continua a ser a estátua de sal intacta, isto é, fundamento da fé que con-firma seus filhos e os envia diante do seu Pai.

Único Deus revelador

32,1. É desta maneira que falava o presbítero, discípulo dos apóstolos, acerca dos dois Testamentos, mostrando que eles derivam de único e mesmo Deus; que não há um Deus diferente daquele que nos fez; que não tem consistência o discurso dos que dizem que este nosso mundo foi feito por meio dos anjos ou de qualquer outra potência, ou de outro Deus. Se alguém se afasta de vez do Criador de todas as coisas e admite que o nosso mundo foi feito por outro ou por meio de outro qualquer, necessariamente cai em inúmeras contradições e incongruências para as quais não poderá dar nenhuma resposta verossímil nem verdadeira. Por isso, os que introduzem teorias heterodoxas nos escondem o seu pensamento a respeito de Deus, sabendo que este é o ponto fraco de sua doutrina e temendo correr o risco de não se salvar, se vencidos. Aquele, porém, que crê que há um só Deus que fez tudo por meio de seu Verbo — como diz Moisés: “E Deus disse: que a luz se faça, e foi feita a luz”; e no Evangelho lemos: “Todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada foi feito”; e o Apóstolo, da mesma forma: “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai que está acima de todos, por meio de todos e em todos nós” —, este primeiramente se manterá “unido à Cabeça, cujo Corpo, em sua inteireza, bem ajustado e unido por meio de toda junta e ligadura, com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes, realiza o seu crescimento para a sua própria edificação no amor”;²⁴⁶ então toda palavra lhe será compreensível se ler as Escrituras com atenção, de acordo com os presbíteros da Igreja, junto dos quais está a doutrina apostólica, como demonstramos.

32,2. Todos os apóstolos ensinaram que houve dois Testamentos para dois povos, mas que foi um só e único Deus que os deu para a utilidade dos homens e à medida que estes começavam a crer em Deus. Foi o que mostramos, por meio do ensinamento dos apóstolos, no nosso terceiro livro. Como mostramos que não foi de balde, sem motivos ou por acaso que foi dado o primeiro Testamento, o qual inclinava aqueles aos quais fora dado ao serviço de Deus e para o bem próprio — porque Deus não precisava do serviço dos homens — e era ao mesmo tempo um símbolo das coisas celestes, pois o homem ainda não podia ver com seus olhos as coisas de Deus e era imagem do que acontece agora na Igreja para confirmar a nossa fé e continha a profecia do futuro, para que o homem aprendesse que Deus conhece todo o futuro.

GNOSE VERDADEIRA E GNOSE FALSA

O verdadeiro discípulo “espiritual”

33,1. Um discípulo verdadeiramente espiritual, que acolhe o Espírito de Deus presente desde o início a todas as economias de Deus em favor dos homens, que anuncia o futuro, revela o presente e descreve o passado, “julga todos e ele não é julgado por ninguém”.²⁴⁷

Julga os pagãos que serviram à criatura em lugar do Criador, seguindo a sua inteligência depravada e consumindo em vão toda a sua atividade.

Julga os judeus também que não acolhem o Verbo de liberdade e não querem ser libertados, mesmo tendo entre si o Libertador; os quais, intempestivamente e fora da Lei, simulavam render a Deus culto de que ele não precisava; os quais não reconheceram a vinda de Cristo, que se deu pela

salvação dos homens; os quais não quiseram entender que todos os profetas anunciaram duas vindas dele: — a primeira, na qual se fez homem, coberto de chagas, que sabe suportar a enfermidade, que cavalga um burrinho, que é a pedra rejeitada pelos construtores e qual cordeiro conduzido ao matadouro, aquele que derrota Amalec com a extensão de suas mãos e reúne os filhos dispersos das extremidades da terra no redil do Pai, aquele que lembrando-se dos pais já adormecidos desce até eles para libertá-los e salvá-los; — a segunda, quando vier sobre as nuvens e trazer o Dia que é como a fornalha ardente, atingir a terra com a palavra de sua boca, matar os ímpios com o sopro de seus lábios, com a joeira nas mãos, purificar a sua eira, recolher o trigo nos celeiros e queimar a palha num fogo inextinguível.

33,2. Este discípulo saberá também avaliar a doutrina de Marcião. Como se pode admitir que haja dois deuses separados por uma distância infinita? ou como pode ser bom aquele que afasta os homens não seus do verdadeiro criador deles, para convidá-los ao seu próprio reino? e por que a sua bondade é deficiente, visto que não salva a todos? e por que se mostraria bom para com os homens e injustíssimo para com aquele que o criou, despojando-o dos que são dele? E como poderia o Senhor, se fosse Filho de outro Pai, declarar justamente que o pão pertencente à nossa criação é o seu corpo e afirmar que a mistura do cálice era o seu sangue? Como poderia proclamar-se fi-lho do homem se não tivesse geração humana? Como poderia perdoar-nos os pecados que nos tornavam devedores do nosso Criador e Deus? Como poderia ser crucificado e como poderiam sair de seu lado transpassado sangue e água se não tivesse verdadeira carne e só aparentemente fosse homem? Que corpo era aquele que os sepultadores sepultaram, e qual o que ressuscitou dos mortos?

33,3. Este discípulo julgará também todos os valentinianos, que da boca para fora confessam um único Deus Pai, de quem derivam todas as coisas, e depois dizem que aquele que criou todas as coisas é fruto de degradação ou de desviação. Eles que com a boca confessam um só Senhor, Jesus Cristo, o Filho de Deus, mas no seu pensamento atribuem uma emissão distinta ao Unigênito, outra ao Verbo, outra ao Cristo e outra ainda ao Salvador, de forma que, segundo eles, todos formam uma só coisa, mas cada um deles pode ser concebido separadamente e possui a sua emissão de acordo com a sua sizígia. Assim, pela boca deles, há uma unidade, mas no seu pensamento e no espírito, olhando o que é mais profundo, se afastam desta unidade e hão de cair debaixo da multiforme condenação de Deus, quando serão interrogados pelo Cristo acerca das suas invenções; pelas quais dizem que o Cristo é posterior ao Pleroma dos 30 Éões, dos quais afirmam uma emissão, à qual assistiram como obstetras, que se deu depois da degradação e da desviação sobrevindas por causa da paixão em Sofia. O próprio Homero, seu profeta, na escola do qual inventaram tais coisas, acusá-los-á com estas palavras: “É-me inimigo como as portas do Hades quem tem uma coisa escondida no coração e outra manifesta em sua boca”.²⁴⁸

Este discípulo julgará ainda as bacharelises dos gnósticos e suas falsas opiniões, mostrando que são discípulos de Simão, o mago.

33,4. Este discípulo julgará também os ebionitas. Como podem os homens se salvarem, se Deus não é quem operou a sua salvação na terra? ou como o homem irá a Deus, se Deus não veio ao homem? como poderão eles abandonar a geração de morte, se não for por novo nas-cimento dado por Deus de maneira inesperada e maravilhosa em sinal de salvação, aquele que aconteceu no seio da Virgem, e serem regenerados pela fé? ou como receberão de Deus a adoção, permanecendo neste nascimento que é segundo o homem neste mundo? como poderia ser maior do que Salomão ou do que Jonas e como seria o Senhor de Davi se fosse da mesma substância deles? como poderia derrotar quem que era mais forte do que o homem, que tinha vencido o homem e o mantinha em seu poder,

como poderia triunfar do vencedor e libertar o vencido, se não fosse superior ao homem vencido? Maior que o homem, feito à semelhança de Deus, quem poderia ser, exceptuando-se o Filho de Deus, à semelhança do qual o homem foi feito? Por isso, no fim, o próprio Filho de Deus mostrou esta semelhança, fazendo-se homem, assumindo em si a antiga criatura, como explicamos no livro anterior.

33,5. Este discípulo julgará também os que introduzem a pura aparência. Como pensam disputar se o seu mestre não foi mais que aparência? ou como podem obter dele certeza se foi somente aparência e não realidade? como podem participar da salvação, se aquele no qual dizem acreditar manifestou-se de modo aparente? Se para eles tudo é aparente e não verdadeiro, então dever-se-á perguntar se também eles, que não são homens, mas somente animais sem razão, não apresentam à maioria dos homens simplesmente pura aparência de homens?

33,6. Este discípulo julgará também os falsos profetas que sem ter recebido de Deus o carisma profético, e sem o temor de Deus, mas por vanglória, ou por interesse qual-quer, ou pela influência de algum mau espírito, fingem profetizar, mentindo acerca de Deus.

33,7. Este discípulo julgará também os fautores de cismas, falsos e sem amor de Deus, que visam mais à sua vantagem do que a unidade da Igreja e pelos motivos mais insignificantes e fúteis rasgam e dividem o corpo glorioso de Cristo e, no que lhes diz respeito, o matam: falam de paz e fazem a guerra, verdadeiramente como o mosquito e engolem o camelo; deles não pode vir reforma alguma que equivalha aos danos causados pelo cisma.

Este discípulo julgará ainda todos os que estão fora da verdade, isto é, fora da Igreja.

Quanto a ele não será julgado por ninguém, porque tudo nele possui firmeza inquebrantável: — a fé íntegra no único Deus onipotente, de quem tudo procede — a adesão firme em Jesus Cristo nosso Senhor, Filho de Deus, por quem tudo existe, e nas economias pelas quais se fez homem, ele, o Filho de Deus; — e no Espírito de Deus que comunica o conhecimento da verdade, que manifesta as economias do Pai e do Filho segundo as quais esteve presente no gênero humano, como o Pai quer.

33,8. A verdadeira gnose é a doutrina dos apóstolos, é a antiga difusão da Igreja em todo o mundo, é o caráter distintivo do Corpo de Cristo que consiste na sucessão dos bispos aos quais foi confiada a Igreja em qualquer lugar ela esteja; é a conservação fiel das Escrituras que chegou até nós, a explicação integral dela, sem acréscimos ou subtrações, a leitura isenta de fraude e em plena conformidade com as Escrituras, explicação correta, harmoniosa, isenta de perigos ou de blasfêmias e, mais importante, é o dom da caridade, mais precioso do que a gnose, mais glorioso do que a profecia, superior a todos os outros carismas.

33,9. Eis por que a Igreja, no seu amor por Deus, em todo lugar e todo tempo, envia multidão de mártires ao Pai enquanto os outros não podem mostrar junto de si esse fenômeno, dizendo que este testemunho é desnecessário; o verdadeiro testemunho é a sua doutrina, a não ser um ou dois, durante o tempo a seguir àquele em que o Senhor apareceu na terra, como se ele também tivesse alcançado misericórdia, carregou o opróbrio do nome com os nossos mártires e foi conduzido com eles ao suplício, como uma espécie de suplemento que lhes foi concedido. O opróbrio dos que sofrem perseguição pela justiça, sofrem toda espécie de tormentos, e são mortos pelo amor de Deus e a confissão de seu Filho, só a Igreja o suporta puramente; continuamente mutilada, logo aumenta os seus mem-bros e readquire a integridade, do mesmo modo que o seu tipo, a mulher de Lot, a estátua de sal. Assim os profetas antigos sofriam perseguições como diz o Senhor: “Foi assim que perseguiram os profetas que viveram antes de vós”;²⁴⁹ porque o Espírito que repousa sobre ela é o

mes-mo, sofre perseguições novas dos que não recebem o Verbo de Deus.

Profecias e seu cumprimento

33,10. Porque, além do mais, os profetas anunciaram também que todos os que sobre os quais pousaria o Espírito de Deus, que teriam obedecido ao Verbo do Pai e o serviriam com todas as suas forças, sofreriam perseguições, seriam lapidados e mortos. Porque os profetas prefiguravam em suas pessoas tudo isso, por causa de seu amor a Deus e pelo seu Verbo.

Sendo eles também membros do Cristo, cada um manifestava a profecia da forma da qual era membro, e não obstante o seu número, prefiguravam e anunciavam o que se referia a um só. Como por meio dos nossos membros se manifesta a atividade de todo o nosso corpo, e a forma de um homem não aparece por um só membro, mas pela sua totalidade, assim os profetas, todos prefiguravam um só, mas cada um deles cumpria a economia da forma da qual era membro e profetizava a obra de Cristo que correspondia a este membro.

33,11. Alguns, contemplando-o na glória, viam a sua vida gloriosa à destra do Pai. Outros, ao contemplá-lo vindo sobre as nuvens como Filho do homem, disseram: “Eles verão aquele que transpassaram”, indicando assim aquela vinda de que ele próprio diz: “Acreditas que quando o Filho do homem vier encontrará a fé sobre a terra?”²⁵⁰ Paulo diz desta vinda: “É coisa justa para Deus retribuir com tribulação os que vos atribulam e a vós que sois atribulados conceder o descanso conosco quando se revelar o Senhor Jesus, vindo do céu, com os anjos do seu poder, no meio de chama ardente”²⁵¹.

Outros, chamando-o Juiz e comparando o dia do Senhor a uma fornalha ardente, porque recolhe o trigo em seus celeiros e queima a palha num fogo que não se apaga, ameaçavam os incrédulos com o castigo de que o Senhor fala: “Ide longe de mim, malditos, para o fogo eterno que meu Pai preparou para o diabo e seus anjos”,²⁵² e também de que o Apóstolo falava: “Eles sofrerão a pena eterna da perdição pela face do Senhor e o esplendor de seu poder, quando virá para ser glorificado nos seus santos e ser reconhecido admirável nos que acreditaram nele”²⁵³.

Outros ainda disseram: “Belo de aspecto, mais do que os filhos dos homens”, e: “O Deus, o teu Deus, ungiu-te com óleo de alegria de preferência a teus companheiros”, e: “Cinge a tua espada ao teu flanco; com a tua beleza e o teu aspecto, avança, prospera e reina com lealdade, mansidão e justiça”,²⁵⁴ e assim a seguir, tudo o que disseram, para mostrar o esplendor, a beleza e a alegria no seu reino, mais brilhantes e excelentes do que todos os que reinam com ele, para que todos os que escutarem desejem encontrar-se ali, depois de ter cumprido o que agrada a Deus.

Outros ainda disseram: “É homem, e quem o conhecerá?” e: “Eu fui à profetisa e ela deu à luz um filho; seu nome é Conselheiro admirável, Deus forte”²⁵⁵. E os que o chamavam Emanuel, nascido da Virgem, queriam com isso indicar a união do Verbo de Deus com a criatura modelada por ele, isto é, que o Verbo se faria carne, e o Filho de Deus, Filho do homem; o puro que abre de modo puro o seio puro que regenera os homens em Deus, que ele fez puro; e tendo-se feito aquilo mesmo que nós somos, é o Deus forte e possui origem inexprimível.

Outros ainda disseram: “O Senhor falou em Sião e de Jerusalém fez ecoar a sua voz”, e: “Deus é conhecido em Judá”,²⁵⁶ para indicar a sua vinda na Judéia. E os que dizem que Deus vem do África, do monte sombrio e denso, querem indicar a sua vinda de Belém, como mostramos no livro precedente, donde vem como chefe e pastor do povo de seu Pai.

Outros ainda disseram: “Na sua vinda o coxo pulará como cervo, a língua dos mudos será desamarrada e os ouvidos dos surdos escutarão”; e ainda: “Serão fortificados os joelhos fracos e as

mãos desfalecidas”, e: “os mortos se levantarão dos sepulcros”; e: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregará as nossas doenças”,²⁵⁷ para indicar as curas que teria operado.

33,12. Outros predisseram que seria homem fraco, sem glória, sabendo suportar a enfermidade; que viria a Jerusalém montando um burrico; apresentaria as costas aos flagelos e o rosto às bofetadas; que seria levado ao sacrifício como cordeiro; que lhe dariam a beber vinagre e fel; que seria abandonado pelos amigos e companheiros; que estenderia suas mãos o dia todo; que seria objeto de riso e desprezo dos espectadores; que as suas vestes seriam repartidas e a túnica sorteada; que seria colocado na poeira da morte etc. Com isso eles profetizavam a sua vinda à natureza humana e a sua entrada em Jerusalém, onde sofreu, foi crucificado e suportou todos estes tormentos.

Outros ao dizer: “O Senhor, o Santo, lembrou-se de seus mortos que já tinham adormecido na terra lodocenta, desceu até eles para os tirar de lá e salvá-los”, apresentavam o motivo pelo qual sofreu isso tudo. Os que disseram: “Naquele dia, assim fala o Senhor, o sol se porá ao meio-dia e haverá trevas sobre a terra num dia de céu limpo e mudarei as vossas festas em luto e todos os vossos cantos em lamentações”,²⁵⁸ anunciaram com grande evidência o pôr-do-sol, que na sua crucifixão se deu ao meio-dia, e que depois deste acontecimento as festas e os cânticos prescritos pela Lei se transformariam em luto e lamentação, quando seriam entregues aos pagãos. Jeremias anunciou de maneira mais clara ainda estes acontecimentos, quando dizia de Jerusalém: “Esmoreceu aquela que gerou, sua alma desfaleceu, o sol se pôs para ela quando ainda era meio-dia; está envergonhada e consternada; o que resta deles eu o entregarei à espada diante de seus inimigos”.²⁵⁹

33,13. Os que disseram que teria adormecido e caído no sono e que teria acordado porque o Senhor o sustentou; e mandavam que os príncipes dos céus abrissem as portas eternas para que entrasse o Rei da glória, proclamavam a sua ressurreição dos mortos pelo poder do Pai e a sua recepção nos céus.

Outros disseram: “A sua saída é do extremo do céu e o seu percurso vai até outro extremo e nada escapa ao seu calor”, anunciavam que subiria aos céus de onde desceu e que ninguém escaparia ao seu justo juízo.

Os que disseram: “O Senhor é rei: que os povos se irrite; ele está assentado sobre os querubins: a terra se abale!”²⁶⁰ profetizavam, por um lado, a ira de todos os povos contra os que acreditariam nele depois da ascensão e a agitação de toda a terra contra a Igreja; e, por outro, o tremor de toda a terra, quando da sua volta do céu com os mensageiros de seu poder, conforme ele mesmo disse: “Haverá grande comoção na terra, como nunca houve desde o princípio”.

Outros ainda disseram: “Quem é julgado? Poste-se em frente. Quem é justificado? Aproxime-se ao servo do Senhor!” e: “Ai de vós, pois envelhecereis todos como um vestido e a traça vos destruirá”; e: “Toda carne será rebaixada e somente o Senhor será elevado nas alturas”²⁶¹ para indicar que depois da sua paixão e ascensão Deus poria debaixo de seus pés todos os seus adversários, que ele seria elevado acima de todos e que ninguém poderia ser justificado ou comparado com ele.

33,14. Os que dizem que Deus concluiria uma nova aliança em favor dos homens, diversa da que tinha feito com os pais no monte Horeb, e daria aos homens coração novo e espírito novo; e também: Esquecei as coisas anteriores; eis que faço novas coisas que agora surgirão e vereis; no deserto farei um caminho e na terra árida rios para matar a sede da raça escolhida, o meu povo que adquiri para contar os meus prodígios, anunciavam claramente a liberdade do Novo Testamento e o vinho novo que se põe nos odres novos, isto é, a fé em Cristo, caminho da justiça aberto no deserto e os rios do Espírito Santo brotados na terra árida para matar a sede da raça escolhida de Deus, que adquirira para que contasse os seus prodígios e não para insultar a Deus que fez estas coisas.

33,15. Assim, como demonstramos por esta citação tão ex-tensa das Escrituras, um homem verdadeiramente es-piritual interpretará todas as palavras que foram ditas pelos profetas mostrando o aspecto particular das economias do Senhor que eles visavam e, ao mesmo tempo, a totalidade da obra feita pelo Filho de Deus. Reconhecerá, em todos os tempos, o mesmo Deus como também o mesmo Verbo de Deus que presentemente se nos manifestou e, em todos os tempos, reconhecerá o mesmo Espírito de Deus que foi derramado em nós, de maneira nova, nos últimos tempos. Finalmente reconhecerá, desde a criação do mundo e até o fim, o mesmo gênero humano no qual os que crêem em Deus e seguem o seu Verbo obtêm dele a salvação, ao passo que os que se afastam de Deus e desprezam os seus mandamentos desonram pelas obras o seu Criador e blasfemam por seus pensamentos aquele que os sustenta e acumulam contra si mesmos o mais justo dos julgamentos. Portanto este homem julga a todos enquanto ele não é julgado por ninguém; não insulta seu Pai, não despreza as suas economias, não acusa os pais, não des-conhece os profetas, dizendo que eram enviados por outro Deus ou que provinham de substâncias diversas.

A novidade é o próprio Senhor

34,1. Contra todos os hereges e primeiramente contra os discípulos de Marcião e os que como eles dizem que os profetas foram enviados por outro Deus, diremos: lede com maior atenção o Evangelho que nos foi dado pelos apóstolos, lede com maior atenção as profecias e podereis comprovar que toda a obra, toda a doutrina e toda a paixão de nosso Senhor foi predita por eles. Se vos ocorrer este pensamento: então o que trouxe de novidade a vinda do Senhor? Ficai sabendo que trouxe toda novidade, trazendo a si mesmo, que fora anunciado. Com efeito, o que foi predito é que a novidade viria para renovar e vivificar o homem. A chegada do rei é anunciada pelos servos enviados para apressar a preparação dos que receberão o Senhor. Depois da vinda do Rei, quando os súditos foram cumulados da alegria prometida, receberam a liberdade, foram beneficiados pela sua vinda, escutaram as suas palavras e se alegraram pelos seus dons, já não tem sentido perguntar, pelo menos para os que são sensatos, qual novidade ele trouxe a mais do que os que anunciaram a sua vinda, porque ele trouxe a si mesmo e ofereceu aos homens os bens preanunciados, que os anjos desejavam ver.

34,2. Se o Cristo não tivesse cumprido as profecias, vindo exatamente como fora anunciado, os servos seriam uns mentirosos e não os enviados pelo Senhor. Eis por que ele dizia: “Não penseis que eu vim para abolir a Lei ou os Profetas: eu não vim para abolir, mas para cumprir. Em verdade, eu vos digo: até que não passem o céu e a terra não cairão da Lei e dos Profetas um só iota nem uma só vírgula sem que tudo se cumpra”.²⁶² Ele cumpriu tudo com a sua vinda e ainda cumpre na Igreja, até seu completamento, a nova Aliança preanunciada pela Lei. É assim que o apóstolo Paulo escreve na carta aos Romanos: Agora, sem a Lei, foi manifestada a justiça de Deus que foi testemunhada pela Lei e pelos Profetas. O justo viverá pela fé. Ora, que o justo vive pela fé já fora predito pelos profetas.

34,3. Como poderiam os profetas predizer a vinda do Rei, anunciar a liberdade por ele concedida, profetizar todas as obras de Cristo, as suas palavras, a missão e a paixão e preanunciar a nova Aliança se recebessem a inspiração de outro Deus que, segundo vós, não conhecia o Pai inefável nem o reino nem as economias que o Filho de Deus cumpriu nestes últimos dias ao vir à terra? Não é possível que estas coisas tenham acontecido por acaso, como se fossem ditas de outro pelos profetas e depois tivessem acontecido com o Senhor exatamente como foram previstas. Todos os profetas vaticinaram estas mesmas coisas e não aconteceram com nenhum dos antigos. Se tivessem acontecido

com alguns dos antigos, os profetas posteriores não as teriam anunciado como futuras nos últimos tempos. Não há ninguém, entre os patriarcas, nem entre os profetas, nem entre os antigos reis em que se tenham realizado de maneira precisa e própria algumas desta profecias: todos profetizaram a paixão de Cristo, mas eles estavam bem longe de enfrentar sofrimentos semelhantes aos que eram anunciados. Os sinais prenunciados em relação à paixão do Senhor não se realizaram em ninguém mais: o sol não se pôs ao meio-dia quando da morte de algum dos antigos, nem se rasgou o véu do templo, nem houve terremoto, nem se fenderam as pedras, nem os mortos ressuscitaram, nem alguém ressuscitou ao terceiro dia, nem quando elevado ao céu viu os céus abrirem-se-lhe, nem os gentios acreditaram no nome de algum outro, nem algum deles, ressuscitando da morte, abriu o novo Testamento da liberdade. Os profetas não falavam, portanto, de nenhum outro, mas do Senhor, em que se realizaram todos os sinais prenunciados.

34,4. Se alguém, querendo tomar a defesa dos judeus, disser que a nova Aliança não é outra coisa que a cons-trução do templo, depois do exílio da Babilônia, no tempo de Zorobabel e o regresso do povo que se deu depois de setenta anos, saiba que então foi reconstruído o templo de pedra — porque ainda era conservada a Lei escrita em tábuas de pedra — e não foi dada nenhuma nova aliança, mas foi seguida a Lei de Moisés até a vinda do Senhor. Foi somente depois da vinda do Senhor que nova aliança, conciliadora de paz, e uma Lei vivificante se difundiram por toda a terra, como disseram os profetas: “De Sião sairá a lei e de Jerusalém a palavra do Senhor e corrigirá muitos povos; quebrarão suas espadas para fazer arados e suas lanças para fazer foices e não se aprenderá mais a fazer guerra”.²⁶³ Se outra Lei ou outra palavra saída de Jerusalém tivesse instaurado uma paz tão grande entre os gentios que a tivessem recebido e por meio deles tivesse censurado o povo numeroso de imprudência, poder-se-ia pensar que os profetas falavam de algum outro. Mas se a Lei de liberdade, isto é, a palavra de Deus anunciada por toda a terra pelos apóstolos saídos de Jerusalém, chegou a produzir mudança tal que as espadas e lanças de guerra foram transformadas em arados, que ele mesmo fabricou, e em foices que ele deu para ceifar o trigo, isto é, em instrumentos pacíficos; se de tal forma mudou os homens que já não sabem combater e, esbofeteados oferecem a outra face, então os profetas não falaram de ninguém mais a não ser daquele que fez estas coisas. Este é nosso Senhor, no qual se verificou a palavra, aquele que fez o arado e trouxe a foice, isto é, a primeira sementeira do homem que fez Adão, sua criatura, e, no final dos tempos, a colheita feita pelo Verbo. Por isso, unindo o princípio ao fim, sendo o Senhor dos dois, no fim mostrou o arado, a madeira unida ao ferro e assim limpou a terra; porque o Verbo firme unido à carne e fixado de certa forma nela limpou a terra silvestre; no início mostrou a foice na figura de Abel significando a comunidade humana dos justos: “Vê, se diz, como o justo perece e ninguém o nota; os ho-mens justos são ceifados e ninguém se preocupa”.²⁶⁴ Isto era mostrado praticamente em Abel, era prenunciado pelos profetas, mas cumpria-se no Senhor; e a mesma coisa se cumpre em nós, pois o corpo segue a sua cabeça.

34,5. Estes argumentos são apresentados também contra os que dizem que os profetas foram enviados por outro Deus, diverso do Pai de nosso Senhor e têm força desde que renunciem a tamanha irracionalidade. É por isso que nos esforçamos por fornecer provas tiradas das Escrituras para que sejam refutados por estes mesmos textos, e, pelo que está em nosso poder, os afastemos desta blasfêmia enorme e desta fabricação extravagante de muitos deuses.

Explicações inconsistentes dos gnósticos

35,1. Contra os discípulos de Valentim e os outros falsamente apelidados gnósticos que pretendem

que algumas das realidades contidas nas Escrituras foram pronunciadas ora por uma Potência suprema mediante a semente tirada dela, ora pelo Intermediário mediante a Mãe Sofia e, na sua maior parte, pelo Criador do mundo, que teria enviado os profetas, diremos que é altamente irracional reduzir o Pai de todas as coisas à extrema miséria a ponto de não ter os meios para dar a conhecer, na sua pureza, as realidades do Pleroma. De quem teria medo, por não dar a conhecer a sua vontade claramente e em toda liberdade, sem se misturar com este espírito caído na degradação e na ignorância? Recearia, acaso, que muitíssimos se salvariam por entenderem a verdade na sua pureza? Ou então temeria ser incapaz de preparar os que deveriam anunciar a vinda do Salvador?

35,2. Se, depois da sua vinda, o Salvador enviou ao mundo os apóstolos a anunciarem a sua vinda e a ensinarem em toda a sua pureza a vontade do Pai sem terem nada em comum com a doutrina dos pagãos ou dos judeus, com maior razão, estando no Pleroma, deveria destinar seus próprios pregadores para anunciar a sua vinda a este mundo sem ter nada em comum com as profecias emanadas pelo Demiurgo. Se, porém, estando no Pleroma, serviu-se dos profetas que derivavam da Lei, e por seu intermédio comunicou os seus ensinamentos, muito mais deveria usar tais mestres depois da sua vinda para nos anunciar por meio deles o Evangelho. Então não digam que foram Pedro, Paulo e os outros apóstolos a anunciar a verdade, mas os escribas, os fariseus e os outros que anunciavam a Lei. Visto, porém, que na sua vinda enviou seus próprios apóstolos no espírito de verdade e não de erro, fez a mesma coisa com os profetas porque desde sempre é o mesmo Verbo de Deus.

Se o espírito derivado da Potência suprema foi, segundo o seu sistema, espírito de luz, espírito de verdade, espírito de perfeição e espírito de conhecimento, ao passo que o derivado do Demiurgo foi espírito de ignorância, de degradação, de erro e de trevas, como é possível existir simultaneamente e num só a perfeição e a degradação, o conhecimento e a ignorância, a verdade e o erro, a luz e as trevas? Se isso era impossível verificar-se nos profetas que, da parte do Deus único, pregavam o Deus verdadeiro e anunciavam a vinda de seu Filho, com maior razão o próprio Senhor pode falar ora da parte da Potência suprema, ora da parte do fruto da degradação, tornando-se assim, ao mesmo tempo, mestre de conhecimento e de ignorância, nem glorificar ora o Demiurgo, ora o Pai, que está acima dele. Como ele próprio diz: “Ninguém costura remendo novo em vestido velho, nem derrama vinho novo em odres velhos”.²⁶⁵ Portanto, ou renunciam aos profetas como coisas velhas e não dizem mais que, mesmo enviados pelo Demiurgo, disseram coisas novas da parte da Potência suprema, ou serão repreendidos pelo Senhor que diz que o vinho novo não se derrama em odres velhos.

35,3. Como poderia a semente da Mãe deles conhecer e falar dos mistérios internos do Pleroma? A Mãe o gerou fora do Pleroma e o que está fora do Pleroma, segundo eles, está excluído da gnose, isto é, está na ignorância. Como, então, podia, a semente concebida na ignorância, anunciar o conhecimento? Ou como poderia a própria Mãe conhecer os mistérios do Pleroma, ela que não tendo nem forma e nem figura foi lançada fora como aborto e aqui formada e plasmada, e que foi impedida pelo Limite de reentrar e que deve ficar fora do Pleroma até a consumação final, isto é, fora do conhecimento? Além disso, ao dizer que a paixão do Senhor foi o tipo da extensão do Cristo superior, pela qual este, estendendo-se sobre o Li-mite, formou a Mãe deles, são refutados por tudo o resto porque não podem mostrar a correspondência com o tipo. Com efeito, quando ao Cristo do alto foram apresentados o vinagre e o fel? quando foram repartidas as suas ves-tes? quando lhe foi aberto o lado e saiu sangue e água? quando suou gotas de sangue? e todas as outras coisas que aconteceram ao Senhor, de que falaram os profetas? Como a Mãe ou a sua semente poderiam adivinhar o que ainda não acontecera e que só aconteceria no futuro?

35,4. Dizem ainda que, além destas, há as coisas que foram ditas pela Potência suprema, mas são refutados pelo que é referido nas Escrituras sobre a vinda de Cristo. Quaisquer sejam estas coisas, eles não estão de acordo entre si e dão respostas diversas em relação às mesmas coisas. Se alguém, para prová-los, interroga separadamente as pessoas mais eminentes entre eles acerca de algum texto, perceberá que alguns referem o que lhe foi perguntado ao Protopai, isto é, o Abismo; outro, ao Princípio de todas as coisas, isto é, o Unigênito; outro, ao Pai de todas as coisas, isto é, o Logos; outro ainda, a um dos Éões do Pleroma, outro, ao Cristo, outro, ao Salvador; e aquele que é mais instruído entre eles, depois de ter ficado bastante tempo em silêncio, declara que se trata de Hórus; outro, que é indicada a Sofia, interior ao Pleroma; outro verá indicada a Mãe exterior ao Pleroma e outro nomeará o Deus, criador do mundo. Tantas são as diferenças entre eles a respeito de só ponto e tantas as interpretações das mesmas Escrituras! Acaba-se de ler um único e mesmo texto e eis que todos franzem as sobrancelhas e meneiam a cabeça dizendo que tem doutrina muito profunda e que nem todos entendem o sentido que encerra e por isso o silêncio é a coisa mais sublime entre os sábios: devem com o seu silêncio fornecer uma figura ao Silêncio do alto. E assim todos eles, tantos quantos são e outras tantas opiniões sobre o mesmo texto, vão levando consigo, no mais profundo de si, as suas subtilezas. Portanto, quando se terão posto de acordo sobre o que foi predito nas Escrituras, também nós os refutaremos, porque neste meio tempo já se refutam a si mesmos pelo desacordo sobre as mesmas palavras. Nós, porém, seguindo o único Deus como verdadeiro Mestre e tendo como regra de verdade as suas palavras, todos dizemos sempre as mesmas coisas a respeito dos mesmos argumentos, reconhecendo um só Deus, Criador deste universo, que enviou os profetas, que tirou o povo da terra do Egito, que nos últimos tempos revelou o próprio Filho para confundir os incrédulos e exigir o fruto da justiça.

Unidade de Deus nas parábolas de Jesus. A parábola dos vinhateiros

36,1. Qual deles o Senhor não confunde quando ensina que os profetas não foram enviados por nenhum outro Deus a não ser o seu Pai nem por substâncias diversas, mas por um só e único Pai e que somente o seu Pai criou as coisas deste mundo? Com efeito ele diz: “Havia um pai de família que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, fez nela um lagar, construiu uma torre, arrendou-a a uns agricultores e saiu de viagem. Quando chegou o tempo da colheita mandou seus servos aos agricultores para receber os frutos que eram seus. Mas os agricultores, apoderando-se dos servos, bateram num, mataram outro e lapidaram outro. Então mandou outros servos, em maior número que os primeiros, mas eles os trataram da mesma forma. Finalmente mandou-lhes o seu filho único, dizendo: Talvez respeitem o meu filho. Os agricultores, porém, ao ver o filho disseram entre si: Esse é o herdeiro, vinde, matemo-lo e possuiremos sua herança. E, apoderando-se dele, o lançaram fora da vinha e o mataram. Quando, portanto, virá o dono da vinha, o que fará a estes agricultores? Eles lhe disseram: Fará perecer miseravelmente estes miseráveis e arrendará a vinha a outros agricultores que lhe entregarão os frutos no tempo devido. Então o Senhor lhes disse: Nunca leram: a pedra rejeitada pelos construtores se tornou a pedra funda-mental; isso foi feito pelo Senhor e é admirável aos nossos olhos? Por isso vos digo: o reino de Deus vos será ti-rado e entregue aos pagãos que o farão frutificar” [266](#)

Com isso mostrou claramente aos discípulos que uno e idêntico é o Pai de família, isto é, Deus Pai que por si mesmo fez todas as coisas; mas os vinhateiros são vários, alguns insolentes e orgulhosos, e infrutuosos e assassinos do Senhor; e outros que entregam os frutos no tempo devido; que é o mesmo Pai de família que ora envia os servos, ora o seu Filho. O Pai que enviou o Filho aos vinhateiros que o mataram é o mesmo que já enviara os servos; mas o Filho que vinha da parte do Pai, com maior

autoridade, dizia: “Mas eu vos digo”, enquanto os servos que vinham a serviço da parte do Senhor diziam: “Isto diz o Senhor...”

36,2. Portanto, aquele que eles pregavam aos incrédulos é o mesmo que o Cristo fez conhecer como Pai aos que lhe obedecem, e o Deus que primeiramente tinha chamado os homens por meio da Lei de escravidão é o mesmo que em seguida os acolheu pela adoção.

Com efeito Deus plantou a vinha do gênero humano primeiramente com a criação de Adão e a eleição dos patriarcas. Em seguida entregou-a a vinhateiros com a legislação mosaica, cercou-a com sebe, isto é, delimitou a terra que deviam cultivar, edificou uma torre, isto é, escolheu Jerusalém, preparou um lagar, isto é, receptáculo para o Espírito profético. E assim enviou-lhes profetas antes do exílio de Babilônia e, depois do exílio, outros ainda mais numerosos que os primeiros, para solicitar os frutos e dizer-lhes: “Eis o que diz o Senhor: corriji os vossos caminhos e os vossos costumes, fazei juízos justos e cada um pratique o perdão e a misericórdia com seu irmão; não façais violência à viúva e ao órfão, ao estrangeiro e ao pobre; que nenhum de vós guarde em seu coração a lembrança da malícia do irmão”; “odiai o falso juramento”; “lavai-vos, purificai-vos, tirai as iniquidades dos vossos corações, aprendei a fazer o bem, procurai a justiça, defendei quem sofre violência, respeitai o direito do órfão e defendei a viúva; então vinde e discutiremos, diz o Senhor”. E ainda: “Refreia a tua língua do mal e teus lábios não falem o engano; evita o mal e faz o bem, procura a paz e segue-a”.²⁶⁷ Proclamando estas palavras os profetas solicitavam o fruto da justiça. E como não acreditassem neles, nos últimos tempos, enviou-lhes o seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, que os maus vinhateiros mataram e lançaram fora da vinha. Assim Deus entregou a vinha, não mais cercada, mas estendida ao mundo inteiro, a outros vinhateiros que lhe entregarão os frutos no tempo devido. A torre de eleição levanta-se em todo lugar, no seu esplendor, pois a Igreja brilha em todo lugar; em todo lugar é escavado o lagar, pois em todo lugar estão os que recebem o Espírito. Por ter recusado o Filho de Deus, por tê-lo matado e lançado fora da vinha, Deus justamente os reprovou e confiou aos pagãos, que estavam fora da vinha, a tarefa de fazê-la frutificar. Como o profeta Jeremias diz: “O Senhor reprovou e rejeitou a nação que faz estas coisas; pois os filhos de Judá fizeram o mal diante de mim, diz o Senhor”. E ainda: “Estabeleci sobre vós observadores; escutai a voz da trombeta. E eles disseram: Não escutaremos. Por isso os pagãos escutaram e seus pastores com eles”.²⁶⁸ Portanto, um só e o mesmo é o Deus Pai que plantou a vinha, que libertou o povo, enviou os profetas, enviou o seu Filho e entregou a vinha a outros vinhateiros que lhe entregarão os frutos no tempo devido.

36,3. Eis por que o Senhor dizia aos seus discípulos, para fazer de nós bons operários: “Estai atentos e vigilantes em todo tempo para que os vossos corações não se tornem pesados pela devassidão, ebriedade e pensamentos mundanos e caia de repente sobre vós aquele dia. Pois ele chegará como laço sobre todos os que estão sentados na face da terra”. “Por isso os vossos flancos estejam cingidos, vossas lâmpadas acesas, e vós, como homens que esperam a vinda de seu senhor”. “Pois, como aconteceu nos dias de Noé — quando comiam e bebiam, compravam e vendiam, casavam e eram casadas e não souberam nada até o momento em que Noé entrou na arca, veio o dilúvio e os exterminou a todos —, ou como aconteceu nos dias de Lot — quando comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e construía, mas o dia em que Lot saiu de Sodoma caiu do céu uma chuva de fogo que os fez perecer a todos —, assim acontecerá na vinda do Filho do homem”; “vigiai, pois não sabeis em que dia o Senhor virá”.²⁶⁹ Foi um só e o mesmo Senhor que avisava, e, nos tempos de Noé, por causa da desobediência dos homens, mandou o dilúvio, e, nos tempos de Lot, por causa dos muitos pecados dos sodomitas, fez chover o fogo do céu, e, no final dos tempos, pela

mesma desobediência e pelos mesmos pecados, fará vir o dia do juízo — quando haverá rigor menor para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade ou casa que não receberam a palavra de seus apóstolos: “E tu Cafarnaum, dizia, serás exaltada até o céu? Não, descerás até o inferno. Com efeito, se em Sodoma tivessem sido feitos os prodígios que foram feitos em ti, permaneceria até hoje. Sim, eu vos digo, o dia do juízo será menos rigoroso para Sodoma do que para vós”.²⁷⁰

36,4. Único e idêntico é sempre o Verbo de Deus que dá aos que nele acreditam uma fonte de vida para a vida eterna, mas faz secar de repente a figueira estéril; que, nos tempos de Noé, com justiça, fez cair o dilúvio para exterminar a raça execrável dos homens de então, incapazes de produzir frutos para o Senhor, depois que os anjos rebeldes se misturaram com eles, para coibir seus pecados e salvar o arquétipo, a criação de Adão; que nos tempos de Lot fez chover do céu sobre Sodoma e Gomorra o fogo e o enxofre como exemplo do justo juízo de Deus, para que todos ficassem sabendo que toda árvore que não produz frutos será cortada e lançada ao fogo; que, no juízo universal, tratará com maior clemência Sodoma do que os que viram os prodígios que ele fazia e não acreditaram nele, nem receberam os seus ensinamentos. Como deu uma graça mais abundante pela sua vinda àqueles que acreditaram nele e cumpriram a sua vontade, assim no juízo terão pena maior os que não acreditaram nele, pois ele é justo igualmente com todos e mais exigirá daqueles aos quais deu mais; não mais porque lhes tenha revelado o conhecimento de outro Pai, como o demonstramos abundantemente, mas porque com a sua vinda espalhou sobre o gênero humano dom mais abundante da graça do Pai.

Parábola dos convidados às núpcias

36,5. Se para alguém não bastasse o que acabamos de dizer para crer que os profetas foram enviados pelo único e idêntico Deus que também enviou nosso Senhor, então abra os ouvidos de seu coração, invoque o Mestre e Senhor Jesus Cristo e ouça-o dizer que o reino dos céus é semelhante a um rei que preparou a festa de casamento de seu filho e mandou seus servos chamar os que foram convidados para a festa. E como eles não quisesses ouvir, “manda mais servos e diz: Dizei aos convidados: Vinde, preparei o meu banquete; os bois e os animais gordos já foram abatidos e tudo está pronto, vinde à festa. Mas eles se foram sem lhe prestar atenção; alguns para o seu campo, outros para fazer os seus negócios e outros agarraram os servos, bateram nalguns e mataram outros. Ouvindo isto, o rei se indignou, mandou suas tropas que mataram os assassinos e puseram fogo à cidade deles. E o rei disse aos seus servos: A festa de casamento está pronta, mas os convidados não a mereceram; portanto, ide às encruzilhadas dos caminhos e convidai para a festa todos os que encontrardes. Então os servos saíram e reuniram todos os que encontraram, maus e bons e a sala da festa encheu-se de convidados. Quando o rei entrou para ver os convidados, observou um homem que não estava vestido com o traje de festa e lhe disse: Amigo, como entraste aqui sem o traje de festa? Como o outro ficasse mudo, o rei disse aos que o serviam: Agarraí-o pelos pés e os braços e lançai-o nas trevas exteriores: aí haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são chamados e poucos são escolhidos”.²⁷¹

Com estas palavras o Senhor manifestou tudo claramente: que único é o rei e Senhor, Pai de todas as coisas, de quem antes dissera: “Não jurarás por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei”.²⁷² que desde o princípio preparou as núpcias de seu Filho e na sua imensa bondade chamava, por meio de seus servos, os primeiros ao banquete nupcial, e quando esses se recusaram a ir, enviou ainda outros servos a chamá-los e sequer então os escutaram e até lapidaram e mataram os que lhes traziam os convites; que enviou as suas tropas a exterminá-los e incendiar a cidade deles; que de todos os

caminhos, isto é, de todas as nações, convidou os homens à festa de casamento de seu Filho. Como diz por meio de Jeremias: “Eu vos enviei os meus servos, os profetas, para dizer: Afaste-se cada um de vós de seu péssimo caminho e melhore as suas ações”. E ainda, pelo mesmo profeta: “Eu vos enviei todos os meus servos, os profetas, de dia, antes de clarear e não me escutaram nem me deram ouvido. E lhes dirás esta palavra: Esta nação que não escutou a voz do Senhor e não recebeu o seu ensinamento perdeu a fidelidade da sua boca”.²⁷³ Assim este Senhor que chamou a nós de todos os lugares, chamou também os antigos por meio dos profetas, como revelam as palavras do Senhor. E os profetas não vinham de um Deus e os apóstolos de outro, mesmo pregando a povos diferentes, mas de um só e idêntico Deus, uns anunciavam o Senhor e outros levavam a boa nova do Pai; uns prenunciavam a vinda do Filho de Deus, outros o anunciavam presente aos que estavam longe dele.

36,6. Ao mesmo tempo, manifestou que nos devemos adornar com as obras da justiça, pois não basta ser chamados, para que repouse sobre nós o Espírito de Deus. Esta é a veste nupcial de que fala o Apóstolo: “Não que-remos ser despojados, mas o revestir por cima, para que o mortal seja absorvido pela imortalidade”. Os chamados ao banquete do Senhor e que, pela sua má conduta, não receberam o Espírito Santo serão, diz ele, “lançados nas trevas exteriores”.²⁷⁴ Com isso mostra claramente que o mesmo Rei, que convidou os homens de todas as partes para a festa de casamento de seu Filho e ofereceu o banquete de incorrupção, ordena lançar nas trevas exteriores aquele que não tem o traje nupcial, isto é, aquele que despreza. Como na primeira Aliança não se comprovou em muitos deles, da mesma forma agora “muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos”. Não é, portanto, um o Deus que julga e outro o Pai que chama à salvação, nem se distingue quem dá a luz eterna do que manda lançar fora, nas trevas, quem não tem o traje nupcial, mas é o único e idêntico Pai de nosso Senhor, pelo qual também foram enviados os profetas; único que chama os indignos por causa da sua imensa bondade e que examina os convidados para ver se têm o traje apropriado para as bodas de seu Filho, porque não gosta de nada de inconveniente e de mau. Como o Senhor disse ao que foi curado: “Eis que foste curado: não peques mais para que não te aconteça algo pior”.²⁷⁵ Sendo bom, justo, puro e imaculado não suporta nada de mau, de injusto ou de detestável no seu tálamo nupcial.

Este é o Pai de nosso Senhor, pela providência do qual subsistem todas as coisas e todas são administradas por ordem sua; que dá de graça a quem é conveniente e retribui os ingratos e os insensíveis à sua bondade de acordo com seus merecimentos. Eis por que ele diz: “Enviará as suas tropas para eliminar aqueles assassinos e incendiar a cidade deles”. Ele diz “as suas tropas” porque todos os homens são de Deus: “com efeito, é do Senhor a terra e tudo o que ela contém, o mundo e todos os seus habitantes”.²⁷⁶ Eis por que o Apóstolo diz na carta aos Romanos: “Não há autoridade que não venha de Deus e, as que existem, foram estabelecidas por Deus. Assim quem resiste à autoridade resiste à ordem estabelecida por Deus. E os que lhe resistem, atraem sobre si a condenação. Os magistrados não devem ser temidos por causa das boas ações, e sim pelas más. Queres não ter medo da autoridade? Faz o bem e receberás dela o elogio; ela é para ti ministra de Deus para o bem. Mas se fazes o mal, deves ter medo, porque não é sem motivo que porta a espada; com efeito, ela é ministra de Deus para exercer a cólera e a vingança sobre quem faz o mal. Portanto, sede submissos não somente por medo da cólera, mas por causa da justiça. É por isso que pagais os tributos; eles são os ministros de Deus e o servem desta forma”.²⁷⁷ O Senhor e o Apóstolo anunciavam um só Deus Pai, que deu a Lei, que enviou os profetas, que fez todas as coisas, e é por isso que diz: Enviando as suas tropas, porque todos os homens, por serem homens, são suas criaturas, ainda que não conheçam o seu Senhor, pois deu a todos eles a existência, ele que “faz o seu sol

levantar sobre os maus e os bons e faz chover sobre os justos e os injustos”.²⁷⁸

Outras parábolas

36,7. Não é somente pelo que foi dito até agora, mas também pela parábola dos dois filhos, o menor dos quais esbanjou todos os seus bens numa vida desenfreada, que ensinou um único e idêntico Pai, que ao filho mais velho não dá sequer um cabrito, ao passo que para o filho mais novo, que fora perdido, manda matar o bezerro mais gordo e entregar a veste melhor.²⁷⁹

A parábola dos operários enviados a trabalhar na vinha a horas diferentes mostra também que há um só e idêntico Senhor que chamou alguns logo desde a formação do mundo, outros depois, outros ao meio do tempo, outros depois de transcorrido bastante tempo e outros bem no fim dos tempos, de forma que nas suas épocas os operários são numerosos, mas é um só o pai de família que os chama. Uma é a vinha porque uma é a justiça; um é o administrador porque um é o Espírito de Deus que administra todas as coisas, como um é o salário porque todos receberam um denário com a imagem e a inscrição do rei, isto é, o conhecimento do Filho de Deus que é a incorruptibilidade. Eis por que começou a pagar o salário a partir dos últimos, porque foi nos últimos tempos que o Senhor se manifestou e se tornou presente a todos.²⁸⁰

36,8. O publicano cuja oração foi melhor do que a do fariseu, segundo a palavra do Senhor, foi justificado de preferência não porque adorava outro Pai, mas porque fazia a sua confissão ao mesmo Deus com grande humildade, sem orgulho e vaidade.²⁸¹

O único e idêntico Pai é indicado ainda pela parábola dos dois filhos enviados à vinha, um dos quais se recusou a obedecer ao pai, mas depois se arrependeu, quando o arrependimento já não lhe dava proveito, ao passo que o outro prometeu ir, dando consenso pronto ao pai, mas não foi, porque todo homem é mentiroso e se o querer está à sua disposição não encontra a força de executar.²⁸²

Também a parábola da figueira, de quem o Senhor diz: “Eis que já são três anos que procuro fruto nesta figueira e não encontro nenhum”, significa claramente a sua vinda por meio dos profetas, mediante os quais veio algumas vezes procurar deles uns frutos sem os encontrar; indicava também que a figueira seria cortada pelo motivo acima.²⁸³

Da mesma forma ainda, mas esta vez sem parábola, o Senhor dizia a Jerusalém: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e lapidas os que te são enviados, quantas vezes quis reunir os teus filhos como a galinha recolhe os pintinhos debaixo das asas, e não quiseste! Eis, a vossa casa vos será deixada deserta”. O que fora dito em parábola: “Eis, já são três anos que venho procurar frutos”, e depois abertamente: “Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos”, se não o entendemos a respeito da sua vinda por meio dos profetas é mentira, pois foi uma só e primeira a vez que veio a eles. Mas a prova de que é o mesmo Verbo de Deus que escolheu os patriarcas e freqüentemente os visitou pelo Espírito profético, e que, pela sua vinda, nos reuniu de todos os lugares, está naquelas palavras que disse em toda verdade, mas especialmente nestas: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente e repousarão com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus, enquanto os filhos do reino irão para as trevas exteriores onde haverá choro e ranger de dentes”.²⁸⁴ Se, portanto, os que, vindos do oriente e do ocidente, acreditaram nele pela pregação dos apóstolos devem encontrar lugar com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos céus, e participar com eles da mesma festa, está demonstrado que um só e idêntico Deus escolheu os patriarcas, visitou o povo e chamou os pagãos.

Liberdade: contra as categorias gnósticas

37,1. As palavras que diz: “Quantas vezes quis reunir os teus filhos e não quiseste”, ilustram bem

a antiga lei da liberdade do homem, porque Deus o fez livre desde o início, com a sua vontade e a sua alma para consentir aos desejos de Deus sem ser coagido por ele. Deus não faz violência, e o bom conselho o assiste sempre, e por isso dá o bom conselho a todos, mas também dá ao homem o poder de escolha, como o dera aos anjos, que são seres racionais, para que os que obedecem recebam justamente o bem, dado por Deus e guardado para eles enquanto os desobedientes serão justamente frustrados neste bem e sofrerão o castigo merecido. Pois Deus, na sua bondade, lhes dera o bem, mas eles não o guardaram com diligência e não o julgaram precioso e até desprezaram a excelência da sua bondade. Abandonando e recusando o bem incorrerão no justo juízo de Deus, como o testemunha o apóstolo Paulo na carta aos Romanos, quando diz: “Será que desprezas a riqueza de sua bondade, da paciência e da generosidade, desconhecendo que a bondade de Deus te convida à conversão? Pela teimosia e dureza de coração amontoas ira contra ti mesmo para o dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus”. “A glória e a honra, diz, são para todos os que fazem o bem”²⁸⁵.

Portanto, Deus ofereceu o bem, como o testemunha o Apóstolo na carta mencionada, e os que o praticam receberão glória e honra por tê-lo feito, quando podiam não fazê-lo; os que não o fazem receberão o justo julgamento de Deus por não ter feito o bem que podiam fazer.

37,2. Se, por natureza, alguns fossem bons e outros maus, nem aqueles seriam louváveis por serem bons, porque nasceram assim, nem estes seriam condenáveis por que foram feitos assim. Mas como todos são da mesma natureza, capazes de possuir e operar o bem e capazes de perdê-lo e de não fazê-lo, os que escolheram e perseveraram no bem recebem digno testemunho por isso, e são justamente louvados pelas pessoas sensatas — e muito mais por Deus — os outros são repreendidos e recebem a merecida infâmia por terem recusado o bem e o justo. Por isso os profetas exortavam os homens a praticar a justiça e a fazer o bem, como abundantemente demonstramos, porque está em nós, mas visto que pela nossa negligência nos esquecemos facilmente e precisamos de bom conselho, o bom Deus nos deu bom conselho por meio dos profetas.

37,3. Por isso o Senhor diz: “Que a vossa luz brilhe diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e louvem o vosso Pai que está nos céus”. E: “Tomai cuidado para que os vossos corações não fiquem insensíveis por causa da gula, da embriaguez e das preocupações da vida”. E: “Estejai com os rins cingidos e com as lâmpadas acesas e semelhantes a homens que esperam o seu senhor voltar da festa de casamento para que logo que chegar e bater lhe abram. Feliz o servo que o senhor encontrar assim, na sua volta”. E ainda: “O servo que conhece a vontade do seu dono e não a cumpre, receberá muitas chicotadas”. E: “Por que me dizeis: Senhor, Senhor! e não fazeis o que vos digo?” E ainda: “Se um servo diz em seu coração: O meu dono está atrasando e começa a bater nos seus companheiros, a comer, a beber e a embriagar-se, virá o dono num dia em que não o espera, prendê-lo-á e lhe dará a sua parte com os hipócritas”²⁸⁶. E todas as outras coisas que mostram o livre-arbítrio do homem e que Deus o instrui com o seu conselho, exortando-nos à submissão a ele, precavendo-nos da incredulidade, mas sem nos obrigar com a violência.

37,4. É possível também não seguir o Evangelho, se alguém assim quiser, contudo não é conveniente. A desobediência a Deus e a recusa do bem estão em poder do homem, mas comportam prejuízo e castigo não indiferentes. Por isso Paulo diz: “Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”²⁸⁷, indicando a liberdade do homem pela qual tudo lhe é lícito, pois Deus não o obriga e mostrando “o que não convém” para que não abusemos da liberdade a fim de encobrir a malícia: isto não convém. E diz ainda: “Cada um diga a verdade com seu próximo”. E: “Não saia de vossa boca nenhuma palavra má, indecente, picante ou maliciosa, são coisas inconvenientes; em vez disso, dêem

graças a Deus”. E: “Há tempo, éreis trevas, agora, porém, sois luz no Senhor: portai-vos honestamente como filhos da luz, não em orgias e bebedeiras, nem em devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes”. “Alguns de vós foram isso, mas fostes lavados, santificados no nome de nosso Senhor”.²⁸⁸ Se não dependesse de nós o fazer e o não fazer, por qual motivo o Apóstolo, e bem antes dele o Senhor, nos aconselhariam a fazer algumas coisas e a nos abster de outras? Sendo, porém, o homem livre na sua vontade, desde o princípio, e livre é Deus, à semelhança do qual foi feito, foi-lhe dado, desde sempre, o conselho de se ater ao bem, o que se realiza pela obediência a Deus.

37,5. Não somente nas ações, mas também na fé, o Senhor deixou livre e independente o arbítrio do homem. Ele disse: “Seja-te feito segundo a tua fé”, mostrando que a fé é própria do homem, pois tem o poder de decidir. E ainda: Tudo é possível para quem crê. E mais: “Vai, e te seja feito conforme acreditaste”. E todos os textos análogos que mostram o homem livre em relação a fé. Por isso “aquele que crê nele tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho, não terá a vida eterna, mas a ira de Deus ficará sobre ele”. Segundo este princípio, indicando ao homem seu verdadeiro bem e afirmando ao mesmo tempo a sua liberdade de arbítrio e de poder, o Senhor dizia a Jerusalém: “Quantas vezes quis reunir os teus filhos, como a galinha recolhe os pintinhos debaixo das asas, e não qui-seste”. “Eis por que a vossa casa será deixada deserta”.²⁸⁹

37,6. Os que dizem o contrário introduzem um Senhor impotente e incapaz de fazer o que quiser ou ignaro dos que por natureza são terrenos, como dizem, e não podem receber a sua incorruptibilidade. Então, se diz, não deveria ter criado nem anjos que pudessem desobedecer, nem homens que logo lhe fossem ingratos, por serem racionais, capazes de discernimento e de julgamento, mas como os seres irracionais ou os inanimados que não podem fazer nada por sua vontade, que são levados ao bem pela necessidade ou pela força, sujeitos a uma única tendência e a um único comportamento, inflexíveis e sem discernimento, que não podem ser diferentes do que foram feitos.

Desta forma, nem o bem seria atraente, nem a união com Deus seria muito apreciada, nem muito desejado o bem que chegasse sem esforço próprio, sem preocupação, sem procura, por acontecer espontaneamente e ser inerente ao homem. Então os bons já não teriam nenhum merecimento, pois são assim mais por natureza do que pela sua vontade, possuindo o bem automaticamente e não por livre escolha, nem entenderiam a excelência do bem como não gozariam dele. Que alegria do bem seria possível para os que não o conhecem? Qual glória para os que não se esforçaram por tê-lo? Qual coroa, finalmente, para os que não a conquistaram como vencedores da luta?

37,7. Por isso o Senhor disse que o reino dos céus é objeto de violência e são os violentos que se apossam dele, isto é, os que pela violência e pela luta, pela vigilância e perseverança se apossam dele. É por isso que também o apóstolo Paulo diz aos coríntios: “Não sabeis que os que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio? Correi, portanto, de maneira a consegui-lo. Os atletas se abstêm de tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível, nós, porém, para ganhar uma coroa imperecível. Quanto a mim é assim que corro, não ao incerto, é assim que pratico o pugilato, mas não como quem golpeia o ar; encho de livor o meu corpo e reduzo-o à servidão, para que, depois de ter pregado aos outros eu mesmo não seja reprovado”.²⁹⁰ Portanto, como bom lutador nos anima à luta pela incorruptibilidade, de modo que sejamos coroados e apreciemos a coroa por nós conquistada com a luta e não oferecida de graça. Quanto maior é o esforço para obtê-la, tanto mais para nós é preciosa, e quanto mais é preciosa tanto mais a amamos: não se amam da mesma maneira as coisas encontradas por acaso e as encontradas com grande fadiga.

Para nós era mais importante amar a Deus, por isso o Senhor nos deu e o Apóstolo transmitiu este

ensinamento: encontrar Deus pela luta. Por outro lado, o nosso bem seria incompreendido se não fosse conseguido a custa de esforço. A visão não nos seria tão desejável se não conhecêssemos o grande mal que é a cegueira; a saúde torna-se mais preciosa pela experiência da doença; assim a luz pela comparação com as trevas, a vida com a morte. Assim o reino celeste é mais precioso para os que conheceram o terreno. Quanto mais precioso é tanto mais o amamos e quanto mais o amamos tanto mais seremos gloriosos junto de Deus.

O Senhor permitiu tudo isso para nós a fim de que fôssemos instruídos em tudo e permanecêssemos para sempre fiéis em todas as coisas e radicados em seu amor, tendo aprendido a amar a Deus como homens racionais; Deus se mostrou magnânimo diante da apostasia do homem e o homem, por sua vez, aprendeu com ela, como diz o profeta: “A tua apostasia te instruirá”.²⁹¹ Desta maneira Deus tudo dispôs para a perfeição do homem e para a atuação e revelação das suas economias, a fim de mostrar a sua bondade e para que se cumpra a justiça e a Igreja seja configurada à imagem de seu Filho, e finalmente para que o homem formado por tanta experiência se torne maduro para ver e entender a Deus.

*Imperfeição e educação do homem*²⁹²

38,1. Se alguém perguntasse: Ora! Deus não podia fazer o homem perfeito desde o princípio? Saiba que no que diz respeito a Deus, que é incriado e sempre igual a si mesmo, tudo era possível, mas as suas criaturas, enquanto receberam depois o início da existência, eram necessariamente inferiores a quem as fez. Com efeito, era impossível que seres criados há pouco fossem incriados, e, pelo fato de não serem incriados, estão abaixo da perfeição e pelo fato de serem subseqüentes são como criancinhas e como tais não estão acostumados nem treinados para disciplina perfeita. Assim como a mãe poderia dar alimentos sólidos à criancinha, mas ela é incapaz de receber alimentos não adaptados à sua idade, assim Deus podia desde o princípio dar a perfeição ao homem, mas o homem era incapaz de recebê-la, justamente por ser como criancinha. Por isso nosso Senhor, nos últimos tempos, quando recapitulou todas as coisas em si mesmo, veio a nós não como poderia apresentar-se, mas como éramos capazes de vê-lo. Com efeito, poderia ter vindo na sua glória indescritível, mas nós não poderíamos suportar a grandeza da sua glória. Como a criancinhas, o Pão perfeito do Pai se nos deu a si mesmo na forma de leite — e esta foi a sua vinda como homem — para que alimentados, por assim dizer, ao seio da sua carne, e tornados aptos por esta amamentação a comer e a beber o Verbo de Deus, pudéssemos reter em nós mesmos o Pão da imortalidade, que é o Espírito do Pai.

38,2. Eis por que Paulo diz aos coríntios: “Eu vos dei a beber leite e não vos dei alimento sólido, porque não o podíeis ainda suportar”, isto é, fostes instruídos sobre a vinda do Senhor como homem, mas o Espírito do Pai ainda não repousa sobre vós por causa da vossa fraqueza. E continua: “havendo entre vós inveja, discórdia e disputas, será que não sois carnis e não vos comportais segundo o homem?”²⁹³ Evidentemente o Espírito do Pai ainda não estava sobre eles por causa da sua imperfeição e fraqueza de conduta. Assim como o Apóstolo podia dar-lhes o alimento sólido — com efeito, a todos os que os apóstolos impunham as mãos recebiam o Espírito Santo, que é o alimento da vida —, mas eles não o podiam receber por terem faculdades fracas e destreinadas para a conduta segundo Deus, assim, desde o princípio, Deus tinha a capacidade de dar a perfeição ao homem, mas este, criado recentemente, era incapaz de recebê-la, ou de recebida contê-la, ou con-tida retê-la. Eis por que o Verbo de Deus, que era perfeito, se tornou criança com o homem, não para si, mas por causa da infância do homem, tornando-se inteligível como para o homem era possível entender. A impossibilidade e a imperfeição não estavam em Deus, mas no homem há pouco criado e

precisamente por não ser incriado.

38,3. Da parte de Deus manifestam-se simultaneamente o poder, a sabedoria e a bondade: o poder e a bondade por ter criado e feito voluntariamente o que ainda não existia, a sabedoria pela proporção, medida e harmonia com que fez as criaturas, as quais, pela imensa bondade de Deus e pelos bens que lhes concede com liberalidade, podem crescer, progredir e permanecer bastante tempo e receber a glória do Incriado. Por serem criadas não são ingênicas, mas por subsistirem durante muitos séculos, recebem o poder do Incriado, pois Deus lhes concede gratuitamente a duração sempiterna. Assim Deus é superior a tudo e todos porque só ele é incriado, só ele é anterior a tudo, só ele é causa do ser para todas as coisas. E todas as coisas são inferiores a Deus e lhe estão submetidas, mas esta submissão é para elas a incorruptibilidade, a permanência da incorruptibilidade e a glória do Incriado.

Esta é a ordem, o ritmo, o movimento pelo qual o homem criado e modelado adquire a imagem e a semelhança do Deus incriado: o Pai decide e ordena, o Filho executa e forma, o Espírito nutre e aumenta, o homem paulatinamente progride e se eleva à perfeição, isto é, se aproxima do Incriado, perfeito por não ser criado, e este é Deus. Era necessário que primeiramente o homem fosse criado, que depois de criado crescesse, depois de crescido se fortalecesse, depois de fortificado se multiplicasse, depois de multiplicado se consolidasse, depois de consolidado fosse glorificado, depois de glorificado visse o seu Senhor: pois é Deus que deve ser visto, um dia, e a visão de Deus causa a incorruptibilidade, e a incorruptibilidade produz o estar junto de Deus.²⁹⁴

38,4. Portanto, não estão com a razão os que não esperam o tempo do crescimento e culpam a Deus pela fraqueza de sua natureza. Ignorando a Deus e a si mesmos, estes insaciáveis e mal agradecidos, recusam ser, primeiramente, o que foram feitos, homens sujeitos às paixões; ultrapassando as leis da natureza humana, antes mesmo de serem homens querem ser semelhantes a Deus seu criador e que desapareça toda diferença entre o Deus incriado e eles criados há pouco. São mais irracionais que os animais irracionais porque estes não culpam a Deus de não tê-los feito homens, mas cada um agradece de ter sido feito o que foi feito. Nós, porém, o culpamos por não nos ter feito deuses desde o princípio, mas inicialmente homens e depois deuses. Contudo, Deus, na simplicidade da sua bondade, foi isso mesmo que fez, para que ninguém o julgasse invejoso e avarento. De fato ele diz: “Eu disse: vós sois deuses e todos sois filhos do Altíssimo”, e para nós que somos incapazes de suportar o poder da divindade, acrescenta: “Mas vós, como homens, morrereis”,²⁹⁵ indicando ao mesmo tempo a generosidade do seu dom, a nossa fraqueza e a nossa liberdade.

Com efeito, na sua generosidade, ele concedeu magnificamente o bem e fez os homens livres à sua semelhança: na sua presciência conheceu a fraqueza do homem e o que a ela seguir-se-ia; e pelo seu amor e pelo seu poder triunfará da substância da natureza criada. Mas era preciso que primeiramente aparecesse a natureza, que depois fosse vencido e absorvido o mortal pela imortalidade, o corruptível pela incorruptibilidade e finalmente o homem se tornasse imagem e semelhança de Deus, depois de ter recebido o conhecimento do bem e do mal.

Docilidade para com a ação de Deus

39,1. O homem recebeu o conhecimento do bem e do mal. O bem consiste em obedecer a Deus, acreditar nele e observar os seus mandamentos, e isto é vida para o homem; e o mal consiste na desobediência a Deus e isto é a sua morte. Pela magnanimidade de Deus o homem conheceu o bem da obediência e o mal da desobediência, para que o olho da alma, experimentando a ambos, escolha com juízo o melhor e nunca seja preguiçoso e negligente com o mandamento de Deus, e

experimentando que o que lhe tira a vida, isto é, o desobedecer a Deus, é mal, nem ao menos o tente, e o que lhe conserva a vida, isto é, obedecer a Deus, é bem, o observe com toda atenção e diligência. Por isso recebeu a dupla possibilidade de conhecer um e outro para que possa escolher o melhor com competência. Como poderia conhecer o bem se lhe tivesse ignorado o contrário? A percepção das coisas presentes é mais firme e segura do que uma conjectura feita por suposição. Como a língua, pelo gosto, experimenta o doce e o amargo e o olho, pela visão, distingue o preto e o branco, e a orelha, pelo ouvido, percebe a diferença dos sons, assim o espírito, depois de ter adquirido pela experiência de um e de outro o conhecimento do bem, torna-se mais firme em conservá-lo, obedecendo a Deus; primeiramente, pela penitência, rejeita a desobediência, como coisa amarga e má, e, depois, entendendo o que é o contrário do doce e do bem, nunca tente experimentar o gosto da desobediência a Deus. Se alguém se furta ao conhecimento de um e de outro e à sua dúplici percepção, sem se aperceber, elimina-se como homem.

39,2. Como poderia ser Deus aquele que ainda não foi feito homem? Como poderá ser perfeito quem acaba de ser feito? Como poderia ser imortal quem na natureza mortal não obedeceu ao Criador? É necessário que antes sigas a ordem humana para em seguida participar da glória de Deus. Com efeito, não és tu que fazes Deus, mas é Deus quem faz a ti. Se, portanto, és obra de Deus espera pacientemente a mão do teu artífice que faz todas as coisas em tempo oportuno, de maneira adaptada a ti que és feito. Apresenta-lhe coração dócil e flexível, guarda a forma que o artífice te deu e a humildade que está em ti para que não endureças e percas o modo que os seus dedos te dão. Conservando a forma te avizinharás da perfeição e, pela arte de Deus, ficará oculta a argila que está em ti. A sua mão criou a tua substância; ela te banhará de ouro puro e de prata, por fora e por dentro e te embelezará, tanto que o próprio Rei será cativado pela tua formosura. Mas se, logo endurecido, recusas a sua arte e te mostras descontente por ter sido feito homem, pela tua ingratidão a Deus, perdes ao mesmo tempo a sua arte e a vida. Fazer é próprio da bondade de Deus, ser feito é próprio da natureza do homem. Se, portanto, lhe entregarás o que é teu, isto é, a fé nele e a submissão, receberás o benefício da sua arte e serás a obra perfeita de Deus.

39,3. Se, porém, lhe resistes e te esquivas da sua mão deverás procurar em ti que não obedeste a causa da tua imperfeição e não naquele que te chamou. Porque ele enviou os seus servos para convidar à festa de casamento e os que não os escutaram privaram-se a si mesmo do banquete do reino.

Não é a arte de Deus que falta, porque ele pode suscitar de pedras filhos a Abraão, mas quem não a aceita é a causa da sua imperfeição. Não é a luz que falta para os que se cegaram, mas enquanto ela fica sempre igual, estes cegos, por sua culpa, se encontram nas trevas. Ninguém está necessariamente submetido à luz, nem Deus obriga os que não querem conservar a sua arte. Os que se separaram da luz do Pai e transgrediram a lei da liberdade, por sua culpa se afastaram, porque foram criados livres e donos de seus atos.

39,4. E Deus que conhece todas as coisas antecipadamente preparou para uns e outros morada conveniente: aos que procuram a luz da incorruptibilidade e tendem a ela, dá com bondade a luz que desejam; aos que a desprezam e se afastam fugindo dela, que de certa maneira cegam-se a si mesmos, preparou obscuridade, como convém, e aos que se subtraem à submissão a Deus, castigo apropriado. A submissão a Deus é o descanso eterno e os que fogem da luz terão lugar digno da sua fuga e os que fogem do descanso eterno terão morada apropriada à sua fuga. Todos os bens se encontram em Deus e os que fogem de Deus por sua própria vontade privam-se de todos os bens e, privados de todos os bens que se encontram em Deus, justamente cairão sob o justo juízo de Deus. Os que fogem ao

descanso é justo que vivam na pena e os que fogem da luz é justo que vivam nas trevas. É como acontece com esta luz temporal: os que fogem dela são para si mesmos a causa de serem privados dela e morarem nas trevas e não é a luz a causa de eles estarem nesta morada, como dissemos acima. A mesma coisa se dá com os que fogem da luz eterna de Deus, que contém todos os bens: por culpa própria são para si a causa de morarem nas trevas eternas e de serem privados de todos os bens.

Prêmio e castigo segundo o mérito

40,1. Portanto, há um só e idêntico Deus Pai para os que aspiram à comunhão com ele e perseveram na submissão a ele, para os quais preparou os seus bens, e para o iniciador da apostasia, isto é, o diabo e os anjos que apostata-ram com ele, para os quais preparou o fogo eterno, em que serão lançados, como diz o Senhor, os que estiverem à sua esquerda. É o que foi dito pelo profeta: “Eu sou Deus ciumento que faço a paz e crio o mal”:²⁹⁶ com os que se arrependem e convertem a ele faz a paz e estabelece a amizade e a união; para os que não se arrependem e fogem da sua luz prepara o fogo eterno e as trevas exteriores, que são o mal para os que caem neles.

40,2. Se o Pai que dá o descanso fosse diverso do Deus que prepara o fogo, também seriam diversos os seus Filhos: um enviaria ao reino do Pai e o outro ao fogo eterno. Mas como é um só e idêntico o Senhor que anunciou que separaria o gênero humano, quando do juízo, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos e que dirá a uns: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino preparado para vós”, e aos outros: “Ide longe de mim, malditos, ao fogo eterno que meu Pai preparou para o diabo e seus anjos”,²⁹⁷ evidentemente um só e idêntico deve ser o Pai que faz a paz e cria o mal e prepara para uns e outros o que é justo, e como único juiz manda uns e outros ao lugar que mereceram.

É o que o Senhor mostrou na parábola do joio e do trigo: “Da mesma forma que se junta o joio e se queima no fogo, assim será no fim do mundo: o Filho do homem enviará seus anjos e eles apanharão de seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha ardente: ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no reino do seu Pai”.²⁹⁸ Portanto, o Pai que preparou para os justos o reino no qual o Filho acolheu os que são dignos, este mesmo preparou a fornalha ardente na qual serão lançados os que são dignos dela, pelos anjos enviados pelo Filho do homem, segundo a ordem do Senhor.

40,3. O Senhor semeara a boa semente no seu campo — “Este campo, diz, é o mundo”; — “mas enquanto os homens dormiam veio o inimigo, semeou o joio no meio do trigo e foi-se embora”.²⁹⁹ Este inimigo é o anjo apóstata que, desde que se tornou ciumento da obra modelada por Deus, se esforçou por torná-la inimiga de Deus. Por isso Deus afastou de si aquele que por própria vontade semeara secretamente o joio, isto é, introduziu a transgressão e teve piedade do homem que, por inadvertência, ainda que culpada, aceitou a desobediência e retorceu contra o autor da inimizade a inimizade que queria fomentar contra ele; tirou a inimizade contra o homem, desviando-a e dirigindo-a contra a serpente. É o que indica a palavra de Deus relatada pela Escritura: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela; ela te pisará a cabeça e tu olharás o seu calcanhar”.³⁰⁰ Esta inimizade assumiu-a o Senhor tornando-se homem, “nascido de mulher”, e lhe pisou a cabeça, como mostramos no nosso livro precedente.

Os maus são filhos do diabo

41,1. Visto que falou dos anjos do diabo, para os quais foi preparado o fogo eterno, e do joio do qual diz: o joio são os filhos do maligno, forçoso é reconhecer que todos os apóstatas estão ligados

ao que foi o iniciador desta transgressão. Disso, porém, não segue que o diabo fizera por si mesmo os anjos ou os homens. O diabo não criou absolutamente nada, porque ele também é criatura de Deus, como todos os outros anjos. Foi Deus que fez todas as coisas, como diz Davi acerca de todas estas coisas: “Ele disse e foram feitos; ele mandou e foram criados”.³⁰¹

41,2. Desde que todas as coisas foram feitas por Deus e o diabo se tornou para si e para os outros a causa da apostasia, é justo que a Escritura chame filhos do diabo e anjos do maligno os que se mantém para sempre na apostasia. A palavra “filho”, como disse alguém antes de nós, pode ser entendida de duas maneiras: primeira, por natureza, porque nasceu como filho; e segunda, por ser adotado ou por conveniência, ainda que continue a diferença entre ser e tornar-se: o primeiro nasceu do outro, o segundo foi feito pelo outro, respectivamente por via natural ou por via de ensinamento; quem foi instruído por outro por meio da palavra é chamado filho de quem o instruiu e este o pai daquele. Segundo a natureza, por assim dizer, somos todos filhos de Deus, porque fomos criados por ele, mas segundo a obediência e o ensinamento nem todos somos filhos de Deus, mas o são somente os que crêem nele e fazem a sua vontade. Os que não crêem e não fazem a sua vontade são os filhos e os anjos do diabo, enquanto fazem as obras do diabo. Que as coisas sejam assim mesmo, ele o disse em Isaías: “Gerei filhos e os criei, mas eles me desprezaram”. E ele os chama também filhos estrangeiros: “Filhos estrangeiros mentiram a mim”.³⁰² Com efeito, segundo a natureza eles são seus filhos, mas, segundo as suas obras não o são.

41,3. Como entre os homens os filhos rebeldes aos pais e rejeitados continuam filhos por natureza, mas juridicamente são renegados e não são mais os herdeiros dos seus pais naturais, assim se dá com Deus: os que não lhe obedecem são renegados, deixam de ser filhos e, por isso, perdem o direito à herança, como diz Davi: “Os pecadores são estrangeiros desde o seio materno, para eles uma cólera semelhante à contra a serpente”.³⁰³ Por isso, o Senhor chamou de raça de víboras aos que sabia serem da raça humana, porque, semelhantes a estes animais, se portam tortuosamente e prejudicam os outros: “Tomai cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus”, diz. Falando de Herodes, diz da mesma forma: “Ide dizer a esta raposa”³⁰⁴ indicando a sua astúcia e esperteza. Eis por que o profeta Jeremias diz: “Os homens tornaram-se como garanhões no cio; cada um relinchando para a mulher de seu próximo”.³⁰⁵ Isaías, pregando na Judéia e disputando com Israel, os chamava “Príncipes de Sodoma e povo de Gomorra”, indicando que a sua transgressão era semelhante à dos sodomitas e que cometeram os mesmos pecados que eles, e os chamava com o mesmo nome por causa da mesma conduta. E que não tivessem sido feitos assim por Deus e que poderiam ser capazes de agir também com justiça é o que o mesmo Isaías lhes dizia, dando-lhes um bom conselho: “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a malícia dos vossos corações de diante dos meus olhos, parai com as vossas iniquidades”;³⁰⁶ isto é, cometendo a mesma transgressão e pecado tiveram a mesma repreensão que os sodomitas, mas se eles se convertessem, arrependendo-se e cessando sua malícia, poderiam ser filhos de Deus e obter a herança da incorruptibilidade que lhes oferecia. É este o sentido com que o Senhor chamou anjos do diabo e filhos do maligno os que acreditam no diabo e cumprem as suas obras. No princípio todos foram criados pelo único e mesmo Deus e enquanto acreditam e permanecem submissos a Deus e guardam os seus ensinamentos são filhos de Deus, mas quando apostatam e passam a ser transgressores são unidos ao diabo que foi o iniciador e a causa original da apostasia tanto para si como para os outros.

CONCLUSÃO

41,4. Visto que são muitas as palavras do Senhor que proclamam um só e idêntico Pai, criador do mundo, era necessário que refutássemos com provas abundantes os que são presa de muitos erros na esperança de que confundidos por esta abundância de provas e voltando à verdade, pudessem ser salvos. A este escrito, porém, é necessário acrescentar, depois das palavras do Senhor, também as de Paulo; teremos que examinar o seu pensamento, expô-lo, e elucidar tudo o que os hereges, que não entenderam absolutamente as palavras de Paulo, interpretaram em sentido diverso; mostraremos a sua estúpida loucura e provaremos com as próprias palavras de Paulo, de onde tiram as dificuldades que nos apresentam, que eles são mentirosos, ao passo que o Apóstolo, como pregador da verdade, ensinou todas as coisas de acordo com o querigma da verdade, isto é, um só Deus Pai, que falou a Abraão, que estabeleceu a Lei, que inicialmente enviou os profetas e nos últimos tempos enviou o seu Filho e que ofereceu a salvação à sua criatura feita de carne.

Exporemos, portanto, em outro livro, as outras palavras do Senhor em que fala do Pai não já com parábolas, mas com palavras explícitas; e apresentaremos também as palavras do bem-aventurado Apóstolo, oferecendo-te, assim, pela graça de Deus e na sua integridade, a nossa obra de denúncia e refutação da pseudognose, depois de nos ter exercitado, eu e tu, nestes cinco livros, na refutação de todos os hereges.

1 O IV livro pretende estabelecer a unidade dos dois Testamentos. Seu plano compreende 3 partes. Além do prefácio e conclusão, temos: a) unidade dos dois Testamentos, provada pelas próprias palavras de Cristo (nn. 1-19); b) o AT é profecia do NT (nn. 20-35); c) a unidade dos dois Testamentos é comprovada pelas parábolas de Cristo (nn. 36-41,3).

2 Lc 1,2.

3 2Cor 11,3.

4 Gn 1,26. A própria carne do homem é feita à imagem de Deus; ela ressuscitada, verá a Deus. No entanto, a afirmação deste texto (“o homem é composto de corpo e alma, uma carne formada à imagem de Deus e modelada por suas mãos...”) apresenta duas dificuldades: a) foi perdido o texto original, as traduções existentes (latina e armenia) são diferentes. O texto apresentado acima segue a tradução armenia. O texto latino seria traduzido assim: “o homem é um composto de corpo e alma, formado o homem à imagem de Deus e modelado por suas mãos...”; b) a outra questão é: quem é formado e modelado à imagem de Deus? — O homem ou sua carne?

A. Orbe, entre outros, afirma ser preferível a tradução armena por causa da coerência interna do pensamento do autor — que está a combater os gnósticos, os quais concordam com a salvação do homem (da alma), mas não da carne. Outros bons autores têm opinião diversa. Aceitando a tradução armena evita-se toda perspectiva dicotomista de alma e corpo — própria da cultura helênica. Sendo o homem imagem de Deus, inclusive em sua carne, há que se empenhar mais o próprio homem pela dignidade real de cada pessoa desde sua situação física, política, social e econômica — fato proposto na história e na contem-poraneidade.

Ainda aqui está presente o tema das “mãos criadoras de Deus” (o Verbo e o Espírito), tão caro aos Padres da Igreja.

[5](#) Dt 32,1.

[6](#) Sl 121,2.

[7](#) Is 1,2; 42,5.

[8](#) Mt 11,25; Lc 10,21.

[9](#) Dt 6,4.

[10](#) Jo 5,46-47.

[11](#) Lc 16,31.

[12](#) Lc 16,19.

[13](#) Is 5,12.

[14](#) Mt 5,34-35.

[15](#) Is 66,1.

[16](#) Mt 21,13

[17](#) Is 1,23.

[18](#) Jr 4,22.

[19](#) Mt 10,6.

[20](#) Jo 4,41-42.

[21](#) Rm 11,26.

[22](#) Cf. Nm 21,8; Rm 8,3; Jo 12,32.

[23](#) 1Cor 7,31.

[24](#) Sl 102,26-29.

[25](#) Is 51,6.

[26](#) Is 27,6.

[27](#) Lc 16,16.

[28](#) Is 1,8.

[29](#) Ml 3,19; Sf 1,18.

[30](#) Mt 3,11-12; Lc 3,16-17.

[31](#) Sl 49,21.

[32](#) Ef 2,7; 3,8.

[33](#) Is 43,10-12; 41,1.

[34](#) Mt 22,29.

[35](#) Mt 22,31-32; Lc 20,38.

[36](#) Dn 14,4-5.25.

[37](#) Jo 11,25.

[38](#) Sl 45,17.

[39](#) Jo 8,56.

[40](#) Rm 4,3; Gl 3,6.

[41](#) Gn 14,22.

[42](#) Mt 11,27; Lc 10,22.

[43](#) Mc 1,24; Lc 4,34.

[44](#) Mt 4,3; Lc 4,3.

[45](#) Mt 11,27; Lc 10,22.

[46](#) Lc 2,29-32.

[47](#) Lc 1,46-47.

[48](#) Jo 8,56.

[49](#) Mt 3,9.

[50](#) Cf. Rm 4,12-18.

[51](#) Mt 5,14.

[52](#) Jo 14,6-7. Duas condições se impõem para conhecer o Pai: a própria benevolência do Pai e a ação reveladora do Filho.

[53](#) Ex 3,7-8.

[54](#) Rm 4,3; Gl 3,6.

[55](#) Lc 13,29.28.

[56](#) Lc 13,15-16.

[57](#) Mt 12,3-4.

[58](#) Dt 33,9.

[59](#) Dt 10,9; 18,1.

[60](#) Fl 4,17.

[61](#) Mt 12,5.

[62](#) Mt 3,10; 1Cor 3,17.

[63](#) Mt 13,52.

[64](#) Mt 23,34.

[65](#) Sl 96,1; 98,1; Is 42,10-12; Jr 31,31-32.

[66](#) Mt 12,6.

[67](#) Jo 1,50; Fl 3,12; 1Cor 13,9-10.

[68](#) Mt 5,8.

[69](#) Is 25,9.

[70](#) 1Pd 1,8.

[71](#) Contra os heréticos que afirmavam diferenças na ação salvadora de Deus ou das divindades. Deus não é dualista (primeiro criador e depois salvador). Ele fez uma só coisa (a criação em Cristo), por isto o progresso é consequência da unidade.

[72](#) Mt 15,3-4.6.

[73](#) Jo 5,39-40.

[74](#) Jo 5,46.

[75](#) Dt 16,5-6.

[76](#) Gn 49,10-12.

[77](#) Dt 32,6.

[78](#) Dt 28,66; 32,6.

[79](#) Mt 13,17.

[80](#) Gn 1,28.

[81](#) Este axioma perde seu efeito em certas traduções (inclusive em português), porque enquanto a ação de Deus é algo dinâmico e contemporâneo (Deus faz), o outro termo é apresentado na passividade (o homem é feito). Na verdade o sentido implica em uma clara evolução. Tal dinamismo vem afirmado um pouco mais abaixo: “Deus é sempre o mesmo, o homem que se encontra em Deus progredirá sempre em direção a Deus. Deus o faz para o crescimento e desenvolvimento (in augmentum et incrementum)”. A língua espanhola traduz mais proximamente o axioma: “Dios hace e el hombre se hace” (cf. IV,11,1 e IV,39,2).

[82](#) Mt 25,21.

[83](#) Sl 35,9.

[84](#) Mt 21,9; cf. Sl 118,25-26.

[85](#) Mt 21,16; cf. Sl 8,3.

[86](#) Sl 8,2-3.

[87](#) Is 1,22.

[88](#) Mt 15,3.

[89](#) Cf. Rm 13,10; 1Cor 13,13.

[90](#) Mt 23,2-4.

[91](#) Is 29,13.

[92](#) Rm 10,3-4.

[93](#) Ex 3,7-8.

[94](#) Mt 19,17-19.

[95](#) Mt 19,20-21.

[96](#) Lc 19,8.

[97](#) Cf. Mt 5,17.21-34.37.20.

[98](#) Mt 5,40.

[99](#) Mt 5,41.

[100](#) Mt 5,45.

[101](#) Jo 15,15.

[102](#) Esta é uma tradicional afirmação da Igreja: Deus, por puro amor, criou o homem para fazê-lo participar de seus bens; contrariamente a certas teogonias que explicam a necessidade da criação dos homens para satisfazer caprichos e/ou necessidades dos deuses.

[103](#) Jo 17,5.

[104](#) Jo 15,16.

[105](#) Jo 17,24.

[106](#) Is 43,5-7.

[107](#) Ap 1,15.

[108](#) O plano de Deus ou a economia da salvação consiste num desígnio de amor que se revela e se realiza na história do homem e culminará na plenitude do tempo, a ser concretizada pela “recapitulação” — obra do Verbo. Formam parte do plano de Deus tanto as intervenções históricas de caráter universal, nacional (povo eleito) quanto de cada homem. Por isto a história da salvação consiste num progressivo acostumar-se ao Espírito e manter comunhão com Deus.

[109](#) Ex 25,40.

[110](#) 1Cor 10,4.11.

[111](#) Dt 5,22; cf. Mt 19,17.

[112](#) Ez 20,24-25.

[113](#) At 7,38-49.

[114](#) Ex 33,2-3.

[115](#) Mt 19,7-8.

[116](#) 1Cor 7,12.6.25.5.

[117](#) Gn 17,9-11.

[118](#) Ez 20,12.

[119](#) Ex 31,13.

[120](#) Cl 2,11.

[121](#) Dt 10,16.

[122](#) Rm 8,36.

[123](#) Tg 2,23; cf. Gn15,6.

[124](#) Dt 5,2-3.

[125](#) 1Tm 1,9.

[126](#) Dt 8,3.

[127](#) Dt 5,22.

[128](#) Dt 10,12.

[129](#) Dt 30,19-20.

[130](#) Dt 4,14.

[131](#) Mt 12,36; 5,28; 5,22.

[132](#) 1Sm 15,22.

- [133](#) Sl 40,7.
- [134](#) Sl 51,18-19.
- [135](#) Sl 50,9-13.
- [136](#) Sl 50,14-15.
- [137](#) Is 1,11.16-18.
- [138](#) Jr 6,20; 7,2-4.
- [139](#) Jr 7,21-25.
- [140](#) Jr 9,23.
- [141](#) Is 43,23-24.
- [142](#) Is 66,2.
- [143](#) Jr 11,15; Is 58,6-9.
- [144](#) Zc 7,9-10; 8,16-17.
- [145](#) Sl 34,13-15.
- [146](#) Os 6,6; Mt12,7.
- [147](#) Cf. Mt 26,26-28.
- [148](#) Ml 1,10-11.
- [149](#) Ml 1,11.
- [150](#) Mt 5,23-24.
- [151](#) Dt 16,16.
- [152](#) Cf. Lc 21,4.
- [153](#) Gn 4,7.
- [154](#) Mt 23,27-28.
- [155](#) Mt 23,26.
- [156](#) Jr 22,17.
- [157](#) Is 30,1.
- [158](#) Gn 4,7.
- [159](#) Jo 19,11.
- [160](#) Is 66,3.
- [161](#) Fl 4,18.
- [162](#) Mc 4,27-28.
- [163](#) Pr 19,17.
- [164](#) Mt 25,34-36.
- [165](#) Ap 11,19; 21,3.
- [166](#) Cf. Is 40,12; Ef 3,18.
- [167](#) Ef 1,21.
- [168](#) Jr 23,23-24.
- [169](#) Gn 2,7.
- [170](#) Gn 1,26.
- [171](#) Cf. Hermas, Mandamentos 1.
- [172](#) Ml 2,10.
- [173](#) Ef 4,6.
- [174](#) Mt 11,27.
- [175](#) Ap 3,7.
- [176](#) Ap 5,3.12.9.
- [177](#) 1Pd 2,22.
- [178](#) Pr 3,19-20; 8,22-25.27-31.
- [179](#) Outra vez é enfatizado o motivo da encarnação: unir o homem a Deus — decisão prévia a todo pecado, feita pela Trindade

econômica.

[180](#) Lc 1,71.74-75.

[181](#) Mt 5,8.

[182](#) “Ver a Deus” é tema caro ao autor, que constata progressão da história humana coletiva e individual. Na primeira, “ver a Deus” passa pelos profetas, pela encarnação do Verbo e termina na parusia; na segunda, o processo é ação do Espírito Santo no coração de cada homem.

[183](#) Este é o texto mais expressivo do autor sobre o valor salvífico da visão de Deus, e está fundamentado numa teologia trinitária.

[184](#) Dt 5,24.

[185](#) Os 12,11; 1Cor12,4-7.

[186](#) Jo 1,18.

[187](#) Este é certamente o mais conhecido axioma de Ireneu. Mons. Romero, adaptando-o à América Latina, parafraseou-o assim: “A glória de Deus é o pobre que vive, e a vida do pobre é a visão de Deus”.

[188](#) Ex 34,6-7.

[189](#) Ex 33,11.20-22.

[190](#) 1Rs 19,11-12.

[191](#) Ez 1,28.

[192](#) Jo 1,18.

[193](#) Cf. Dn 2,34-35; 7,13-14.

[194](#) Ap 1,12-16.

[195](#) Ap 1,17; Ex 33,20; Jo13,25; Ap 1,17-18; 5,6-7; 19,11-16.

[196](#) Os 1,2.6-9; 1Cor 7,14; Rm 9,25-26.

[197](#) Mt 21,31.

[198](#) Gl 3,5-9.

[199](#) Rm 9,10-13; cf. Gn 25,22-23.

[200](#) Ap 6,2.

[201](#) Cf. Gn 25,29-34; Cl 1,15; Jo 19,15.

[202](#) Sl 2,8.

[203](#) Gl 4,4; Is 4,4; cf. Jo13,5.

[204](#) Mt 13,17.

[205](#) Rm 3,30.

[206](#) Jo 4,35-38.

[207](#) Mt 1,20-23; cf. Is 7,14.

[208](#) Lc 4,18-21; cf. Is 61,1.

[209](#) Is 53,7; At 8,32-33.

[210](#) Mt 10,6; At 2,41; 4,4.

[211](#) 1Cor 15,10.

[212](#) Ef 1,21.

[213](#) Jo 4,37.

[214](#) Jr 9,1; Jo 4,36.

[215](#) Dn 12,4.7; Jr 23,20.

[216](#) Dn 12,3.

[217](#) Cf. Lc 24,26.46-47; Mt13,52.

[218](#) Dn 13,56; 13,52-53; Mt 24,48-51.

[219](#) Nm 16,15; 1Sm 12,2-5.

[220](#) 2Cor 2,17; 7,2.

[221](#) Is 60,17; Mt 24,45-46.

[222](#) 1Cor 12,28.

[223](#) 2Sm 11,27; 12,1-7.13.

[224](#) IRs 8,27.
[225](#) IRs 11,1-9.
[226](#) Em sentido diverso, a Bíblia de Jerusalém: “todos os homens estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23).
[227](#) Rm 6,9; 11,21.17.
[228](#) 1Cor 10,1-12.
[229](#) 1Cor 6,9-10.11.
[230](#) 1Cor 5,11; Ef 5,6-7.
[231](#) Rm 1,18.
[232](#) Lc 18,7-8; 2Ts 1,6-10.
[233](#) Sl 34,17.
[234](#) Mt 25,41.34.
[235](#) 2Cor 2,15-16.
[236](#) Mt 13,10-16.
[237](#) 2Cor 4,4; Rm 1,28; 2Ts 2,11-12.
[238](#) Ex 3,19.
[239](#) Ex 1,13-14.
[240](#) Mt 7,5.1-2.
[241](#) Lc 3,11; Mt 25,35-36; 6,3.
[242](#) Lc 16,9.
[243](#) Gn19,33.35; 19,31-32.
[244](#) Dt 32,6.
[245](#) Mt 11,19; Sl 3,6; Jr 31,26.
[246](#) Gn1,3; Jo1,3; Ef 4,5-6.16.
[247](#) 1Cor 2,15.
[248](#) Iliada 9,312-313.
[249](#) Mt 5,12.
[250](#) Zc 12,10; Jo19,37; Lc 18,8.
[251](#) 2Ts 1,6-8.
[252](#) Mt 25,41.
[253](#) 2Ts 1,9-10.
[254](#) Sl 45,3.8.4-5.
[255](#) Jr 17,9; Is 8,3; 9,5.
[256](#) Am 1,2; Sl 76,2.
[257](#) Is 35,5-6; 35,3; 26,19; 53,4; Mt 8,17.
[258](#) Am 8,9-10.
[259](#) Jr 15,9.
[260](#) Sl 19,7; 99,1.
[261](#) Mt 24,21; Is 50,8.10; 50,9; 2,17.
[262](#) Mt 5,17-18.
[263](#) Is 2,3-4; Mq 4,2-3.
[264](#) Is 57,1.
[265](#) Mt 9,16-17.
[266](#) Mt 21,33-43.
[267](#) Zc 7,9-10; 8,17; Is1,16-18; Sl 34,14-15.
[268](#) Jr 7,29-30; 6,17-18.
[269](#) Lc 21,34-36;12,35-36;17,26-30; Mt 24,42.
[270](#) Mt 11,23-24.

[271](#) Mt 22,1-14.

[272](#) Mt 5,35.

[273](#) Jr 35,15; 7,25-28.

[274](#) 2Cor 5,4; Mt 22,13.

[275](#) Jo 5,14.

[276](#) Mt 22,7; Sl 24,1.

[277](#) Rm 13,1-6.

[278](#) Mt 5,45.

[279](#) Cf. Lc 15,11-32.

[280](#) Cf. Mt 20,1-16.

[281](#) Cf. Lc 18,10-14.

[282](#) Cf. Mt 21,28-32.

[283](#) Cf. Lc 13,6-9; 13,7.

[284](#) Mt 23,37-38; 8,11-12.

[285](#) Rm 2,4-5; 2,10.

[286](#) Mt 5,16; Lc 21,34; 12,35-36.43-47; 6,46.

[287](#) 1Cor 6,12; 10,23.

[288](#) Cf. 1Pd 2,16; Ef 4,25.29; 5,8; 1Cor 6,11.

[289](#) Mt 9,29; 8,13; Jo 3,36; Mt 23,37-38.

[290](#) 1Cor 9,24-27.

[291](#) Jr 2,19.

[292](#) O n. 38 contém com propriedade toda a teologia de Ireneu sobre o progresso do homem e da humanidade toda. A lei do progresso explica o sentido das duas vindas de Cristo: ser criado supõe ausência das perfeições divinas; o homem, porque está situado na história, deve crescer; só crescendo poderá receber a Perfeição. Cristo, pois, veio libertá-lo, elevá-lo à Perfeição.

[293](#) 1Cor 3,2-3.

[294](#) Esta é uma síntese muito feliz que apresenta a dinâmica da ação criadora de Deus Uno e Trino; ao mesmo tempo, enfatiza a participativa ação humana, através de sucessivas etapas.

[295](#) Sl 82,6.7.

[296](#) Is 45,7.

[297](#) Mt 25,32.34.41.

[298](#) Mt 13,40-43.

[299](#) Mt 13,24.38.25.

[300](#) Gn 3,15.

[301](#) Sl 33,9.

[302](#) Is 1,2; Sl 18,45-46.

[303](#) Sl 58,4-5.

[304](#) Mt 23,33; 16,6; Lc 13,32.

[305](#) Jr 5,8.

[306](#) Is 1,10.16.